



**Poder Executivo**  
**Ministério da Educação**  
**Universidade Federal do Amazonas**  
**Instituto de Ciências Humanas e Artes - Departamento de Geografia**  
**Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEOG**  
Aprovado pela Resolução nº 009 – CONSUNI de 17/08/95  
Credenciado pela CAPES em setembro de 2007. Conceito 4 (CAPES, 2013)



**ANDRÉIA CARLA ROSSY DE SALES SANTIAGO**

**ESPACIALIZAÇÃO DA CRIMINALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A  
RELAÇÃO ENTRE DENSIDADE DEMOGRÁFICA E VIOLÊNCIA  
EM MANAUS, AM**

**MANAUS, AM - 2016**

**ANDRÉIA CARLA ROSSY DE SALES SANTIAGO**

**ESPACIALIZAÇÃO DA CRIMINALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A  
RELAÇÃO ENTRE DENSIDADE DEMOGRÁFICA E VIOLÊNCIA  
EM MANAUS, AM**

Dissertação de Mestrado apresetada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Alves de Souza

**MANAUS, AM - 2016**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S235e Santiago, Andreia Carla Rossy de Sales  
Espacialização da criminalidade : um estudo sobre a relação entre densidade demográfica e violência em Manaus, AM / Andreia Carla Rossy de Sales Santiago. 2016  
98 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Geraldo Alves de Souza  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ocorrências Policiais. 2. Densidade Demográfica. 3. Ronda no bairro. 4. Criminalidade. I. Souza, Geraldo Alves de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## DEDICATÓRIA

A Deus, Senhor de todas as coisas.

Ao meu amor, Raimunda Santiago (*in memorian*).

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi feito por muitas mãos, desde daquelas que tiveram um papel direto até indireto para a realização desta empreitada. Primeiramente agradeço a Deus, pois sem Ele nada sou. A Ele toda a honra e toda a glória. Em especial à minha mãe (*in memoriam*) pelo amor incondicional, por renunciar tudo por mim e meus irmãos e pelas orações de madrugada e por ser aquela na qual me espelho todos os dias. A minha família maravilhosa e ao meu namorado, não mudaria nenhum deles, todos são meus amores, meu apoio, minha base. que por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre estiveram presentes com palavras de ânimo e confiança. Ao professor Geraldo Alves, pela orientação, confiança nesses anos de trabalho e, acima de tudo, pela paciência e cuidado nos diversos momentos. À Secretaria de Segurança Pública – SSP e Secretaria de Inteligência – SEAI pelos dados fornecidos, principalmente na pessoa do ex-secretário Thomaz Vasconcelos e atual secretária Tâmera Assad pelas concessões para poder estudar, contribuindo assim para meu crescimento intelectual e profissional. À Polícia Militar do Amazonas, principalmente na pessoa do Cap. Rouget, Ten. Eduardo Pereira e Sd. Glauber Carvalho que sempre se mostraram solícitos e generosos em dividir seus conhecimentos comigo. Agradeço a todos os funcionários da UFAM, mas não poderia deixar de mencionar dona Graça Luzeiro, secretária do Programa, que atenciosamente respondia meus *e-mails* e buscava me ajudar. Agradeço à Ana Paula Medeiros e Camila Louzada por estarem sempre dispostas a me ajudar. Aos oficiais da Academia de Polícia Militar Neper Alencar, em especial aos Capitães Selma e Eduardo. Por mais que eu agradeça ainda é pouco. Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para essa realização.

## RESUMO

O presente trabalho procurou analisar as ocorrências policiais da área urbana de Manaus/AM referente ao ano de 2013 de modo alternativo ao convencional, ou seja: ao invés de tratar as ocorrências em valores absolutos por bairros, buscou-se associá-los à população residente, reconhecendo a relação entre habitantes e criminalidade. Admitiu-se a hipótese de que há uma relação entre densidade demográfica e criminalidade e que este modo de tratar os dados alteraria o mapa da criminalidade em Manaus. Por tanto os dados policiais georreferenciados foram comparados com estimativas da população residente no bairro para o mesmo ano e com os habitantes por setores censitários do censo demográfico de 2010. Utilizando o Sistema de Informações Geográficas – SIG, os levantamentos foram manipulados e mapas elaborados para toda a cidade (visão geral), por bairros e por setores censitários (detalhamento) sobre a distribuição da população e sobre as ocorrências policiais, por natureza de crime. Com os procedimentos metodológicos adotados e os resultados obtidos foi possível concluir que relativizar as ocorrências pela população residente aumenta substancialmente o mapa da criminalidade da cidade. Os bairros com menor índice de criminalidade acabaram ficando em evidência em função da baixa densidade demográfica, enquanto outros, tidos como violentos, ficaram em posição de menor destaque quando comparados as ocorrências com a população residente. Também foi possível concluir que para algumas naturezas de crime e relação entre criminalidade e densidade demográfica é diretamente proporcional; para outras ocorre o inverso dos dados contrapartidos na pesquisa.

**Palavras-chaves:** Manaus; Ocorrências Policiais; Densidade Demográfica; Ronda no bairro; SIG

## **ABSTRACT**

This study sought to examine the police reports the urban area of Manaus / AM 2013 alternatively to conventional, ie: instead of dealing with occurrences in absolute values for neighborhoods, we sought to associate them to the resident population, recognizing the relationship between people and crime. the hypothesis was assumed that there is a relationship between population density and crime and that this way of treating the data would change the map of crime in Manaus. Therefore the geocoded police data were compared with estimates of the resident population in the neighborhood for the same year and with the inhabitants for census tracts in the census of 2010. Using the System of Geographical Information - SIG, the surveys were handled and prepared maps for all city (overview), by districts and census tracts (detail) on the distribution of the population and the police reports for crime nature. With the adopted methodological procedures and obtained resultados was concluded that relativize the events by the resident population substantially changes the city crime map. The neighborhoods with lower crime rate ended up in evidence due to the low population density, while others, seen as violent, were in less prominent position compared occurrences with the resident population. It was also possible to conclude that for some crime of nature and the relationship between crime and population density is directly proportional; for others the reverse of contrapartidos data in the lookup occurs.

**Keywords:** Manaus; Police occurrences; Demographic density; Ronda no Bairro; GIS.

## LISTA DE FIGURAS

	Página
01 Manaus, Densidade demográfica, por setores censitários	56
02 Ocorrências Gerais de 2013	57
03 Total de ocorrências	58
04 Habitantes por ocorrência	60
05 Total de Crimes contra patrimônio	61
06 Total de Furtos	63
07 Adrianópolis – Furtos	65
08 Total de Roubos	66
09 Adrianópolis – Roubos	67
10 Total de latrocínio	69
11 Crimes contra vida	70
12 Lesão corporal dolosa	72
13 Adrianópolis – Lesão corporal dolosa	73
14 Violência Doméstica	74
15 Armando Mendes – Violência doméstica	75
16 Tráfico de Entorpecente	76
17 Educandos – Tráfico de entorpecentes	77
18 Uso Entorpecentes	79
19 Colônia Oliveira Machado – Uso de entorpecentes	80
20 Estupros	81
21 Novo Israel – Estupro	71
22 Armas de Fogo	83
23 Lago Azul – Armas de fogo	84
24 Homicídios	86
25 Lago Azul – Homicídios	87
26 Tentativa de Homicídios	88
27 Colônia Antonio Aleixo – Tentiva de Homicídios	89



## LISTA DE TABELAS

	Página
01 Cidades brasileiras citadas entre as mais violentas do mundo	35
02 Divisão da cidade de Manaus por zonas, bairros e população residente	43
03 Comparativo do crescimento da população de Manaus, Amazonas e Brasil.	48
04 Total de ocorrências dos anos de 2011 e 2012 por natureza de crimes	50
05 Total absoluto e percentuais de ocorrências registradas em 2013	54
06 Total de ocorrências - Melhores e piores bairros	58
07 Habitantes por ocorrência - Melhores e piores bairros	59
08 Total de crimes contra o patrimônio - Melhores e piores bairros	61
09 Furtos - Melhores e piores bairros	63
10 Furtos - Habitantes por ocorrência por setores censitários	65
11 Roubos - Melhores e piores bairros	66
12 Piores setores censitários – habitantes por ocorrência para roubo	67
13 Latrocínio – total de ocorrências - Melhores e piores bairros	68
14 Crimes contra a vida - Melhores e piores bairros	69
15 Lesão corporal dolosa - Melhores e piores bairros	71
16 Piores setores censitários – habitantes por ocorrência para lesão corporal dolosa	72
17 Violência doméstica - Melhores e piores bairros	74
18 Piores setores censitários – habitantes por ocorrência para violência doméstica	75
19 Entorpecentes (tráfico) – Melhores e piores bairros	76
20 Piores setores censitários – habitantes por ocorrência para entorpecente tráfico	77
21 Ocorrências por uso de entorpecentes – Melhores e piores bairros	78
22 Habitantes por ocorrência por uso de entorpecente	79
23 Ocorrências de Estupro - Melhores e piores bairros	80
24 Habitantes por ocorrência por estupro	82
25 Ocorrências por armas de fogo	83
26 Habitantes por ocorrência por arma de fogo	84
27 Homicídios	85
28 Habitantes por ocorrência de homicídio	87
29 Tentativas de homicídio	88
30 Tentativa de homicídio	89

## **LISTA DE SIGLAS**

CICOM - Companhia Interativa Comunitária

CIOPS - Centro Integrado de Operações de Segurança

DIP - Distritos Integrados de Polícia

GPS - Global Positioning System

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

OEI - Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA - População Economicamente Ativa

PCAM - Polícia Civil do Amazonas

PMAM - Polícia Militar do Amazonas

SEAI – Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência

SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública

SEPLAN - Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento

SISP - Sistema Integrado de Segurança Pública

SIG - Sistema de Informações Geográficas

SSP/AM – Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

UEA - Universidade Estadual do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

## SUMÁRIO

	Página
<b>INTRODUÇÃO</b>	11
Objetivos	11
Problema	12
Hipóteses	14
Estrutura da dissertação	14
<b>CAPÍTULO 1 - VIOLÊNCIA URBANA E ALGUMAS TEORIAS SOBRE CRIMINALIDADE</b>	16
1.1 Diferença entre crime, violência e criminalidade	16
1.2 Violência urbana	16
1.2.1 Breve contribuição acerca da criminalidade	16
1.2.2 O que é violência? Como é medida?	18
1.2.3 Possíveis causas da violência	20
1.3 Urbanização inadequada	21
1.4 Teorias sobre as possíveis causas da violência	24
1.4.1 Teorias relacionadas às possíveis causas da violência	24
1.4.1.1 A pobreza gera violência	24
1.4.1.2 Desigualdade social gera violência	26
1.4.2 Teoria relacionada à ecologia social	27
1.4.2.1 A ecologia do crime – a escola de Chicago	27
1.4.3 Teorias relacionadas à densidade demográfica	31
1.4.3.1 A alta densidade aumenta a criminalidade	31
1.4.3.2 A baixa densidade aumenta a criminalidade	32
1.5 Mídia formadora ou deformadora de opinião	33
1.5.1 Ocorrências policiais em valores absolutos relativizados	33
<b>CAPÍTULO 2 - HISTÓRICO DE MANAUS E PROGRAMA RONDA NO BAIRRO</b>	37
2.1 Densidade urbana	37
2.2 Densidade demográfica e violência urbana	39
2.2.1 Espaço urbano	39
2.2.1.1 Urbanização	39
2.2.1.2 Fragmentação do espaço e segregação	44

2.3	Densidade demográfica	47
2.3.1	Definições	47
2.4	Ronda no Bairro	48
2.4.1	Dados estatísticos após implementação do Projeto Ronda no Bairro	49
<b>CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>		<b>51</b>
3.1	Sistema de Informações Geográficas - SIG	51
3.2	Procedimentos Metodológicos	51
3.3	Análise dos resultados	54
3.4	Crimes contra o Patrimônio	61
3.5	Furto	62
3.6	Roubo	65
3.7	Latrocínio	68
3.8	Crimes contra a vida	69
3.9	Lesão corporal dolosa	70
3.10	Violência Doméstica	73
3.11	Entorpecente (tráfico)	76
3.12	Entorpecente (uso)	78
3.13	Estupro	80
3.14	Armas de fogo	82
3.15	Homicídio	85
3.16	Tentativa de homicídio	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>		<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>		<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

“Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.” (Italo Calvino, s.d.)

A situação da criminalidade se acentuou nos últimos anos, mas essa questão vem de longa data, tendo suas causas ligadas a diversos fatores (fatores econômicos, sociais, ausência de infraestrutura, entre outros). Além desses, pode ser ressaltado a falta de envolvimento da sociedade por desconhecimento da sua importância na resolução da questão da segurança pública, fator que dificulta ainda mais a melhoria e sucesso dos programas criados para o combate do crime, ao se considerar o cidadão como aquele que vê e sente as consequências.

Nessa perspectiva o cidadão é passivo e não reage diante de seus direitos à cidadania, ou seja: não é um vigia, que seu olhar pressiona o outro indivíduo, buscando puni-lo, impedindo que este aja mal. Nas palavras de Foucault (2004, p.121.): “Cada um, de acordo com seu lugar é vigiado por todos ou por alguns outros, trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto.”

Na cidade de Manaus a criação do Programa Ronda no Bairro, em 2012, trouxe a possibilidade das ocorrências policiais serem georreferenciadas, e isso é um fator positivo na análise das informações mapeadas utilizando os dados produzidos nos atendimentos efetuados pela Polícia Militar do Estado.

Assim, estudar o espaço urbano e seus desdobramentos torna-se mais interessante ao ser abordado por um estudioso em Geografia, pois traz outra perspectiva para o trabalho, já que esta Ciência não tem seu campo de interesse apenas no estudo da Terra e sua ocupação pelo homem, mas também a relação entre homem e ambiente, assim como a ocupação dos espaços urbanos e rurais.

Dessa maneira, para se chegar nos tempos atuais ter-se-á que abordar desde os primórdios, onde a cidade de Manaus (objeto do presente estudo), não passava de uma cidade província com poucos habitantes, mas que conheceu forte expansão no período da borracha viu ocorrer nova explosão demográfica com a criação da Zona Franca.

Diante do aumento da população, o desenvolvimento da cidade não acompanhou tamanho crescimento e paralelo a isso vieram os problemas com infraestrutura, assim como os problemas sociais, ou seja, aumento das desigualdades sociais e da violência que foram

decorrentes da ausência do estado, acarretando em aumento de criminalidade, necessidade de aumento de pessoal ostensivo e repressivo para dar uma resposta à sociedade.

Esse aumento exarcebado da população residente em Manaus gerou segregação espacial e social, aliada a ausência do Estado contribuiu para o crime, e essa realidade contribuiu para a associação da pobreza à criminalidade, estigmatizando assim grupos inteiros. Para essa estigmatização a mídia tem papel importante, pois as informações passadas por ela podem ajudar ou pior a sensação de segurança.

Usando o bairro da Compensa como exemplo, a mídia repassa à população que a referida área é perigosa, área vermelha como é conhecido os bairros perigosos. Porém, ao relativizar as ocorrências pela população residente vemos que o mesmo não ocupa lugar de destaque.

Para Souza (2008), existe uma Geografia do crime e uma Geografia do medo. A Geografia do Crime é o local onde este ocorreu. Ela é especializável, ela tem uma coordenada. No entanto, o indivíduo de outro bairro, cujo índice de criminalidade é muito menor, vai dizer que a cidade está muito violenta. Em outras palavras, a Geografia do crime passa a ser a Geografia do medo, pois a ocorrência deixa de estar *amarrada* a uma coordenada geográfica e passa a ser produzido um discurso de violência para toda aquela área ou até para a cidade inteira. Esquecendo que apenas parte dela tem mais evidência, seja pela ausência do estado, seja pela configuração geográfica do local que não permite um combate direto.

Para fazer a análise geográfica é necessário responder o 'onde', determinada natureza de crime está ocorrendo, levando em consideração questões econômicas, urbanísticas, a produção espacial e o fato em si que é o crime. É nesse cenário que a pesquisa foi desenvolvida para responder às questões levantadas e verificar se as ocorrências absolutas apresentam os mesmos resultados de quando relativizadas pela população residente no local, e ainda saber se determinada área é estigmatizada ou não pela mídia e, conseqüentemente pela população, construindo outro mapa criminal ou reafirmando o mapa já existente. Sendo assim, a análise do presente estudo realizado sobre Manaus procura analisar a realidade da criminalidade da cidade, correlacionando-a com a distribuição da população, buscando reconhecer possíveis relações entre densidade demográfica e as ocorrências policiais.

### **Objetivo geral**

Correlacionar as ocorrências policiais do ano de 2013 em Manaus com a população residente, levantada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, censo de 2010 e estimativa da população por bairros, do ano de 2013.

### **Objetivos específicos**

- Reconhecer a distribuição da população de Manaus – censo de 2010 (habitantes/hectare);
- Reconhecer a distribuição das ocorrências policiais de Manaus no ano de 2013;
- Correlacionar as ocorrências policiais com a distribuição da população do censo e da estimativa, buscando reconhecer possíveis relações entre densidade demográfica e ocorrências policiais.

### **Problema**

A violência passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. A grande maioria já passou ou presenciou algum tipo de violência, além de alterar o comportamento das pessoas, pois a percepção criada sobre determinado lugar ou classe social acaba interferindo na visão crítica sobre o tema. O medo da violência faz com que a sociedade mude seus costumes, adote uma postura defensiva, e as residências estão cada vez mais fortificadas, mencionando ainda o fato de que determinados lugares passam a ser evitados por serem considerados perigosos. É nesse sentimento de insegurança que é necessário a definição de violência real e violência percebida.

A violência real pode ser notada nos lugares onde em determinado momento é quase certo um ato criminoso. A quantidade de ocorrências para aquela área é alta, além do local tomar lugar de destaque nas estatísticas dos órgãos oficiais, no caso, a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Já a violência percebida é quando se acha que determinada área é insegura, mesmo não havendo indicativos para essa sensação tem-se essa pseudo certeza.

Talvez essa sensação tenha vindo por causa dos moradores daquela área, ou por se tratar de uma determinada zona ou bairro da cidade, enfim, um preconceito criado pela sociedade. Entretanto, o sentimento de violência não é homogeneamente distribuído, assim como a criminalidade também não. Diante desse quadro, esta pesquisa traz uma contribuição para a compreensão desta problemática, apresentando respostas as seguintes questões: Há diferenças entre a violência real e aquela que é percebida pela população, principalmente destacadas pela maior parte dos meios de comunicação? Terrenos baldios, áreas pouco adensadas tenderiam contribuir para o aumento da criminalidade? Ou ao contrário: quanto maior a densidade demográfica maiores são os índices de ocorrências policiais? Estas são as principais questões sobre as quais a presente pesquisa se debruçou para buscar respostas.

## **Hipóteses**

### **- Principal**

O presente trabalho parte da hipótese de que há uma relação entre ocorrências policiais e a densidade demográfica e que o modo tradicional de analisar os dados de ocorrências policiais não é o modo mais adequado de fazê-la por não estabelecer relação entre a população residente e estas ocorrências.

### **- Secundárias**

- Bairros e setores censitários de maior densidade demográfica tendem a apresentar índices menores de ocorrências policiais;
- Bairros e setores censitários de menor densidade tendem a apresentar índices mais elevados de criminalidades, se comparada com a população residente.
- A comparação entre população residente e criminalidade pode mudar o modo como a questão da violência urbana vem sendo analisada.

## **Estrutura da dissertação**

Além da Introdução, que apresenta os elementos do projeto de pesquisa da dissertação, esta conta com mais cinco capítulos, detalhados a seguir.

No capítulo I apresenta uma revisão da literatura sobre teorias de criminalidade, entre outras. Tentou-se entender a dinâmica das naturezas criminais de acordo com a área em que ocorre, ou seja, se são influenciadas pelo espaço, por questões econômicas, ou ainda, se por se tratar de áreas centrais ou periféricas, enfim, quais as possíveis ou prováveis causas fomentadoras para o aumento ou redução de criminalidade em determinada área.

No capítulo II analisa-se a realidade de Manaus, sobre a violência urbana que aumentou muito com o aumento da população da cidade sem o acompanhamento da infraestrutura necessária aos novos moradores. Abordou-se ainda a criação do programa Ronda no Bairro, onde as ocorrências criminais passaram a ser georreferenciadas, possibilitando que o acontecimento seja vinculado à área em que ocorreu o fato.

O capítulo III trata dos procedimentos metodológicos e a análise dos dados, onde são apresentados procedimentos julgados importantes para a realização do projeto. Como a exclusão de determinados bairros por se tratarem de bairros restritos ou por não possuírem população residente significativa. A coleta de dados (trabalho apoiado pela Secretaria de Segurança Pública - SSP e Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência – SEAI, na medida que cedeu os dados das ocorrências georreferenciadas do ano de 2013), além de tabelas, mapas que



possibilitará os leitores menos familiarizados com a leitura de mapas e com a realidade de Manaus, possam visualizar os bairros e setores censitários, podendo reconhecer algumas diferenças das quais estão descritas. E análise dos mapas, onde haverá a textualização do que o produto cartográfico está demonstrando.

As últimas partes trazem as considerações finais, e por fim são apresentadas as Referências.

## **CAPÍTULO 1 - VIOLÊNCIA URBANA E ALGUMAS TEORIAS SOBRE CRIMINALIDADE**

### **1.1 Diferenças entre crime, violência e criminalidade**

Crime tem por definição: é a ação que constitui perigo ou ofensa danosa a um indivíduo ou grupo, onde se busca evitar através de ameaça de pena. Os termos violência e criminalidade não são sinônimos. Pois, enquanto violência é um constrangimento físico ou moral, a criminalidade é o conjunto de crimes, ou seja, conjunto de infrações ocorridas em determinado tempo e lugar. Outro termo que pode parecer sinônimo é delito, crime ou infração às leis estabelecidas.

### **1.2 Violência urbana**

#### **1.2.1 Breve contribuição acerca da criminalidade**

Etimologicamente, a palavra “criminalidade” é originária do latim *criminalitate* e significa qualidade ou estado de criminoso, conjunto ou o grau dos crimes num determinado meio, perpetração de um crime. A partir do conceito exposto, surgem as seguintes perguntas: quais são as causas da criminalidade? Quais são as razões que levam um indivíduo a cometer crime? Independente das repostas, é possível sim, analisar a criminalidade sob a ótica de suas possíveis causas e teorias.

Inviável determinar à criminalidade uma única razão, pois a mesma está ligada a diversos fatores, que vão desde problemas econômicos, passando por problemas psicológicos do indivíduo, chegando até as causas de exclusões sociais, tornando-o por essa razão, um assunto multifacetado. Não se pode também ignorar deste contexto a história social, econômica e a concentração desigual de riquezas. Como afirma (SOARES, 2008), não são fáceis as explicações para a questão da violência e do crime, sendo necessário não fazer generalizações a seu respeito.

Na literatura, diversas teorias são encontradas para explicar a existência da criminalidade. Para o filósofo Platão (427-347 a.C.), o crime é apontado como uma doença, cujas razões derivam de paixões, da procura por prazer e da ignorância. A miséria é considerada a causa do crime para Aristóteles (384-322 a.C.), onde o criminoso era considerado um opositor da sociedade e, como tal, deveria ser castigado. Beccaria<sup>15</sup>, em 1764, escreve sobre as origens das penas e do direito de punir e postula a necessária rapidez na aplicação da pena para ser mais justa (SANTOS e KASSOUF, 2007).

Entre as teorias acerca da criminalidade, Beato (2015) afirma que a violência e a criminalidade são elementos ligados a fatores sociais, tais como, a falta de recursos financeiros, privação de oportunidades, desigualdade social e marginalização, os quais são determinantes para a ação criminosa. Outra teoria atribui ao indivíduo e às práticas criminosas um ataque ao consenso moral e normativo da sociedade. Dessa forma, o crime seria produto da prática criminosa de um indivíduo imoral ou amoral.

Frade (2007) determina em cada uma das teorias apontadas acima um aspecto, um ponto, classificando-as em teorias individualistas, as quais colocam o indivíduo como o responsável por cometer crimes, sendo por fatores biológicos ou psicológicos e em teorias sociológicas, onde o indivíduo é produto do contexto social e cultural. Tais teorias, porém, não apresentam respostas definitivas sobre a criminalidade, pois a mesma deve ser analisada dentro de um conjunto.

Do outro lado, das teorias sociológicas e individualistas, o italiano Lombroso (*in* Brenner, 2001) diz que o indivíduo nasce para ser criminoso, com características inerentes ao perfil. Tal juízo advindo de estudos, análise de características físicas, mudou o olhar na pesquisa de criminologia, saindo da esfera legal para a esfera do estudo científico do criminoso. Lombroso descobriu que a formação óssea do crânio e o formato de orelhas, entre outras características, constituiriam indicativos de patologias criminosas.

Mas, afinal o que leva um indivíduo cometer crime? Lombroso (2007) faz uma associação do indivíduo com o mal:

“Um dos fenômenos mais importantes do triste mundo do crime, não só porque no mal se verifica a grande potência da associação, mas porque da união dessas almas perversas brota um fermento maligno que faz ressaltar as tendências selvagens” (p. 185).

Juntando a afirmação de Lombroso com a análise do lado social e psicológico do indivíduo, apura-se que a criminalidade tem sido considerada como uma perturbação psicossocial do desenvolvimento, que deve ser compreendida pela sua complexidade, já que a sua exteriorização ocorre a partir de fatores contextuais, biológicos e sociológicos (SILVA E HUTZ, 2002).

O problema da criminalidade é atribuído a diferenças individuais estáveis, estabelecidas no início da vida, segundo Gottfredson e Hirschi (1990) citados por Moffitt, (1993). De acordo com esta teoria, considera-se a possibilidade da existência de trajetórias que podem ser originadas por diversos fatores, como alterações de estilo de vida, modificados pelo comportamento corrente.

Segundo Negreiros (2001) o que irá distinguir entre ser ou não criminoso é a persistência das ações, que podem iniciar em torno dos 5 a 7 anos de idade e se manterem após os 9 anos de idade. Por norma, quanto mais prematuro se inicia o comportamento criminoso, maior é a propensão para perdurar. Para Negreiros (1998), as mudanças decorrentes no sistema antisocial podem abranger transformações ao nível da intensidade das ações delituosas. Assim, atos delituosos de menor gravidade podem progredir para ações mais graves. Ao entrar na vida adulta, esta escalada tende a estabilizar ou até diminuir.

Ainda segundo Negreiros (2001), a taxa de crime varia consideravelmente com a idade, sendo a adolescência um período de desenvolvimento humano, marcado por mudanças biopsicosociais profundas. Os anos da adolescência não constituem, todavia, um período unitário da vida do indivíduo, sendo plausível supor que os processos de mudanças mais salientes da delinquência possam também alterar-se. Por todo exposto, o crime é um fenômeno causado por um amplo número de fatores de índole muito diversa. Não há condições que garantam que uma pessoa cometerá crimes, mas é certo que determinados contextos favorecem mais a proliferação da criminalidade, que vão desde características internas da personalidade do indivíduo até fatores externos.

### **1.2.2 O que é violência? Como é medida?**

A violência é um fenômeno que preocupa as autoridades e a sociedade e essa preocupação é cada vez mais crescente, desencadeando o aumento das estatísticas. Sendo do interesse da academia em estudar as causas e consequências desta. Porém, muitas vezes não se pensa quais os fatores que levaram à atual situação. A violência passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, grande maioria já passou ou presenciou algum tipo de violência, além de alterar o comportamento das pessoas, pois a percepção criada sobre determinado lugar ou classe social acaba interferindo na visão crítica sobre o tema.

Para Souza (2008) a violência existe desde o surgimento das cidades, porém, o medo e risco de ser vítima da violência é que tem aumentado. O modo como o indivíduo percebe e lida com a criminalidade determina o seu dia a dia, além de influenciar diretamente na permanência ou não em determinado lugar ou cidade, buscando assim fugir da violência. O autor cita ainda o fato de o medo ser um importante (re) estruturador do espaço e da vida das pessoas. Pois embora a violência seja sentida por toda a população, a distribuição não ocorre no espaço urbano de forma homogênea, possuindo assim especificidades.

O medo da violência faz com que a sociedade mude seus costumes, adote uma postura defensiva, e as residências estão cada vez mais fortificadas, cheias de cercas elétricas e

segurança patrimonial, para os que possuem meios econômicos para isso; ou ainda muros cheios de cacos de vidros para os menos abastados. Mencionando ainda o fato de evitar determinados lugares que são considerados perigosos. E é nesse sentimento de insegurança que entra a definição de violência real e violência percebida.

A violência real pode ser notada nos lugares onde em determinado momento é quase certo um ato criminoso. A quantidade de ocorrências para aquela área é alta, além do local tomar lugar de destaque nas estatísticas dos órgãos oficiais, no caso, a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Já a violência percebida é quando se acha que determinada área é violenta, mesmo não havendo indicativos para essa sensação, tem-se então uma pseudocerteza. Talvez essa sensação tenha vindo por causa dos moradores daquela área, ou por se tratar de uma determinada zona ou bairro da cidade, enfim, um pré conceito criado pela sociedade. Nisso é notado que a violência cria no cidadão a paranóia da insegurança.

Rivero (2010) em estudo publicado sobre segregação urbana e distribuição da violência afirma que:

(...) há áreas na cidade que concentram tanto a vitimização como a criminalidade e que reproduzem de forma constante uma separação social no espaço urbano, por meio de atributos socialmente construídos sobre pessoas e territórios. A localização da violência nesses espaços podem contribuir para o aprofundamento da estigmatização, acentuando os motivos da separação e aumentando a desigualdade entre populações e áreas. (p. 121)

Os dados coletados em todo o Estado do Amazonas, tratados e trabalhados na Secretaria de Segurança Pública – SSP/AM apresentam os índices de criminalidade; se as políticas implementadas têm surtido efeito ou não no combate a violência. Com os dados coletados através das delegacias que posteriormente são remetidos ao banco de dados da Secretaria de Segurança Pública é possível calcular as taxas em cima de cada natureza de crime.

A SSP/AM trabalha com nove naturezas de crimes, como é indicado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP sendo estas: roubo, furto, latrocínio, localização/recuperação de veículos, homicídios, tentativa de homicídio, lesão corporal dolosa, violência doméstica e estupro. Podendo ser dividido ainda em crimes contra o patrimônio e crimes contra a vida.

Os crimes contra o patrimônio ameaça o bem material, enquanto nos crimes contra a vida podem ocorrer danos tanto físicos quanto psicológicos, ou até grave ameaça contra a vida. Roubo, furto, latrocínio, localização/recuperação de veículos são classificados como crimes contra o patrimônio, enquanto homicídios, tentativa de homicídio, lesão corporal dolosa,

violência doméstica e estupro são considerados crimes contra a vida. Contudo, a Secretaria de Segurança do Amazonas para uma melhor abrangência das naturezas de crimes ampliou para 12 essas tipificações, dentre as quais: furto, roubo, lesão corporal dolosa, violência doméstica, entorpecente – tráfico, entorpecente – porte/posse/uso, localização/recuperação de objeto/veículo, estupro, armas de fogo apreendidas, gomicídio doloso, tentativa de homicídio e latrocínio.

### **1.2.3 Possíveis causas da violência**

A violência é uma preocupação crescente tanto da sociedade quando dos Órgãos responsáveis pela segurança pública, tudo devido aos seus altos índices que só tendem a crescer. A criminalidade não se evidencia apenas nas grandes cidades ou bairros populosos e mal projetados, pelo contrário, está presente também em lugares mais isolados e bairros bem estruturados, com características de localidades contundentes. A violência aparece em diversos contextos, Segundo Guerra (1998), a violência expressa o modo de vida, o comportamento do indivíduo e do meio em que este está inserido, independente da escolaridade, classe social e renda. Desta forma, na tentativa de responder aos questionamentos relativos à criminalidade, várias ciências têm contribuído para o estudo dos fenômenos criminais com manifestação das características sociais da criminalidade.

A violência é um fenômeno variável, pois dependendo da área em que ocorra, pode haver diferenciação na mesma natureza de crime. Em outras palavras, para que seja compreendido seu ciclo de ação é necessário a análise do lugar, do contexto social, ou seja, como e onde está situada aquela ocorrência. A violência está relacionada à fatores distintos e diversos, assim como suas causas e também suas consequências.

Segundo Chauí (1999), ato violento é toda força que age contra a natureza de alguém, contra sua vontade e liberdade, de maneira a coagir, constranger, torturar, ou seja, ato de brutalidade e crueldade, abuso físico ou psíquico contra alguém, que caracterize uma relação de intimidação por medo ou terror.

Segundo a UNESCO existem diferentes tipos de violências, tais:

- Violência direta (física, sexual e negligência): costumam causar danos à vida da vítima tanto físico quanto emocional;
- Violência indireta: causada por ações agressivas, produzindo problemas psicológico ou emocional;
- Violência econômica: causa prejuízos ao patrimônio, à propriedade resultante da criminalidade contra os bens;

- Violência moral ou simbólica: essa seria a violência pela autoridade.

### 1.3 Urbanização inadequado

A desigualdade social, a estrutura familiar, o uso de drogas lícitas e ilícitas, preconceito, impunidade são algumas das causas elencadas como as principais fomentadoras pelo elevado índice da violência. Segundo estudo da OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura) a única variável relacionada com a criminalidade é a impunidade. Segundo o estudo, a desigualdade não é causa de crimes em alguns povos, a pobreza também não, ou ainda uma educação de qualidade. A impunidade é o único variável presente em todos os povos relacionado à criminalidade, ou seja, presença do estado de direito e qualidade das instituições. Dellasoppa (1999) cita que a sensação de impunidade também incentiva a prática de atos criminosos.

Podemos ver na prática que quanto mais efetiva e eficaz em trazer ao indivíduo as consequências pelos seus atos, menos praticado ele se torna. Um exemplo prático da afirmação são os casos de pagamento de pensão alimentícia para os filhos, pois havendo o atraso desse pagamento o pai é preso e somente liberado após quitação dos valores devidos. Com isso vemos que quando a lei é cumprida, o indivíduo pensa algumas vezes antes de cometer o ato delituoso.

O Estudo Global sobre Homicídios 2013 feito pela ONU, afirma que o mercado de drogas ilícitas eleva as taxas de violência e homicídios, tanto devido à competição por pontos de vendas de drogas quanto à cobrança de dívidas pela mesma causa. Contudo, essas taxas variam de acordo com o país, pois a resposta dada por cada um deles afeta diretamente as consequências da criminalidade sobre sua área de atuação. Ao falar de resposta dada, menciona o fator impunidade:

(...) Um sistema efetivo de justiça criminal que assegure investigação rigorosa e julgamento justo de suspeitos de homicídio é um pré-requisito para a defesa do Estado de Direito e para a promoção de justiça às vítimas de homicídio, ao mesmo tempo em que a impunidade dos perpetradores pode, inversamente, contribuir para que mais homicídios ocorram, (...) o nível de impunidade por homicídio na América é, portanto, alto, o que pode ser explicado parcialmente pelo fato de que a grande intensidade de homicídios acaba drenando os recursos da justiça criminal. Mais ainda, os homicídios na América frequentemente estão ligados ao crime organizado ou a atividades de gangues, que geralmente tem menores taxas de solução e condenação em comparação com outros tipos de homicídio. (UNODC, 2012, p. 8).

Segundo estudo global sobre homicídios feito pela ONU, os fatores decorrentes dos homicídios vão além da perda da vida humana, estabelece a sensação de medo e incerteza,

sendo assim uma ameaça para a população. As análises visam desenvolver estratégias e assessorar na elaboração de políticas públicas para garantir a segurança da sociedade e proteger os grupos de risco e lidar com os mais propensos a cometer atos delituosos. O Estudo Global sobre Homicídios 2013 é baseado em banco de dados das Estatísticas de Homicídios do UNODC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime) 2013 coletados em vários sistemas de justiça criminais ou de saúde públicos nacionais e internacionais, cobrindo 219 países e territórios. A quantidade de dados disponíveis melhora qualitativa e quantitativamente as possibilidades de estudo, sendo capaz de mostrar as variações que vem ocorrendo com o passar do tempo. Permite identificar os locais de maior intensidade dos crimes, a hora, o dia da semana, entre outros. O crime não escolhe somente lugar, mas também gênero de suas vítimas e agressores, já que cerca de 95% dos autores de homicídios em nível global são do sexo masculino, independente da tipologia de homicídio e da arma utilizada. Estes também são os maiores afetados, pois cerca de 8 vítimas em cada 10 homicídios são homens; e metade das vítimas globais tem menos de 30 anos de idade; Na América é onde se encontra a taxa mais alta de todo o mundo, cerca de 29.3 por 100 mil homens, quase 7 vezes maior que na Ásia, Europa e Oceania, onde os índices chegam a 4.5 por 100 mil. As altas taxas de homicídios na América se deve à ligação com o crime organizado e gangues.

O fator idade é um ponto que a maioria das vítimas tem em comum, independente de ser do sexo masculino ou feminino. Quase metade das vítimas de homicídios globais tem entre 15 e 29 anos e pouco menos de um terço tem entre 30 a 44 anos. Em Manaus o número de jovens vítimas de homicídios é alto, mas essa estatística não atinge somente Manaus ou Brasil, mas é uma realidade mundial, como afirma o estudo feito pela ONU (2012):

“No grupo mais jovem do recorte etário, 36 mil crianças menores de 15 anos foram vítimas de homicídio em todo mundo em 2012. Totalizando 8% das vítimas de homicídio, este grupo, juntamente com o percentual de vítimas no grupo de 15 a 29 anos (43%) indica que mais da metade das vítimas de homicídios globais são menores de 30 anos.” (p. 04)

Ainda segundo o Estudo Global há 3 tipos de motivações para a prática de homicídios, entre elas: homicídio relacionado a outras atividades criminais; homicídio relacionado a conflitos interpessoais; e homicídio relacionado a agendas sociopolíticas. Os homicídios relacionados a outras atividades criminais registram seus maiores índices na América do sul e Central, sendo esta tipologia ligada ao crime organizado e a gangues. Os índices na América chegam a 30%, enquanto que na Ásia, Europa e Oceania não alcança 1%. Contudo, nem todos os homicídios estão ligados à atividades criminais. Conflitos interpessoais apresentam taxas



significativas em países da América, como por exemplo, Montevideu, no Uruguai, onde as taxas dos homicídios acarretados por conflitos pessoais são maiores que as taxas de crimes ligados a outras atividades criminais. E em Quito, no Equador, as taxas dessas diferentes tipologias são quase idênticas.

O estudo cita ainda o uso ou não de armas e de substâncias psicoativas (álcool e drogas ilícitas) que são usados como facilitadores do crime, além de afirmar que as políticas de prevenção reduzem os casos de homicídios. O consumo de álcool e/ou drogas ilícitas aumentam o risco de um indivíduo ser vítima ou causador de violência. As armas de fogo são usadas em 4 de cada 10 homicídios, isso em nível global. Fatores como alcoolismo, drogas, baixo índice de escolaridade, também influenciam negativamente o problema. Mas é notado que em boa parte dos estudos sobre violência urbana a desigualdade acentuada é uma característica comum. Segundo estudo do Banco Mundial (2002) nos países, mesmo que sejam muito pobres, onde não há grandes diferenças sociais, a criminalidade é baixa. Em outras palavras, quanto maior a concentração de renda, maior a criminalidade.

Gana é um bom exemplo disso, apesar de muito pobre tem taxa de 2,1 casos de homicídios para cada 100 mil habitantes. No caso do Brasil, segundo o Ministério da Saúde, a taxa média de homicídios do Brasil é de 21 casos por 100 mil habitantes. Na França, os 20% mais ricos concentram 6,5 vezes mais renda que os 20% mais pobres, e a taxa de homicídios por grupo de 100 mil habitantes de 1,2 no ano de 1993. Não é a pobreza absoluta que causa a violência, mas a pobreza relativa, quando um tem mais que o outro. As ilhas de riquezas faz com que aumente o sentimento de privação do indivíduo, levando-o à violência. Assim sendo, a única saída encontrada para a falta de mobilidade social é a criminalidade. Tornou-se comum presumir que a miséria seja causa do avanço da criminalidade. No entanto, a questão entre crime e a questão social deve ser melhor colocada. Pois a relação deve ser feita com a miséria em si, mas com a desigualdade social, em outras palavras, a convivência em um mesmo espaço de um imenso contingente de pobres marginalizados com um pequeno grupo de pessoas que vivem na ostentação. E essa disparidade promove o crime.

Para Souza (2008), a forma como uma pessoa percebe a realidade, ela condiciona seu comportamento, entretanto, o sentimento de insegurança não é homoganeamente distribuído, assim como a criminalidade também não. Pois certas áreas apresentam uma tendência para certas naturezas de crime. Buscar analisar essa distribuição de ocorrências e verificar o que acarreta essa recorrência em determinada área. Correntes de estudos defendem seus pontos de vista, dos mais variados, sendo a pobreza e desigualdade/exclusão social a primeira a ser elencada pelos cidadãos residentes na cidade.

Paixão (1993), diz que a pobreza não explica a banalidade do crime e nem as variações no comportamento criminoso, pois a maioria das pessoas carentes mesmo passando por grandes privações não envereda pela criminalidade para transpor o abismo da miséria. Sobre os possíveis fatores que contribuem para o aumento considerável da violência urbana. Beato (1998), afirma que nenhum fator isolado consegue potencializar e explicar o citado fenômeno. E que os indicadores de pobreza e renda influenciam sim nas condições de vida e trabalho, e conseqüentemente, alteram os padrões das relações sociais, contudo, não podem ser apontadas como causas exclusivas.

A estrutura e a composição da população também são fatores importantes para a criminalidade urbana, já que áreas mais densamente povoadas são mais propensas a crimes violentos. Riviero (2010) confirma através de estudo que bairros mais populares e demograficamente mais densos são as áreas que concentram maiores taxas de homicídios.

Dellasoppa (1999) destaca outros fatores que fomentam a violência urbana no Brasil, são eles: a pobreza, as poucas ou até inexistentes oportunidades econômicas e educacionais, fragilidade social e familiar, adota a violência como forma aceitável de resolver desavenças.

## **1.4 Teorias sobre as possíveis causas da violência**

### **1.4.1 Teorias relacionadas as questões econômicas**

#### **1.4.1.1 A Pobreza gera violência**

É bastante comum nos depararmos com a ideia de que a marginalização socioeconômica é o fator propulsor para a ocorrência e a difusão da criminalidade, e que, quanto menor for o desenvolvimento de uma população, principalmente em relação a educação e a renda, maior será a incidência de crimes.

Segundo Viapiana e Brunete (2004), essa postura teórica, tradicional até mesmo no âmbito acadêmico, a qual pode ser traduzida no chamado “discurso da pobreza”, relaciona diretamente marginalização social e carência de recursos. Sob este enfoque, a pobreza é encarada como condição para a ocorrência de crimes, e os crimes como meio para acesso aos bens por parte dos excluídos.

Apesar de estar comprovado que a pobreza por si só não é determinante para enveredar pelo crime, e como a maioria dos criminosos possui estereótipo de pobre, semianalfabeto, amoral, tem-se assim uma visão do agente criminoso.

Fernandes e Fernandes (2002), afirmam que a fome e a desnutrição são fatores que levam o indivíduo à prática delituosa, pois a fome não é somente a sensação de estômago vazio, mas a falta habitual de comida, impulsionando o indivíduo ao crime. A falta de alimentação

adequada traz inúmeros resultados, entre eles, má formação física e intelectual, pode acarretar incapacidade para o trabalho, entre outras. Ainda segundo os mesmos autores, a ausência crônica de alimentos impõe uma predisposição à criminalidade, sendo muitas vezes até determinante. Os mesmos autores citam ainda a criminalidade por hábito, onde a relacionam a uma má educação ou ainda total ausência dela. Já que a educação inibe o crime.

Em condições desfavoráveis de moradia, tais como favelas, cortiços e outros, locais onde há grande incidência de analfabetismo, tal meio se torna preponderante para que a criminalidade se instale. Sem esquecer que outros também influenciam na ocorrência de criminalidade, entre eles o desemprego, ou ainda o subemprego que por causar a instabilidade econômica e, conseqüentemente pessoal, são fatores a fomentar o aumento da criminalidade.

Segundo Pedrazzini (2006), não é mais oferecido aos menos favorecidos a oportunidade de se proletarizar e que as armas de sobrevivência substituíram a foice, pá e martelo. Em outras palavras, a violência está diretamente ligada à falta de condições dignas de vida. E esta causa danos maiores em bairros desfavorecidos e periféricos de criação espontânea. Ainda segundo o mesmo autor, a pobreza é a última violência das sociedades pacificadas e democráticas, porém é a mais terrível porque o castigo imposto pelas camadas dominantes não a elimina. Quando os pobres tornam-se violentos, são logo punidos pela polícia, ou seja, muitas vezes os habitantes de bairros populares ou favelas temem mais a polícia que ao próprio criminoso. A polícia, braço armado do Estado, deveria proteger a todos, mas como é comandada também pela classe dominante, acaba por fazer o que convém aos que detêm o poder.

Os mais necessitados são considerados, principalmente pela sociedade, como sendo os produtores da violência urbana, mas na realidade são suas maiores vítimas, principalmente quando se pensa em coesão social. Os jovens veem no crime a oportunidade de melhoria de vida, enquanto as oportunidades convencionais diminuem. A falta de oportunidades acarreta o aumento da criminalidade, sendo que só há redução dos índices criminais quando ocorrerem mudanças econômicas.

Analisando sobre o ponto de vista do espaço urbano, Peixoto, Moro e Andrade (2004), afirmam que as ocorrências criminais não estão distribuídas aleatoriamente na área em que ocorrem. Segundo esses autores, há uma distribuição heterogênea e algumas características espaciais daquela área é que as torna mais propícias a determinada natureza de crime. Mas fatores socioeconômicos como desemprego e pobreza estão associados à criminalidade, pois tais fatores é o que predispõe alguns indivíduos às práticas desses delitos, mas não seria um fator preponderante.

Estudiosos como Adorno (2002), Cerqueira e Lobão (2003), Barcellos e Perez (2009) defendem essa linha de pensamento. Contudo, essa teoria é contestada por autores como Zaluar, Noronha e Albuquerque (1994) que não encontraram evidências entre a associação entre os indicadores de pobreza ou migração com as taxas de mortalidade por homicídios.

Zaluar, Noronha e Albuquerque (1994) contestam as argumentações de que a pobreza seria uma das principais causas do aumento da criminalidade nos últimos anos. Os autores não encontraram associação ao analisarem os dados de homicídios com os indicadores de pobreza.

Já Beato Filho e Reis (2000), afirmam que a criminalidade no Brasil aumentou mesmo com o aumento dos indicadores sociais tendo melhorado, afastando assim a ligação direta entre pobreza e criminalidade. Os autores chegaram a essa conclusão ao analisarem as taxas de crimes e diversos indicadores sociais. Ao contrário, verificou-se que o aumento da renda financeira estava diretamente ligado ao aumento da criminalidade, principalmente nos crimes contra o patrimônio.

Beato (1998), em seu estudo, aponta que a causa da criminalidade não estaria na pobreza e sim na riqueza, haja vista que os municípios com maior IDH e maior concentração espacial de pessoas por m<sup>2</sup> apresentam resultados semelhantes aos apresentados nesta dissertação. Por sua vez, os dados coletados sugerem uma conformidade com pressuposto de que quanto mais populoso e desenvolvido é um município, maior é a incidência de crimes que violam o direito de propriedade, ou seja, os crimes contra a sociedade. Esta correlação sugere, ao menos, a importância da realização de outros estudos mais aprofundados sobre esta realidade. Beato (1998) aponta ainda, os resultados podem ser explicados pelo fato de que regiões urbanizadas e com desenvolvimento social e econômico significativo (cidades de médio e grande porte) tornam-se meios propícios para a ocorrência de certos tipos de crimes, como os que atingem a sociedade.

Mesmo os indicadores sociais melhorando houve aumento da criminalidade é o que afirma Beato Filho e Reis (2000) em pesquisa feita no Brasil relacionado ao aumento da violência, ou seja, os autores observaram que houve aumento da criminalidade mesmo com a elevação da riqueza nos municípios avaliados. Assim sendo, diante do exposto acima, a pobreza não pode ser vista como principal causa do aumento da violência.

#### **1.4.1.2 Desigualdade Social gera violência**

A questão da pobreza está apoiada pela questão da renda, enquanto a desigualdade social pode ser caracterizada pela forma de morar, vestir, etc., as relações entre pobres e ricos e as perspectivas para um futuro.

O crescimento desordenado da urbanização associada à desigualdade social, segundo Caldeira (2000) é uma influência negativa para o aumento da criminalidade, fomentado pela segregação socioespacial que pode ser vista, principalmente nos grandes centros urbanos. A desvalorização dos espaços públicos, tornando-os mais propícios à ocorrência de delitos. E ainda que a criminalidade aumente de acordo com o aumento da urbanização associada à desigualdade social, contribui ainda a forma que o poder público trata a questão, pois a prática do crime acaba sendo compensatória. Deficiência no aparato policial, morosidade judiciária, impunidade são alguns dos fatores que tornam o crime atrativo. A autora cita ainda sobre a desvalorização do espaço público em favorecimento dos condomínios fechados, contribuindo para a segregação socioespacial e a ocorrência de delitos.

## **1.4.2 Teoria relacionada à ecologia social**

### **1.4.2.1 A Ecologia do crime - a escola de Chicago**

Sem pretender revisitar inteiramente o histórico da Escola Ecológica de Chicago, faz-se um breve histórico: fundada em 1890, tinha como objetivo de análise as mudanças sociais, além dos comportamentos, psicologia social e criminalidade. Freitas (2002), afirma que a Escola de Chicago possuía inicialmente duas vertentes, sendo o trabalho de campo (estudo empírico de análise e observação) e o estudo da cidade e seus problemas associados à criminalidade. Em pouco tempo a Escola tornou-se fundamental para o estudo da criminalidade urbana, e suas teorias sociológicas influenciaram nos estudos sobre o crime, e criando o conceito de Ecologia do Crime.

Uma das grandes discussões se dava em torno do método a ser utilizado, já que os sociólogos usavam o método investigativo, os pensadores clássicos a metodologia lógico-dedutiva e os positivistas o método experimental. Contudo, o método usado pelos sociólogos tinha relação direta com a realidade, pois usavam os inquéritos sociais realizados perante um universo específico de indivíduos, ou seja, trabalhavam com a realidade.

Farias (2007) afirma que há uma relação entre o centro urbano e a criminalidade e que esta, através da desordem urbana, pode ser gerada, estimulada ou ainda potencializada. E cita como exemplo o conflito pela falta de água, onde a ausência pode causar conflitos tanto entre indivíduos como entre comunidades vizinhas.

A escola de Chicago trouxe ainda outras inovações para a investigação da criminalidade, entre elas o uso de dados estatísticos e qualitativos, mostrando que o crime era um ‘produto social urbano’, mudando os enfoques que até então usados nos estudos para a explicação do crime; determinismo biológico, psicológico entre outros. Shecaira (2013) salienta

que a partir das análises dos dados, conclui-se que ao invés de uma conduta mais repressiva, deveria se estabelecer uma política organizacional que busque minimizar a miséria, além de prevenir e reprimir o aumento da criminalidade. A Escola de Chicago propôs medidas preventivas para tentar solucionar os problemas criminais, contudo, necessário ter a participação da sociedade.

Gomes (2002) destaca que a miséria de fato não é causa determinante do crime, contudo, se aliada às péssimas condições de vida e à urbanização desordenada, além da ausência do Estado, onde este não atende as necessidades com segurança pública, saúde e educação, tornando-se então um campo fértil para o aumento da criminalidade. Pois até então havia alguns debates que hoje são afirmações incontestáveis, entre elas a de que a miséria aliada a urbanização desordenada pode gerar criminalidade.

Freitas (2002) afirma que ao supor que criminalidade não é determinada pelas pessoas, mas pelo meio ou grupo a que pertencem, nasce então a Ecologia criminal. O novo método se baseava em trabalhos e pensamentos de vários autores que estudavam mapas da cidade, localização geográfica, além dos pontos de aumento de criminalidade por área e por fatores que estariam causando aumento nas estatísticas.

Farias (2007) destaca que a violência é patologia passível de identificação geográfica e de cura/melhoria com a mudança de fatores ambientais urbanos. Embora ocorra em todas as classes sociais, é nos bairros pobres que ela se torna epidêmica.

Notadamente a desorganização social é mais encontrada no meio da população mais pobre da sociedade, e por consequência acarreta uma maior taxa de criminalidade nessas áreas. Contudo, antes que se faça uma relação entre criminalidade e pobreza, é necessário enfatizar que a desorganização social é relevante como fator criminógeno. Dentro da teoria ecológica, haviam as zonas concêntricas que são as áreas de criminalidade. Segundo os autores da Teoria Ecológica de Chicago, a cidade é dividida em zonas ou anéis, como afirma Shecaira (2013).

Os estudos foram baseados nas investigações, levando em consideração as proporções das zonas e áreas urbanas, ainda que os problemas sociais estivessem relacionados à forma e distribuição dessas áreas, contribuindo para a criminalidade.

As zonas concêntricas foram criadas por Ernest Burgess, onde este dividia a cidade de Chicago em zonas as quais deu o nome de concêntricas. Este modelo se dividia em cinco áreas: distrito central de negócios, de transição (industrial, habitação deteriorando), da classe trabalhadora residenciais (cortiços), residenciais e suburbanas.

Mayrink (2010) destaca que as áreas com maior índice de criminalidade, no modelo das zonas concêntricas, estavam perto dos centros comerciais, pelo fato dos aluguéis serem

mais baixos e acomodações mais pobres, onde a expectativa de permanência era pequena, pois tratava-se de áreas muito pobres e decadentes. Geralmente ocupados por imigrantes recém-chegados à cidade, que viam nos baixos aluguéis a possibilidade de conseguir condições mais rápidas para sair dali para um lugar melhor.

De acordo com Freitas (2002) e Shecaira (2013), as zonas estavam assim distribuídas:

Zona V – Exurbia ou commuters – além dos limites da cidade – áreas suburbanas e cidades satélites, habitadas por pessoas que trabalham no centro e moravam muito longe do local de trabalho. Perdendo muito tempo no trajeto de casa para o trabalho e vice e versa; Mas também local de moradia de pessoas do mais alto nível da população, onde escolheram morar em condomínios isolados. Chama-se na atualidade de auto-segregação;

Zona IV – Subúrbia – bairros e residências de luxo (pessoas de boa condição social, uma família por residência);

Zona III – Residencial – residência de trabalhadores que possuíam melhor condição de forma a escapar da zona II (habitada por trabalhadores e imigrantes pobres, mas com o interesse de permanecer próximos de seus trabalhos);

Zona II - Zona de transição – transição da zoárea central e as zonas de residências (ocupada por pessoas mais pobres, e estavam sujeitas a invasão da zona I, ou seja, pessoas que saíam da Loop acabavam se instalando na zona II, onde era área residencial. Contudo, as moradias eram coletivas, em condições sub-humanas – apenas um cômodo, muitas sem janela, sem água ou esgoto); e

Zona I – Loop ou área central – Bancos, comércios e lojas, fábricas, etc.

De acordo com os estudos sobre as zonas concêntricas foi notado que as áreas com maior índice de crime eram as áreas tomadas pela degradação física e segregação social, étnica e econômica. Ou seja, áreas que correspondem a essa descrição estavam mais próximas à loop, ou zona I, ou ainda o centro urbano.

Segundo Mayrink (2010), Clifford Shaw concluiu em seu estudo sobre as áreas que a taxa de criminalidade permaneceu quase que a mesma em 30 anos de estudo, mesmo a composição populacional não sendo a mesma. Esse indicativo mostrava que a criminalidade era delimitada pela área e não pelas pessoas que nela viviam. Ratificando a teoria Ecológica.

Ainda segundo Shecaira (2013), notou-se que quanto mais perto da Loop, pior as condições de vida, maior a segregação social e econômica e os aspectos de enraizamento e comprometimento com a comunidade eram escassos, e essa realidade influenciava negativamente para as ações delituosas. Porém Mayrink (2010) faz uma ressalva: “Não existe praticamente nenhuma área que seja completamente delinquente.” (s.p)

Shecaira (2013) destaca que os resultados dos estudos das zonas concêntricas, ao se tratar de criminalidade, não são determinantes, pois Shaw, seu principal pesquisador, tinha apenas o intuito de demonstrar que determinado tipo de crime se instala em certos tipos de áreas. Não havendo a intenção de estabelecer um ‘determinismo ecológico’, mas mostrar que o ambiente é um vetor criminógeno. Ou seja, não é apenas a condição de ser uma favela que determina ser uma área para a prática de delitos, mas as pesquisas mostraram que a concentração de delitos está associada diretamente à desorganização social, que são mais comumente encontradas em áreas faveladas.

Há quem afirme que não há uma aplicação direta do modelo da Escola de Chicago, porém, ao se analisar a distribuição espacial urbana das cidades brasileiras, para essa pesquisa a cidade de Manaus, não tem como negar ou deixar de considerar que a Escola comprova que existem áreas onde ocorre concentração de fatores criminógenos.

A pobreza, o desemprego, as crises econômicas, as desigualdades sociais são algumas das principais causas apontadas como causadoras e/ou fomentadoras da violência. Numa abordagem ecológica, a falta de apoio e acesso à recursos básicos, como educação, segurança, saúde, trabalho, entre outras, acaba por contribuir para o surgimento ou aumento da violência. Para Ross (1959) ao usar o termo controle social, refere-se as normas e valores impostos aos indivíduos pela sociedade, ou seja, comportamento individual em conformidade com o grupo.

O fato de haver desigualdade de crimes na cidade, o tipo de organização social do lugar, pode ser capaz de inibir o crime. No estudo desenvolvido por Quetelet (1835), ele foi verificado que o crime não era igualmente distribuído na região de estudo, neste caso, França. Verificou também que de acordo com a região havia uma inclinação para determinado tipo de crime. Fez então uma associação de vários fatores para explicar a distribuição espacial dos crimes, entre eles, demográficos, meio ambientes, pobreza, estações do ano, clima. A partir daí surgiram muitos estudos que passaram a analisar a relação entre os indivíduos e seu habitat, e como o meio afetava seu comportamento. Esse tipo de estudo foi chamado de Ecologia Social. Os princípios utilizados para esse estudo vieram da teoria de Darwin.

A falta de organização na área habitada, assim como a falta de interação social entre seus moradores eram alguma das afirmações que Shaw e Mckay (1942) que afirmavam que a estabilidade espacial elevava os índices de criminalidade. Constataram que um ambiente socialmente desorganizado, ou seja, baixo ou nenhum controle social estava diretamente relacionado ao grande número de ocorrências. Além da falta de controle social nessas áreas, outros indicadores se faziam presentes negativamente, famílias desestruturadas, desemprego, mortalidade infantil, entre outras. Para os autores, por conta da heterogeneidade social não se



estabeleciam os laços sociais, e conseqüentemente, prejudicava os mecanismos de controle social. A incapacidade dos comunitários de compartilhar valores comuns e prejudicava na capacidade de solucionarem problemas locais, essa seria as causas da desorganização social. O fato de possuírem fracos laços sociais atrapalha no controle interno da comunidade afetando diretamente os moradores, pois a maneira como a comunidade se organiza, influência no aumento ou diminuição da criminalidade no lugar. Porém, as críticas para a teoria da desorganização social se dava pela ausência de dados que ligasse a privação econômica às taxas de criminalidade.

Segundo Silva (2012), as alterações do crime, espacialmente falando, podem ser explicados pelo ambiente desorganizado socialmente. Ou seja, as relações empobrecidas entre os moradores não são capazes de estabelecer um controle efetivo sobre seus residentes. Em outras palavras, o vínculo criado entre um morador e sua comunidade faz com que este se importe com o que acontece dentro dela, passando a ser um participante ativo no combate à criminalidade. E essa rede formada por atores locais atrai participação e apoio de agentes externos, como é o caso do poder público. Esse envolvimento com o local onde vive é que cria o ambiente propício para o controle social, e conseqüentemente, a diminuição das ocorrências policiais.

No trabalho desenvolvido por Shaw e Mckay (1942) foi verificado que nem todo bairro pobre tem alto índice de violência, porém, a associação de desorganização social com outros fatores como pobreza, mobilidade residencial, desemprego, entre outras favorece o desaparecimento do controle criado pela organização social. Tendo aumentado a tendência ao comportamento criminoso.

### **1.4.3 Teorias relacionadas à densidade demográfica**

#### **1.4.3.1 A alta densidade aumenta a criminalidade**

Há também uma correlação entre criminalidade e urbanização, e ainda densidade demográfica. Notadamente, as áreas mais precárias e desprovidas de recursos são as mais vulneráveis e as que mais sofrem com o alto índice de criminalidade.

Alguns autores defendem que o aumento da taxa de crescimento populacional afeta diretamente a criminalidade. Autores como e Levitt e Donohue (2001) mostraram em suas pesquisas que a legalização do aborto nos Estados Unidos em 1973 foi determinante para a redução da criminalidade na década de 90. Ainda segundo o estudo, nessa época houve uma queda de 25% a 40% na taxa de criminalidade, sendo 40% em homicídios e em mais de 30% em crimes contra o patrimônio e em outros crimes.

Estudos feitos por psicólogos, criminólogos e economistas mostram que fatores demográficos são importantes para determinar a propensão de um indivíduo a participar de atividades criminosas. O modelo desenvolvido por Ehrlich (1973) foi feito para entender a participação em atividades criminosas, e foi verificado que as taxas de criminalidade devem ser positivamente relacionadas com a distribuição de renda, e negativamente relacionado com a probabilidade de prisão e com a taxa de crescimento. O estudo foi desenvolvido para crimes com motivação econômica.

Hartung e Pessoa (2007) afirmam que mesmo sem entender o que leva o indivíduo a cometer um crime violento, é possível notar a importância das variáveis demográficas, e que a propensão de praticar esse tipo de delito é mais importante que o ambiente econômico em que ele se encontra.

#### **1.4.3.2 A baixa densidade aumenta a criminalidade**

Segundo Jacobs (2000), através dos estudos feitos nos subúrbios americanos, as baixas densidades reduzem a diversidade de uso das áreas urbanas, fazendo com que fiquem desertas e contribui, significativamente, para problemas como criminalidade e vandalismo;

Para Houghton e Hunter (1994) as altas densidades urbanas são importantes para se alcançar um desenvolvimento sustentável, pois:

- A grande concentração de pessoas em uma área otimiza o uso da infra estrutura instalada, além de reduzir a necessidade de expansão para outras áreas;
- A concentração de pessoas favorece as atividades econômicas locais, diminuindo assim a necessidade de sair do lugar de moradia para adquirir produtos e serviços em outros locais.
- Por não necessitarem percorrer grandes distâncias, e sendo possível fazer os trajetos a pé, favorece a diminuição do uso de veículos automotores, e viabilizam a implantação de sistemas de transportes coletivos.

Segundo Mascaró (2005), o espalhamento urbano pode ocorrer por dois processos: baixa densidade urbana resultante de lotes com áreas grandes; ou falta de continuidade da malha urbana, conhecido como vazios urbanos. Nessas áreas tem-se um perfil traçado: custo da terra tende a ser baixo, padrão econômico insuficiente. O autor aponta como causa para o espalhamento urbano nas cidades brasileiras a falta de continuidade de malha urbana, que resulta de um grande número de vazios urbanos dentro da área urbanizada. São encontrados em média 30 lotes por hectare, com cerca de 100 habitantes por hectare. Contudo, com os vazios

urbanos, a densidade encontrada para as cidades de porte médio é de apenas 40 pessoas por hectare. Em estudos que analisaram o espalhamento urbano no Brasil, para cidades de porte médio e Porto Alegre, tendo como objetivo estimar qual o limite máximo de adensamento sem aumentar a demanda para uma nova infraestrutura. Com padrão de moradia mais econômico, sendo encontrada a densidade entre “300 a 350” pessoas por hectare.

Mascaró (1986) vai além, diz que a densidade bruta ideal seria entre 450 a 540 hab./ha. E isso seria possível com a construção de edifícios de 3 a 4 pavimentos e com 8 a 10 blocos. Citou ainda os custos da infraestrutura (água, luz, esgoto e pavimentação), do edifício (compra do terreno e construção) e energia gasta para a manutenção do lugar (iluminação, elevadores e refrigeração).

Segundo Mascaró (2005), o crescimento não se distribui uniformemente pelo tecido urbano. Metade da população reside em favelas, áreas invadidas, decrépitas e periféricas. Pois, enquanto a “cidade formal” cresce em média de 3% a 4% por ano, a “informal” cresce a um ritmo duas vezes mais rápido.

(...) a forma compacta é frequentemente indicada como uma das mais apropriadas para o uso racional de energia e preservação dos recursos naturais, sendo apontadas como vantagens dessa forma a redução do número de viagens e consequente redução da emissão de poluentes, otimização da infraestrutura, proteção das áreas agrícolas rururbanas e diversidade cultural e social. Porém, desvantagens como o aumento da poluição, a perda de qualidade de vida e a redução de áreas verdes são destacadas.

Tem havido nas últimas décadas, nas cidades europeias uma redescoberta do valor da vida urbana, sendo percebida a falência da periferia. Ausência de espaços públicos e atividades culturais, perda de tempo e energia nos longos deslocamentos, contrastando com as oportunidades que a cidade compacta oferece. Densidade e variedade, economia de tempo, serviços públicos oferecidos a contento. Porém, a cidade compacta pode tornar-se superlotada, perdendo sua qualidade de vida; congestionamento, poluição, falta de espaços abertos, sendo um lugar onde poucos gostariam de viver.

## **1.5 Mídia formadora ou deformadora de opinião**

### **1.5.1 Ocorrências policiais em valores absolutos e relativizados**

Nota-se que o mapa criminal modifica ao se fazer a relação das ocorrências totais por bairro e as ocorrências relativizadas, encontrando assim uma realidade diferente ao se fazer a comparação.

A imprensa descreve a violência de uma forma que muitas vezes é deturpada, e cria estigmas que são impostos a alguns bairros, pois a mídia trabalha negativamente apresentando algumas áreas como violentas (ocorrências totais sem nenhum tartamento), mas ao relativizar os registros policiais, muda, desconstrói a imagem que a mídia apresentou como verdade para a sociedade. Contudo, o estigma de bairro violento permanece.

A mídia influencia a sociedade, pois ela muitas vezes amplia, distorce, deforma, seleciona, por exemplo, um acontecimento real. Existe de fato uma diferença entre taxas de crimes (real) e a percepção de insegurança, e esse descompasso podem ser notados, sendo o sentimento de insegurança muitas vezes maior que o aumento real dos casos de violência; nesses casos é perceptível o papel da mídia distorcendo, ampliando ou simplificando os fatos. Fato que comprova isso é a superexposição das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro que a mídia apresenta como violentas, quicá as com maiores taxas do país. Contudo, essas cidades apresentam taxas de criminalidade muito menores que cidades que não aparecem na mídia, como é o caso de Maceió, Fortaleza e João Pessoa, Natal que apresentam, segundo o relatório feito pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) sobre os assassinatos ocorridos em 2012, a quinta, sétima, nona e décima segunda posição, respectivamente. Nesse relatório da UNODC aparecem outras cidades brasileiras, porém não consta o nome das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Para Souza (2008), a mídia não ‘deforma’, ‘simplifica’ ou ‘amplia’ somente por ignorância e incompetência, mas também pelo fato de haver notícias que ‘vendem bem’, as chamadas sensacionalistas, e as notícias com análises mais aprofundadas que ‘não vendem tão bem’ e que só atingem uma pequena parte de leitores e/ou espectadores (população mais exigente e esclarecida). Existe ainda o fato de um crime contra pessoa de classe média ou alta atrai mais interesse que um crime contra uma pessoa de família humilde; e nas áreas mais humildes é onde se concentram as maiores taxas de homicídios. Um indivíduo passa a agir de acordo com a realidade que percebe e seu comportamento fica condicionado a isso, contribuindo para a violência percebida.

A mídia ocupa lugar de destaque para ajudar ou piorar na sensação de segurança, isto é: a mídia interfere no imaginário de seus telespectadores. Por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro que é apresentada pelos meios midiáticos ao restante do país como sendo uma das (ou até mesmo a cidade mais violenta do Brasil). No entanto, um levantamento do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes com base em assassinatos ocorridos em 2012 para cada 100 mil habitantes, aponta a cidade de Maceió como a quinta colocada em homicídios.

**Tabela 01 – Cidades brasileiras citadas entre as mais violentas do mundo**

<b>Cidade</b>	<b>Colocação</b>	<b>Cidade</b>	<b>Colocação</b>
Maceió	5 <sup>a</sup>	São Luis	15 <sup>a</sup>
Fortaleza	7 <sup>a</sup>	Belém	23 <sup>a</sup>
João Pessoa	9 <sup>a</sup>	Campina Grande	25 <sup>a</sup>
Natal	12 <sup>a</sup>	Goiânia	28 <sup>a</sup>
Salvador	13 <sup>a</sup>	Cuiabá	29 <sup>a</sup>
Vitória	14 <sup>a</sup>		

**Fonte: UNODC, 2012**

Como é possível observar, a cidade do Rio de Janeiro não aparece nessa lista, porém, nos noticiários é citada como violenta e as cidades que recebem destaque no referido relatório da ONU, muitas vezes nem são mencionadas nos jornais e telejornais nacionais. Em outras palavras, deve haver uma filtragem ao que se vê, sendo interessante, no mínimo confirmar se a informação transmitida procede ou não. Porém, como isso não ocorre, os estigmas e opiniões são formados em cima de informações que muitas vezes exagerados, ou ainda, não são verdadeiras.

Segundo Glassner (2003), se você olhar uma quantidade de brutalidade nos noticiários da TV começará a acreditar que o mundo no qual vive é sombrio e cruel, e a sensação de insegurança e vulnerabilidade é grande. Muitas vezes a forma em que é transmitida uma informação sobre violência acaba por impossibilitar a compreensão da dinâmica da violência e rotular determinada área, zona, classe social ou grupo, aumentando assim a segregação sócio-espacial. (GLASSNER, 2003, p. 100).

O aumento da sensação de insegurança justifica a fortificação das residências e a contratação de seguranças particulares, como observou Caldeira (2000) sobre pesquisa feita na cidade de São Paulo:

(...) o principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que eu chamo de 'enclaves fortificados'. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Ao falar em enclaves fortificados, a autora se refere à shoppings, condomínios fechados, escritórios, entre outros lugares que fazem uso de serviços privados de segurança com o intuito de evitar a violência e garantir tranquilidade aos seus frequentadores. Essa segurança

se daria através de câmeras, portões, interfones, enfim, meios que assegurem quem está dentro do local e controle quem pretende acessá-lo. E essas mudanças acabam por mudar a cidade e sua rotina, configurando mais ainda a segregação socioespacial. Essa nova configuração das cidades gera a insatisfação de ambos os lados; os autosegregados por se manterem ‘presos’ no seu lugar seguro não podendo aproveitar de modo pleno a cidade; e os segregados por se manterem afastados por imposição, pois em muitos lugares não podem frequentar por falta de meios econômicos ou por serem locais privados. Seriam ilhas de ricos cercados de pobres por todos os lados, fomentando a violência e a segregação, pois a falta de interação ocasiona a criação de preconceitos.

Caldeira afirma que os moradores de áreas mais pobres também são vítimas de preconceitos como se já não bastasse a exclusão:

Como seria de esperar, os habitantes desses espaços são tidos como marginais [...] São considerados também socialmente marginais: diz-se que têm famílias divididas, são filhos de mães solteiras, crianças que não foram criadas devidamente. De certo modo, tudo o que quebra os padrões do que se considera boa conduta pode ser associado a criminosos, ao crime e a seus espaços. O que pertence ao crime é tudo que a sociedade considera impróprio. (CALDEIRA, 2000, p. 80).

Nesse caso seria o preconceito dessas áreas pelo restante da população, onde os habitantes de determinada área são estigmatizados por conta de vários eventos que os fazem ser classificados assim, entre eles o fato de residir em determinado bairro, raça ou condição social.

## **CAPÍTULO 2 - HISTÓRICO DE MANAUS E PROGRAMA RONDA NO BAIRRO**

### **2.1 Densidade urbana**

A densificação e ocupação do solo ganham cada vez mais destaque proeminente e tem gerado esforços na busca de melhorias das cidades no mundo todo, principalmente os grandes possuidores de problemáticas urbanas.

“Quais são as densidades apropriadas à áreas residenciais em cidades? A resposta para isso é algo como a resposta que Abraham Lincoln deu à questão. ‘Qual deve ser o comprimento das pernas de um homem? Longas o suficiente para alcançarem o chão, disse Lincoln’. Assim é, densidades apropriadas à áreas residenciais em cidades são uma questão de performance. Elas não podem estar baseadas em abstrações sobre as quantidades de solo urbano que idealisticamente devem ser alocadas para quantidade de pessoas (vivendo em alguma sociedade dócil e imaginária). Densidades são muito baixas, ou muito altas, quando frustram a diversidade da cidade ao invés de estimulá-la. Temos que olhar para densidades muito da mesma maneira como olhamos para calorias e vitaminas. Quantidades certas são quantidades certas por causa de como se comportam. E o que é correto difere em instâncias específicas”. (JACOBS, 1961).

O tamanho, padrão e a forma de crescimento das cidades são algumas das questões abordadas por estudiosos. Os modelos a serem seguidos são os de cidades densamente ocupadas e verticalizadas como São Paulo ou Tóquio? Ou serão cidades menos densas e relativamente tranquilas como exemplo de Brasília e Los Angeles? Qualquer que seja o modelo adotado, teremos impactos no espaço e na vida da população.

Os menos favorecidos se veem forçados a procurar locais que se adequem as suas condições financeiras, e isso significa lugares distantes com pouca ou nenhuma infraestrutura, longe do centro da cidade. Causando ainda a derrubada dos fragmentos florestais existentes ao redor da área ocupada. No caso de Manaus, permitir que a cidade cresça horizontal e indefinidamente sobre seu entorno é colocar em risco tudo o que existe em sua volta, pois a cada vez que nasce uma área invadida e ocupada por população carente. Logo, o investimento em infraestrutura, equipamentos urbanos que deverão ser, ao longo do tempo, construídos, implementados. E com isso demanda recursos financeiros, recursos naturais, entre outros.

Seria oportuno uma reformulação do que entendemos como cidade? Qual o limite ideal de urbanização e de densidade?

Vários agentes participam do processo de construção da cidade e que contribuem para ser geograficamente desigual: proprietários do meio de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Onde as preocupações da classe dominante e do Estado se voltam para implementação de urbanidades vistas em outras cidades e implementam os mesmos modelos aqui, sem levar em consideração as peculiaridades da cidade. Ou seja, uma cidade cheia de transformações e repleta de problemas urbanos, como afirma Spósito (1996):

[...] a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações. (1996, p. 11)

Com a chegada de grande quantidade de pessoas do interior do estado do Amazonas em Manaus para suprir a necessidade de mão de obra para a indústria, ocorreu a propensão da cidade, e conseqüentemente, o surgimento de ‘invasões’ onde novas infraestruturas serão implementadas. E ao mesmo tempo em que se evidenciava riqueza, luxo e “fausto”, Manaus se emaranhava em um lado pouco evidente do processo, a segregação de grande massa da população escondidas e encobertas pela escassez, falta de infraestrutura básica e com equipamentos urbanos ausentes ou precários (DIAS, 1999).

Quanto mais se afasta do centro da cidade mais se nota a segregação dentro do mesmo espaço. Uma discrepância vista na mesma cidade, pois de um lado uma cidade de consumo, o glamour de *La Belle Epoque* e o seu entorno era sem nenhuma infraestrutura ou equipamentos urbanos, tomada por violência e barracos, inclusive sobre os rios, ao redor da cidade de Manaus. A cidade não conseguiu acompanhar o crescimento vertiginoso que sofreu, não conseguindo proporcionar melhores condições de vida aos que estavam aqui e os recém-chegados. Seriam bolsões de pobreza cercados áreas econômica e estruturalmente beneficiadas; e essas diferenças só aumentaram com o passar dos anos, e acarretando cada vez mais e maiores problemas, tais como desemprego, aumento da criminalidade, falta na educação, saúde, moradia, lazer. Essa realidade não é diferente em outros centros urbanos.

O espaço é percebido, vivido e concebido; O espaço vivido resulta da inserção do ser no mundo, daí delineando-se o mundo vivido, plenamente constituído de valores, sentimentos e afetividades que existem antes da ciência. (MERLEAU-PONTY, 1996).

As experiências e percepções de cada indivíduo variam de acordo com sua condição social, pois as regras da cidade são impostas pelos grupos detentores do poder. Carlos (1996)



afirma que a cidade é meio, produto e condição para a reprodução da vida em sua multiplicidade, sendo possível notar que a cidade é permeada de espaços de consumo e o consumo se constitui em espaço. O espaço que antes eram de lazer e de manifestações culturais passam a ser outro tipo de espaço, a ter outro tipo de uso, onde muitas vezes o uso e a função é totalmente diferente da anterior. Santos (1978) cita a construção e destruição de formas e funções sociais do espaço.

## **2.2 Densidade demográfica e violência urbana**

### **2.2.1 Espaço urbano**

#### **2.2.1.1 Urbanização**

O conceito de espaço é o tema central abordado por Santos (1978), além do conjunto de relações sociais que se estabelecem e se manifestam de maneiras distintas. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (SANTOS, p.122).

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (SANTOS, 1978, p. 171).

Nas cidades, os elevados valores cobrados por uma moradia determinam o lugar de moradia de uma pessoa, impondo assim a segregação populacional. Esse fator dificulta o acesso à terra, contribuindo para as desigualdades sociais. Obrigados a ir residir em áreas distantes e precariamente providas de serviços públicos, arcando ainda com os custos de transportes e acesso a bens e serviços públicos. Segundo Santos (2008, p.11), cada pessoa ocupa o espaço de acordo com sua renda.

Como aparecem os bairros bons ou ruins? Próximos e longínquos? Por que os lotes bem localizados são caros e os mal localizados são mais baratos? Essas perguntas podem parecer tolas à primeira vista, porém, há por detrás delas muito mais do que podem aparentar. A cidade é feita pelo trabalho humano de gerações e gerações. A cidade não é um dado da natureza. A cidade é produzida (SANTOS, 1986, p. 41)

Com isso, tem-se de um lado uma cidade ordenada e planejada com incentivos do poder público e privado, e do outro lado tem-se uma cidade produzida de forma espontânea por aqueles que foram segregados, sem o devido apoio do Estado. O espaço urbano vai sendo

produzido cheio de contrastes e problemas sociais, surgindo os bairros pobres, as favelas. Bairros em condições precárias de infraestrutura e saneamento que crescem demasiadamente, principalmente com a chegada de pessoas que migram em busca de uma vida melhor, mas se deparam com uma dura realidade.

No caso de Manaus que tinha uma economia pouco representativa, cidade que nasceu da Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro, em 1669, foi descrita ao longo dos anos por viajantes e naturalistas mais pela simplicidade do aspecto urbano do que pelos hábitos de seus habitantes. Esse quadro mudou no final do século XIX, com a entrada da borracha no mercado internacional a partir de 1890, fazendo com que se intensificassem as transformações urbanísticas. Ao mesmo tempo em que exibia padrões cosmopolitas, escondia ou expulsava para o subúrbio os pobres, pois o projeto modernizador era excludente, passando como uma máquina, aterrando igarapés, ampliando ruas, edificando construções que não se adequavam nem às condições naturais nem à cultura dos habitantes locais. Na construção do projeto urbanístico, apareceu o papel do Estado como o de produtor do espaço urbano, não na perspectiva da mediação, mas na defesa dos interesses que se interpunham claramente contrários aos das populações locais.

As providências tomadas em torno da promoção visual da Cidade foram acompanhadas pela imposição de um projeto de mudanças de ordem comportamental, pois, para o poder público, Manaus somente alcançaria a projeção almejada se seus habitantes também estivessem em sintonia com os padrões de modernização. Nesse sentido, o encaminhamento do projeto modernizador implicou a exclusão de parte da população que passou a sofrer as mais diversificadas influências, como analisou Costa (1996), ao destacar que:

No final da década de 90, Manaus era outra. Dos 3.640 habitantes em 1848, pulou para 45.000, em 1897. As rendas de exportação da borracha enchiam os cofres públicos e o governo se esmerava em criar as melhores condições para transformá-la em uma cidade moderna, o novo habitat do capital estrangeiro: mandou escritores e políticos como propagandistas à Europa, fotografou a cidade em álbuns que percorreram capitais europeias, metamorfoseou-a aos gostos estrangeiros. Manaus despiu-se de suas vestes indígenas, abandonou sua água de moringa por água de Vichy, trocou perfumes de flores e raízes silvestres por sofisticados frasquinhos parisienses, desprezou seus aluás e o saboroso guaraná por bourbons franceses e pelos schopp alemã. (COSTA, 1996, p. 21).

Foi por meio de códigos de posturas que o poder público passou a criar normas visando a estabelecer os padrões urbanísticos, bem como os procedimentos para convivência dos habitantes. O Código Municipal de Manaus de 1893 fornecem as indicações de uma cidade

pensada como “moderna”. Ele não é apenas um instrumento de ação sobre o espaço; é também um artifício para a consecução de uma nova sociedade. Por outro lado, restringia posturas e hábitos indesejáveis; por outro estimulava atitudes mais apropriadas a uma “cidade sonhada” e adequada ao “progresso” e a ordem pretendidos (DAOU, 2000, p. 35).

No quadro destas exigências, constavam as orientações para a construção das moradias que deveriam estar condizentes com as áreas propensas à valorização. Tal determinação fez com que grande parcela daqueles que não possuíam recursos para empreender melhorias em suas residências fosse obrigado a buscar espaços mais afastados, criando as condições para a formação dos chamados arrabaldes, que não contavam com o mínimo de infraestrutura urbana, fato comentado pelo jornal Comércio do Amazonas, de 10 de janeiro de 1900, que destacava as dificuldades de acesso ao mercado central por parte da população moradora dos bairros mais distantes, observando ser admitido como “verdade irrefutável, que a cidade se alarga diariamente e que já hoje bairros há, como Mocó, Cachoeirinha e outros, que a despeito dos bondes, se acham muito afastados de seu centro”. A ideia era alertar o poder público para as dificuldades que os moradores das áreas mais distantes estavam enfrentando, após terem sido deslocados da área central para os chamados arrabaldes, passando a enfrentar dificuldades extensivas, inclusive para compra de alimentos. O autor encerrava sugerindo que “não seria de todo mau proceder-se também a criação de outros mercados locais, de menores dimensões”.

Os menos favorecidos se veem forçados a procurar locais que se adequem as suas condições financeiras, e isso significa lugares distantes com pouca ou nenhuma infraestrutura, longe do centro da cidade. Causando ainda a derrubada dos fragmentos florestais existentes ao redor da área ocupada. No caso de Manaus, permitir que a cidade cresça no plano horizontal e indefinidamente sobre seu entorno é colocar em risco tudo o que existe em sua volta, pois a cada vez que terras e/ou áreas são habitadas pela população carente e menos favorecidas, exige a adoção de nova infraestrutura, equipamentos urbanos que deverão ser implementados.

Vários agentes participam do processo de construção da cidade e que contribuem para ser geograficamente desigual: proprietários do meio de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Onde as preocupações da classe dominante e do Estado se voltam para implementação de urbanidades vistas em outras cidades e implementam os mesmos modelos aqui, sem levar em consideração as peculiaridades da cidade.

Com a chegada de migrantes do interior do Estado e de outras partes do país em Manaus para suprir a necessidade de mão de obra para a indústria, ocorreu o inchaço da cidade, e conseqüentemente, o surgimento de ‘invasões’ onde novas infraestruturas serão

implementadas. E ao mesmo tempo em que se evidenciava riqueza e luxo, Manaus se emaranhava em um lado pouco evidente do processo, a segregação de grande massa da população escondidas e encobertas pela escassez, falta de infraestrutura básica e com equipamentos urbanos ausentes ou precários.

A ocupação das zonas urbanas de Manaus, até meados da década de 1970, estava limitada às zonas administrativas sul, centro-sul, oeste e centro-oeste. As áreas centrais, nas proximidades da área portuária da cidade eram intensamente povoadas, com pouca densidade nas regiões norte e leste. A expansão demográfica de Manaus teve seu início com a criação da Zona Franca de Manaus, quando a cidade passou a receber inúmeros fluxos migratórios, fazendo surgir novos bairros na cidade e ocupações de outras áreas, como exemplo, no caso do bairro do Coroadó, que ocupou parte da área verde pertencente à Universidade Federal do Amazonas.

No início da década de 1980, iniciou-se um intenso processo de ocupação das áreas periférica da cidade. Segundo o Censo IBGE (2000), Manaus registrou uma população absoluta de 1.405.835 habitantes, dos quais 1.396.768 habitantes na sede do município, correspondendo a 99,36% da população absoluta municipal na área urbana. Em relação à população do Estado, Manaus representou 49,98% habitantes, que a colocou na posição de oitava cidade mais populosa brasileira, após São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte e Curitiba.

Quanto à População Economicamente Ativa - PEA, representou 614.421 habitantes, sendo 354.241 (masculina) e 260.180 (feminina). A PEA desocupada foi de 146.337 indivíduos e a ocupada de 468.084. Segundo a mesma fonte, foi estimada para Manaus, em 2009, uma população de 1.738.641 e uma densidade demográfica de 152,50 hab./km . O atual processo de ocupação demográfica de Manaus apresenta como uma das características mais marcantes a urbanização, que vem ocorrendo, em ritmo intenso e acelerado. Enquanto evolução da rápida e marcante concentração populacional em cidades nas últimas décadas, para o Brasil a taxa de urbanização saltou de 36,1% em 1950 para 81,2% em 2000, neste mesmo período a taxa de urbanização do estado do Amazonas cresceu de 26,8% para 74,8% (IBGE, 2000).

Manaus possui atualmente 63 bairros divididos em 7 zonas administrativas, sendo elas, Centro-Oeste, Centro-Sul, Leste, Norte, Oeste, Sul e Rural (tabela 02).

Tabela 02 – Divisão da cidade de Manaus por zonas, bairros e população residente

ZONA [Urbana]	BAIRROS	POPULAÇÃO (Aproximada)
Centro Oeste	Alvorada, Redenção, Da Paz, Dom Pedro e Planalto	154.000
Centro Sul	Flores, Parque Dez, Aleixo, Nossa Senhora das Graças, Chapada, Adrianópolis e São Geraldo	159.000
Leste	Jorge Teixeira, São José Operário, Gilberto Mestrinho, Coroado, Tancredo Neves, Zumbi dos Palmares, Armando Mendes, Mauazinho, Colônia Antonio Aleixo, Puraquequara e Distrito Industrial II.	466.000
Norte	Cidade Nova, Colônia Terra Nova, Monte das Oliveiras, Santa Etelvina, Colônia Santo Antonio e Novo Israel, Novo Aleixo, Cidade de Deus, Nova Cidade e Lago Azul	521.000
Oeste	Compensa, Tarumã, São Jorge, Lírio do Vale, Santo Antônio, Nova Esperança, Santo Agostinho, São Raimundo, Tarumã-Açu, Vila da Prata, Glória e Ponta Negra	246.000
Sul	Japiim, Petrópolis, Centro, Cachoeirinha, São Francisco, Educandos, Crespo, Raiz, São Lázaro, Morro da Liberdade, Betânia, Praça 14 de Janeiro, Colônia Oliveira Machado, Presidente Vargas, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, Distrito Industrial I e Vila Buriti	298.000

Fonte: IBGE – Censo demográfico, 2010. Organizado pela autora.

Manaus possui uma área comercial que está localizado na zona Sul, sendo este o principal centro comercial e de prestação de serviços, o que explica o grande fluxo de pessoas todos os dias para aquela área para trabalhar, fazer compras, cuidar da saúde, e outras atividades. Também explica os altos índices de criminalidade registrados nesta área.

### 2.2.1.2 Fragmentação do espaço e segregação

O espaço urbano se adapta e reflete a realidade de sua estrutura. Vários fatores influenciam a formação do espaço urbano, entre eles a violência que afeta a qualidade de vida dos cidadãos. E esses enclaves acarretam o desenvolvimento da criminalidade relacionado à pessoa e ao patrimônio. Surgindo assim áreas degradadas e desestruturadas quanto à qualidade de vida.

As cidades têm sido apresentadas, comumente, como lugar de concentração de riquezas e tragédias; como obra do esforço coletivo que resulta em proveito de poucos; como ambiente da segregação que desenha o mapa da desigualdade social (BASSUL, 2002, p. 7)

Quanto mais se afasta do centro da cidade mais se nota a segregação dentro do mesmo espaço. Uma discrepância vista na mesma cidade, pois de um lado uma cidade de consumo e o seu entorno era sem nenhuma infraestrutura ou equipamentos urbanos, tomada por pobreza e barracos, inclusive sobre os rios, ao redor da cidade de Manaus. A cidade não pode acompanhar o crescimento vertiginoso que sofreu, não conseguindo proporcionar melhores condições de vida aos que estavam aqui e os recém-chegados. Seriam bolsões de pobreza cercados áreas econômica e estruturalmente beneficiadas; e essas diferenças só aumentaram com o passar dos anos, acarretando cada vez mais e maiores problemas, tais como desemprego, aumento da criminalidade, falta na educação, saúde, moradia, lazer. Sendo essa realidade comum em outros centros urbanos.

Villaça (2001) destaca que basta dar uma volta na cidade para notar uma das características mais marcantes das metrópoles brasileiras - a segregação espacial. Sendo possível constatar a diferenciação entre os bairros tanto no perfil dos moradores quanto nos equipamentos urbanos, na infraestrutura e etc.

As experiências e percepções de cada indivíduo variam de acordo com sua condição social, pois as regras da cidade são impostas pelos grupos detentores do poder. Carlos (1996), afirma que a cidade é meio, produto e condição para a reprodução da vida em sua multiplicidade, sendo possível notar que a cidade é permeada de espaços de consumo e o consumo se constitui em espaço.

O espaço que antes eram de lazer e de manifestações culturais passam a ser outro tipo de espaço, a ter outro tipo de uso, onde muitas vezes o uso e a função é totalmente diferente da anterior. Santos (1978, p. 145) cita a construção e destruição de formas e funções sociais do espaço, além de se reproduzir e ter uma estrutura organizada pelo homem. “(...) o espaço

organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de certa autonomia.”

De acordo com Santos (1978) a forma é o aspecto visível, são as formas espaciais; enquanto a função é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a estrutura sócionatural é definida historicamente, tendo suas formas e funções criadas e instituídas de acordo com as características de cada grupo social. Villaça (2001, p. 142) afirma, “(...) a segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole.”

A cidade é dividida física e socialmente; divisões socioeconômicas que criam ainda fronteiras entre os grupos segundo suas semelhanças, que aproximam os ‘iguais’ e distanciam os distintos; ou ainda, reagrupa os indivíduos segundo as próprias leis. Para Corrêa (1995), o espaço urbano é o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. E que o espaço é reflexo e condicionante social, conjunto de símbolos e campo de luta. As melhores áreas, dotadas de equipamentos urbanos, melhor acessibilidade, independente de estar localizada na área central ou periférica; a chamada autosegregação ou segregação voluntária.

(...) os bairros das camadas de mais alta renda tendem a se segregar (os próprios bairros) numa mesma região geral da cidade, e não a se espalhar aleatoriamente por toda a cidade. (...) Se o principal móvel da segregação fosse a busca de posição social, do status, da proteção dos valores imobiliários, ou proximidade a ‘iguais’, bastaria haver a segregação por bairro (...); uns ao norte, outros a oeste, outros a leste e outros ainda ao sul da metrópole. Isso não ocorre, porém (VILLAÇA, 2001, p. 150).

A exclusão existente dentro do espaço urbano ainda que não impeça a circulação de qualquer indivíduo, acaba fazendo com que esse cidadão não detenha espaço algum. Segundo Figueiredo (1996), o mecanismo de exclusão existente na cidade gera um tipo de população que circula por todos os espaços, exatamente porque não tem, de fato, nenhum espaço.

Com o estabelecimento da violência segregacionista onde os pobres tem medo e protegem-se dos mais pobres ainda, pois estes tem medo da violência a todo instante e em todo lugar, em outras palavras incorporou o medo ao seu cotidiano; violência real e violência percebida. Para Maricato (2001, p. 51) “é impossível esperar que uma sociedade como a nossa, radicalmente desigual e autoritária, baseada em relações de privilégio e arbitrariedade, possa produzir cidades que não tenham essas características.”

Fala-se em cidade violenta quando na verdade são pontos onde a criminalidade se mostra de forma evidente, causando um sentimento de medo geral de qualquer lugar, qualquer hora sem mesmo ter sido vítima da criminalidade. A segregação traz consigo inúmeros problemas às cidades, entre eles a desigualdade. A população com menos recursos são as que mais gastam com o transporte, mais sofrem com a ausência da infraestrutura necessária às boas condições de vida, como consequência ficam mais vulneráveis a problemas de saúde, escolas de péssima qualidade, etc. As relações sociais são enfraquecidas, fronteiras são criadas para separar os ‘mundos’, aprofundando ainda mais as diferenças.

Mesmo estando, relativamente, longe dos locais centrais essas áreas tem todo o aporte necessário para uma boa condição de vida, contudo, o mesmo não se pode falar da segregação imposta aos menos afortunados. Indivíduos que se veem obrigados a residir onde seu poder aquisitivo pode pagar, geralmente em áreas distantes e desprovidas de equipamentos urbanos, infraestrutura, transportes de qualidade, enfim, de meios que facilitem suas vidas. Corrêa (1995) destaca as áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo. Seria a maneira de como são estruturadas, ou melhor, as diferenças entre as áreas de auto segregação e da segregação imposta. A antagonia entre os locais de moradia das diferentes classes sociais, no caso de nossa cidade, uma das maiores, senão a maior e melhor opção de lazer, principalmente para os de classe baixa, é a Ponta Negra. Antes frequentado pelos menos desprovidos, mas com o passar do tempo a área foi valorizada e a população que fazia uso daquele espaço, tido como público, já não era bem-vindo.

A referida área pode ser intitulada com o que Corrêa (1995) chamou de reserva para futura expansão, que seriam áreas deixadas no espaço urbano para futuros empreendimentos e até especulação fundiária. No caso específico da praia da Ponta Negra, foram construídos empreendimentos imobiliários que valorizaram ainda mais aquela área, a revitalização e mudança dos bares e restaurantes fez com que houvesse um controle do espaço público por aqueles que agora residem no lugar.

Corrêa (1995), diz que ‘a propriedade fundiária e seu controle pela classe dominante tem ainda função de permitir o controle do espaço através da segregação residencial, cumprindo, portanto, significativo papel na organização do espaço’. Áreas se tornam valorizadas quando possuem amenidades físicas, como mar, lagoa, sol, verde, e depois a população residente nesses locais agem pressionando o Estado para que ocorram investimentos e instalação de infraestrutura para que a terra seja valorizada. Isso evidencia o mecanismo de exclusão que vem sendo corroborado por um injusto modelo econômico e social da sociedade.



Diante desse quadro surge a violência, pois quando o indivíduo se vê aprisionado numa situação sem saída na qual ele se encontra, a criminalidade aparece como única alternativa para o suprimento de suas necessidades fisiológicas e pessoais, além da possibilidade de ser notado. Pois até então era invisível para a sociedade. O estímulo ao consumo impele ainda mais o indivíduo para a criminalidade, já que estes se encontram à margem das benesses do capitalismo, mas anseiam não somente por suprir suas necessidades básicas, mas também os supérfluos que são apresentados como imprescindíveis para uma boa qualidade de vida.

Souza (2008) discorre sobre o atual modelo social capitalista que produz e fomenta os fatores de estímulo a vários tipos de violência, não somente ao relacionado às desigualdades materiais, mas também as psicopatologias em decorrência do estresse e do medo acarretado pela violência. E a resposta dada pelo Estado e pela classe dominante agrava ainda mais o problema, pois estimulam a ‘contenção social’ (repressão ou ‘inclusão’, medidas paliativas e escapismo (segurança privada, condomínios fechados, etc)). E a sensação de desigualdade, fomentada pela segregação espacial, contribui para a violência urbana.

## **2.3 Densidade demográfica**

### **2.3.1 Definições**

População é o conjunto de pessoas que habitam um determinado lugar (podendo ser: bairro, município, estado ou país). A definição de população pode ser dividida ainda em absoluta ou relativa, onde a população absoluta é a quantidade de habitantes de determinada cidade, estado ou país. E população relativa é a relação entre população absoluta e a área ocupada, ou seja, a quantidade de habitantes existente por quilômetro quadrado. Também chamada de densidade demográfica ou densidade populacional e seu cálculo consiste em dividir a população residente pela área ocupada.

Outras definições que devem ficar claras são de populoso e povoado. Populoso refere-se a elevada população absoluta, ou seja, quantidade total de habitantes de um determinado lugar. E povoado é referente à população relativa, em outras palavras, média elevada de habitantes por uma determinada área ocupada.

Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2013 o Brasil possuía 201.032.714 habitantes, e 8.514.215,3 km<sup>2</sup> de área. O Amazonas com extensão de 1.559.159,148 km<sup>2</sup>, e Manaus com área de 11.401,092 km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 158,06 hab/km<sup>2</sup>.

**Tabela 03 – Comparativo do crescimento populacional de Manaus, Amazonas e Brasil**

<b>ANO</b>	<b>MANAUS</b>	<b>AMAZONAS</b>	<b>BRASIL</b>
1991	1.011.501	2.103.243	146.825.475
1996	1.154.330	2.376.965	156.032.944
2000	1.405.835	2.812.557	169.799.170
2007	1.646.602	3.221.939	183.987.291
2010	1.802.014	3.483.985	190.755.799

**Fonte: IBGE, 2010.**

A tabela acima faz um comparativo entre as populações de Manaus, Amazonas e Brasil entre os anos de 1991, 1996, 2000, 2007 e 2010, onde é possível notar o crescimento populacional entre os três.

Embora, nos últimos vinte anos, as taxas de crescimento demográfico tenham arrefecido e o vetor do incremento populacional tenha se deslocado das áreas centrais para as periferias das regiões metropolitanas, bem como para as cidades médias, a precariedade das condições de vida de grandes contingentes da população ainda constitui característica comum, e crescente, em todas as grandes concentrações urbanas no Brasil (BASSUL, 2002, p. 2).

A densidade demográfica no Estado é uma das mais baixas do país, em comparação a outros estados. Tendo como peculiaridade o fato da maior parte da população se concentrar em Manaus. A capital do Estado é uma cidade macrocéfala, ou seja, detém alto percentual da população total e urbana. Esse fato se deu por influência das migrações ocorridas, principalmente na época da extração da borracha e durante instalação da Zona Franca de Manaus, onde pessoas deixavam seus municípios e vinham para Manaus em busca de trabalho e melhores condições de vida.

#### **2.4 Programa Ronda no Bairro**

O Programa Ronda no Bairro é um programa que teve início em 2012 com a integração de órgãos distintos vinculados à Secretária de Segurança Pública – SSP/AM, entre estes órgãos está Polícia Militar do Amazonas – PMAM, Polícia Civil do Amazonas – PCAM, Secretaria de Planejamento – Seplan e Prodam.

Foram criados os Distritos Integrados de Polícia – DIPs, formado por uma delegacia e uma Companhia Interativa Comunitária – CICOM, ou Quartel da Polícia Militar. Trabalhando

de forma cooperativa, a Polícia Militar faz o policiamento ostensivo e a Polícia Civil se encarrega da parte de registros das ocorrências e levantamentos criminais.

Viaturas modernas foram adquiridas e equipadas com câmeras e GPS, sendo possível monitorá-las em tempo real, facilitando o acompanhamento e georreferenciamento das ocorrências, possibilitando as análises posteriores por partes da Seplan para identificação de pontos vulneráveis na cidade. Houve ainda a integração das bases de informações existentes nas polícias, o qual deu-se o nome de SISP - Sistema Integrado de Segurança Pública. Sendo possível nesse sistema de informações pesquisar processos judiciais, registro de condutores, ocorrências passadas, situação de veículos, entre outros.

Houve ainda concurso público para aumento do efetivo policial militar e civil, construção dos DIPs, além de capacitação dos policiais que entrariam no programa, visando aprender a manusear os novos equipamentos, fazer as pesquisas dos bancos de dados criados para o programa. O programa Ronda no Bairro veio trazer um enraizamento no bairro, ou seja, uma aproximação da segurança pública com as comunidades. Por estar distante, não sabia o que mais afligia a população e com isso a criminalidade crescia, pois não se pode combater em área desconhecida, sem a ajuda dos moradores. Pois são eles que residem naquele lugar e sabem o que e onde ocorre, informações necessárias para o combate de violência.

Passou a ocorrer o policiamento com carros e motocicletas. As zonas da cidade foram divididas em setores, com o efetivo de 18 policiais, duas motocicletas e uma viatura por cada área. Havendo assim uma aproximação entre policiais e comunidade. Essa proximidade e permanência dos mesmos policiais na mesma área é benéfica, sendo possível saber quais as áreas, horários e tipificações de crime que mais ocorre nas ruas faz policiamento.

Em cada viatura tem um celular onde o morador pode ligar, acionando aquela que faz ronda mais próxima de sua casa, não sendo necessário telefonar para 190. O atendimento chega mais rápido, pois além de estar mais próxima, os policiais já conhecem muito bem a área. A celeridade dada a cada ocorrência é maior e o cidadão é quem ganha com isso. A redução na criminalidade foi enorme, principalmente nos primeiros anos da implantação do programa.

#### **2.4.1 - Dados estatísticos após implementação do Programa Ronda no Bairro**

Após a implementação do Programa Ronda no Bairro os índices de criminalidade diminuíram. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Amazonas foi um dos estados que conseguiu reduzir as taxas de criminalidade por grupo de 100 mil habitantes. Com o georreferenciamento e utilização de tecnologias para o registro das ocorrências houve uma

maior qualidade e confiabilidade dos dados estatísticos. Além de ser o 3º estado do país com maior investimento na área de segurança pública (tabela 04).

**Tabela 04– Total de ocorrências dos anos de 2011 e 2012 por natureza de crimes**

<b>NATUREZA DE CRIME</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Lesão Corporal Dolosa	17.698	10.057
Roubo de Veículos	6.499	4.746
Estupro	1058	988
Homicídio Doloso	1.033	1.012
Porte Ilegal de Arma de Fogo	921	792
Tentativa de Homicídio	799	508
Latrocínio	43	40

**Fonte: Anuário brasileiro de segurança pública, 2013**

Com a escolha de Manaus como uma das cidades sede da copa do mundo de futebol foi melhorado as tecnologias utilizadas para o monitoramento na cidade. Reforma e ampliação do CIOPS – Centro Integrado de Operações de Segurança.

## **CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **3.1 - Sistema de Informações Geográficas - SIG**

O uso da ferramenta de georreferenciamento ajuda na visualização e detecção de padrões espaciais de uma modalidade específica de delito. Ao ser identificado o padrão espacial da violência pode ser analisado as condições de vida da área em que ocorre com frequência aquela modalidade de crime. Também é possível analisar a distribuição da violência dentro da cidade. O tratamento georreferenciado das ocorrências ajuda no monitoramento das ocorrências, sendo possível a identificação dos pontos críticos, além de poder acompanhar o aumento ou redução dos crimes, possibilitando também a atualização dos mapas sempre que for necessário.

### **3.2 - Procedimentos metodológicos**

Este trabalho foi apoiado pela Secretaria de Segurança Pública do Amazonas – SSP/AM e também pela Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência – SEAI, na medida em que cederam os dados georreferenciados das ocorrências do ano de 2013 (Tabela 5, p.45) para a realização desta pesquisa acadêmica.

A Secretaria de Segurança Pública trabalha com 12 indicadores de criminalidade. São elas, em ordem de ocorrências: Furto; Roubo; Lesão corporal dolosa; Lesão corporal (violência doméstica); Entorpecentes (tráfico); Entorpecente (porte, posse, uso); Localização/recuperação de veículos/objetos; Estupro; Armas de fogo apreendidas; Homicídio doloso; Tentativa de homicídio e Roubo seguido de morte (latrocínio). Decidiu-se trabalhar com os dados do ano de 2013 porque os dados estavam georreferenciados (quase 100% das ocorrências registradas). De acordo com os dados do ano de 2013 houve 80.139 registros, estando divididos por natureza de ocorrência, conforme tabela 04. Do total, 79.206 foram georreferenciadas, ou seja, 98,83% do total das ocorrências registradas, havendo uma perda de 1,17% ou 933 atendimentos dos quais não foram georreferenciados.

Como destacado anteriormente, na presente pesquisa busca-se confrontar dados da população residente por bairros e por setores censitários com as ocorrências policiais da área urbana de Manaus. Os dados demográficos em nível de setores censitários são do censo

demográfico de 2010 e em nível de bairros são da estimativa da população do ano de 2013. Ambos foram comparados com as ocorrências policiais ocorridas ao longo do ano de 2013<sup>1</sup>.

Com o objetivo de confrontar os dados das ocorrências policiais com os da população residente por setor censitário, recursos de Sistema de Informações Geográficas – SIG foram utilizados para quantificar aquelas por setores censitários, utilizando-se das coordenadas geográficas das mesmas para reconhecer a que setor cada uma pertencia. Em seguida as ocorrências foram totalizadas por setores censitários.

Visto que para o presente trabalho estabeleceu-se como objetivo reconhecer possível relação entre a densidade demográfica e ocorrências policiais, manteve-se a decisão de explorar os dados na sua totalidade geográfica, ou seja: sobre toda a área urbana de Manaus. No entanto, considerando-se que o esforço necessário para analisar todas as naturezas de ocorrências para toda a cidade exigiria um esforço que iria para além do adequado ao trabalho de dissertação de mestrado, decidiu-se adotar alguns procedimentos de recortes, como serão descritos abaixo. Antes, porém, faz-se necessário descrever outras preocupações que nortearam a manipulação dos dados.

Para a análise comparativa dos dados por bairros achou-se por bem retirar alguns bairros visto que apresentam características diferentes da maioria e a sua permanência poderia levar a resultados pouco corretos. Assim, foram retirados os bairros: Vila Buriti, Distrito Industrial I, Distrito Industrial II; Centro e Ponta Negra.

O primeiro deles, (Vila Buriti) por se tratar de bairro militar com segurança própria, e por esse motivo os índices de criminalidade no referido bairro são baixos, o que faria com que sempre aparecesse como um dos bairros com menores números de ocorrência, independente da natureza de crime.

Áreas onde fica situada a maior parte das fábricas do Pólo Industrial de Manaus, os bairros Distrito Industrial I e Distrito Industrial II foram retirados por possuem baixa densidade demográfica e não são bairros residenciais. Por outro lado são bairros grandes em extensão territorial.

O centro da cidade traz outra peculiaridade: por ser uma área comercial, com bancos, comércio, feiras entre outros. A população flutuante é grande principalmente no horário comercial, visto que boa parte da população ainda tem o centro como local de trabalho, para fazer compras ou pagar contas, acessar serviços, área de turismo e lazer e apresenta baixa

---

<sup>1</sup> Nota-se que há uma pequena defasagem entre os dados demográficos por setores censitários e os das ocorrências policiais. Isto se deve ao fato de que os censos são realizados a cada dez anos e o georreferenciamento das ocorrências somente passaram a ser feitas a partir de 2013.

população residente. Relativizar grande quantidade de ocorrências pela população residente o levaria a encabeçar a lista dos que apresentam maiores índices de criminalidade.

E por fim a Ponta Negra. Neste bairro está localizado um dos pontos turísticos mais visitados de Manaus e uma das poucas opções de lazer na cidade. Local muito movimentado, principalmente nos finais de semana para passeio e banho de rio. Em função disso, a população flutuante é muito alta, contribuindo para o aumento das ocorrências policiais. Também possui baixa densidade demográfica. Se as ocorrências fossem comparadas com a população residente, o bairro poderia ficar em destaque, sem, efetivamente refletir a realidade em relação à população residente. Decidiu-se excluir da análise a natureza Localização/recuperação de veículos/objeto em função do esforço adicional que exigiria para tratar os dados dos locais de subtração do bem e os de sua recuperação.

Tradicionalmente os dados são trabalhados de modo bruto, ou seja: total de ocorrências por bairros e na presente pesquisa decidiu-se relativizar as ocorrências pela população residente. Acredita-se que sem a relativização, os valores brutos acabam por mascarar os dados e com isso perde-se muito, além de correr o risco de rotular determinadas áreas como bom ou ruim em termos de segurança pública, mesmo não que não sejam. Ao contrário, na presente pesquisa buscou-se relativizar os índices criminais pela população residente e deste modo buscar resolver a problemática da pesquisa, negando ou conformando as hipóteses que nortearam este trabalho.

Excluídos os bairros que, se acreditava, alterariam os resultados da pesquisa, passou-se à elaboração de mapas em diferentes escalas e níveis de análises, desde uns que apresentam a realidade para toda a área urbana de Manaus até no nível de setores censitários por natureza de crime de certos bairros da cidade – mais sinistro de cada natureza. Deste modo, a análise dos resultados está assim dividida: a) mapas apresentam, a título de introdução, a distribuição da população e das ocorrências por bairros, ambos para o ano de 2013. b) O tratamento dos dados no nível de bairros buscou reconhecer possíveis diferenças entre apresentar os dados em valores absolutos por bairros e relativizá-los pela respectiva população residente, calculando o número de habitantes para cada ocorrência. c) Deste procedimento foram destacados os cinco bairros com os melhores e os cinco com os piores indicadores (em valores absolutos de ocorrências). Mapas apresentam estes dez bairros, por natureza de ocorrências, agrupados por melhores e piores; d) O procedimento anterior foi utilizado para gerar mapas, por natureza de ocorrência. Novamente dez bairros são apresentados, com os bairros agrupados; e) Repetiu-se o procedimento anterior, relativizando os dados pela população residente em cada bairro; f) o pior bairro (habitantes por ocorrência) foi analisado no nível de setores censitários para cada natureza de crime, buscando relacionar as ocorrências com a população residente (densidade

demográfica). Destacados os cinco piores setores para a natureza do crime, estes foram comparados com a densidade demográfica para fins de reconhecer a existência ou não de relação entre a densidade demográfica e criminalidade.

### 3.3 Análise dos resultados

Apesar de separar as ocorrências em doze naturezas, é possível notar que apenas três delas ocorrem com maior proporção. Furto, roubo e lesão corporal dolosa foram responsáveis por 83,28% de todas as ocorrências registradas na área urbana de Manaus no ano de 2013, como pode ser visto na tabela 05.

**Tabel 05 – Total absoluto e percentuais de ocorrências resgistradas em 2013.**

<b>NATUREZA</b>	<b>ORDEM</b>	<b>TOTAL</b>	<b>PERCENTUAL</b>
Furto	1°	29.829	37,22
Roubo	2°	25.694	32,06
Lesao corporal dolosa	3°	11.217	14,00
Lesao corporal (violencia doméstica)	4°	3.592	4,48
Entorpecentes (tráfico)	5°	2.977	3,71
Entorpecentes (porte/posse/uso)	6°	1.731	2,16
Localizacao/recuperacao de objeto/veiculo	7°	1.672	2,09
Estupro	8°	1.321	1,65
Armas de fogo apreendidas	9°	866	1,08
Homicídio doloso	10°	728	0,91
Tentativa de homicídio	11°	477	0,60
Roubo seguido de morte (latrocínio)	12°	35	0,04
	<b>Total</b>	<b>80.139</b>	<b>100,00</b>

**Fonte: SSP/AM**

Nota-se que o crime Lesão corporal – violência doméstica ocupando o quarto lugar com 4,48%. Ocorrências relacionadas com o tráfico e consumo de entorpecentes somaram juntas, 5,87%. Alguns tipos de ocorrências contra a pessoa contribuem pouco para os índices de violência da cidade. É o caso, por exemplo, dos homicídios. Mas, apesar de representar menos de 1% de todas as ocorrências registradas no ano de 2013 em Manaus. Os homicídios são os que mais causam a mobilização, tanto por parte das autoridades que empregam um maior esforço para conter esse tipo de ocorrência, já que se trata da perda de vidas de membros da



sociedade. Também a população que passa a tomar medidas de precaução, causadas pelo medo. Tais medidas vão de passar menos tempo fora de casa, colocar grades de ferro em suas residências, ou cercas elétificadas, se houver condição financeira para fazê-lo, entre outras.

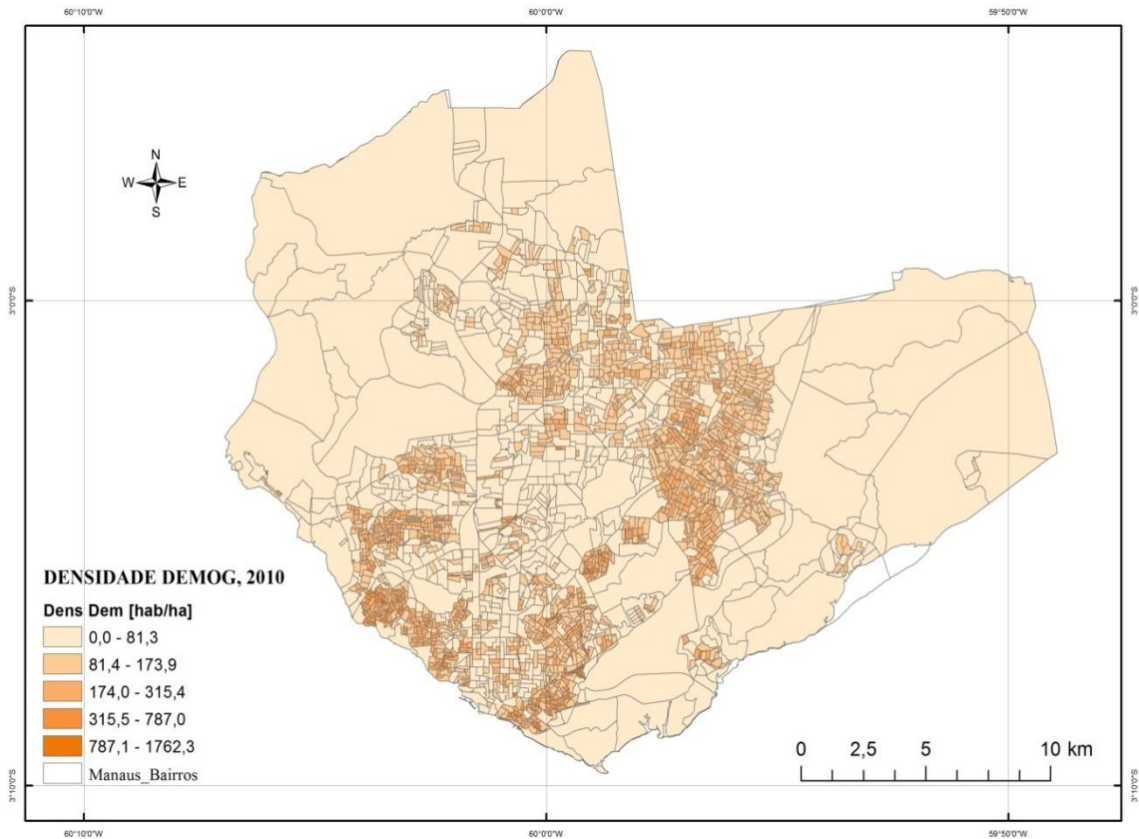
Buscou-se analisar as ocorrências por gênero, tanto das vítimas quanto dos agressores. Contudo não foi possível, devido ao fato de que em quase 70% das ocorrências registradas o campo referente o gênero foi deixado sem preenchimento, provavelmente por não saberem da importância.

A análise dos resultados do presente trabalho ocorre em três níveis: uma visão geral sobre a cidade; outra em nível de bairros e análises em nível de setores censitários. Tabelas apresentam os valores e mapas que apresentam a distribuição da população e das ocorrências policiais nos três níveis de análises. No nível de bairros os dados de população e refere-se ao ano de 2013 e no nível de setores censitário são do censo de 2010. Todas as são referentes ao ano de 2013.

Depois de uma visão geral sobre a área urbana de Manaus, passa-se a destacar bairros: os 5 piores e os 5 melhores, por natureza de crimes. Em seguida, toma-se o bairro com a menor relação habitante por ocorrência, reconhece a distribuição das ocorrências no interior do bairro por setores censitários, destacando os 5 primeiros em total de ocorrência. Um outro mapa do bairro é gerado, com a distribuição da população, também por setores. Utilizando os setores destacados das ocorrências, é possível concluir se há relação com a densidade demográfica ou não.

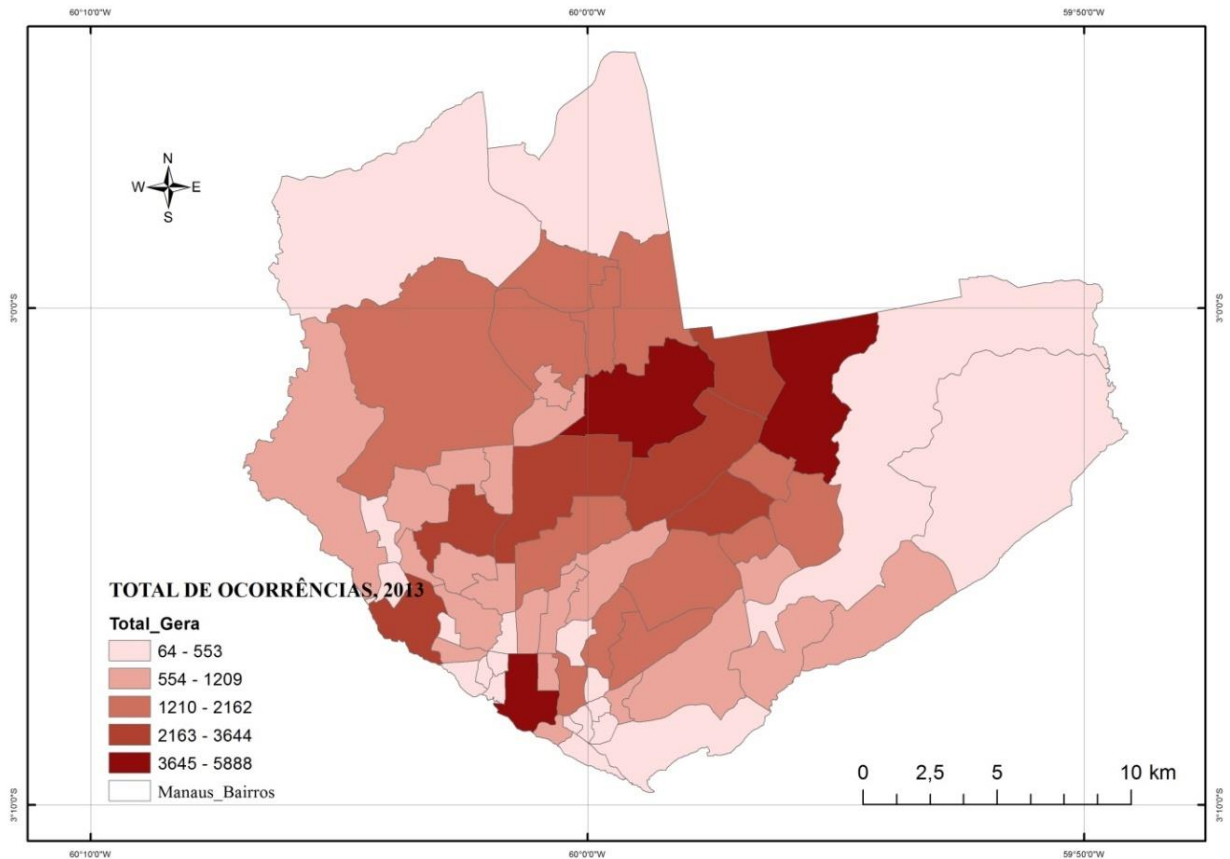
O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, de 10 em 10 anos faz um censo demográfico que é a contagem da população, onde os recenseadores vão em todas as residências para aplicar questionários. Após as respostas dos questionários serem coletadas, organizadas e analisadas poderão passar os resultados para subsidiar os governos a planejar suas ações. Esses resultados servem ainda para uma série de publicações sobre temas estudados, tanto pelo IBGE como por outros órgãos e pesquisadores que utilizam esses dados.

Ainda a respeito do censo demográfico, é feita uma projeção da população para cada ano, usando como base o último recenseamento. Para o trabalho dessa dissertação foi utilizado a projeção feita para o ano de 2013, com base no censo realizado em 2010. Essa projeção é feita pelo próprio IBGE e é possível encontrar no site do referido órgão. Na figura 01 apresenta-se o mapa da densidade demográfica de Manaus por setores censitário, com base no censo demográfico de 2010.



**Figura 01 - Manaus, Densidade demográfica, por setores censitários**  
**Fonte: IBGE - Censo demográfico, 2010**

O mapa acima traz a distribuição populacional por setores censitários. Nota-se que as áreas mais adensadas (em tons mais escuros) são separadas por outras de menor densidade. É possível notar que boa parte da cidade apresenta baixa densidade demográfica. Que relação há entre densidade demográfica e criminalidade? Na figura 02, apresenta-se o mapa das ocorrências gerais do ano de 2013.



**Figura 02 - Ocorrências de 2013 [Total]**

Fonte: SSP/AM

O mapa acima traz todas as ocorrências georreferenciadas do ano de 2013, sem nenhum tratamento, ou seja, registros absolutos sem separação por natureza criminal, o único tratamento foi feito para saber em qual bairro se concentra a maior quantidade de crimes. Notadamente as áreas com as cores mais fortes indicam as maiores em incidência criminal, assim como as mais claras são as com menores números de ocorrências. Os bairros de Jorge Teixeira, Cidade Nova e Centro são os que apresentam a coloração mais escura, em outras palavras, os maiores em número total de registros policiais. Vale destacar o Centro, um dos bairros que possui maior taxa de criminalidade em função da população flutuante, composta por estabelecimentos comerciais com uma população fixa e outras populações, advindas de outros bairros e de outras regiões e/ou cidades, que veem se estabelecer na cidade de Manaus.

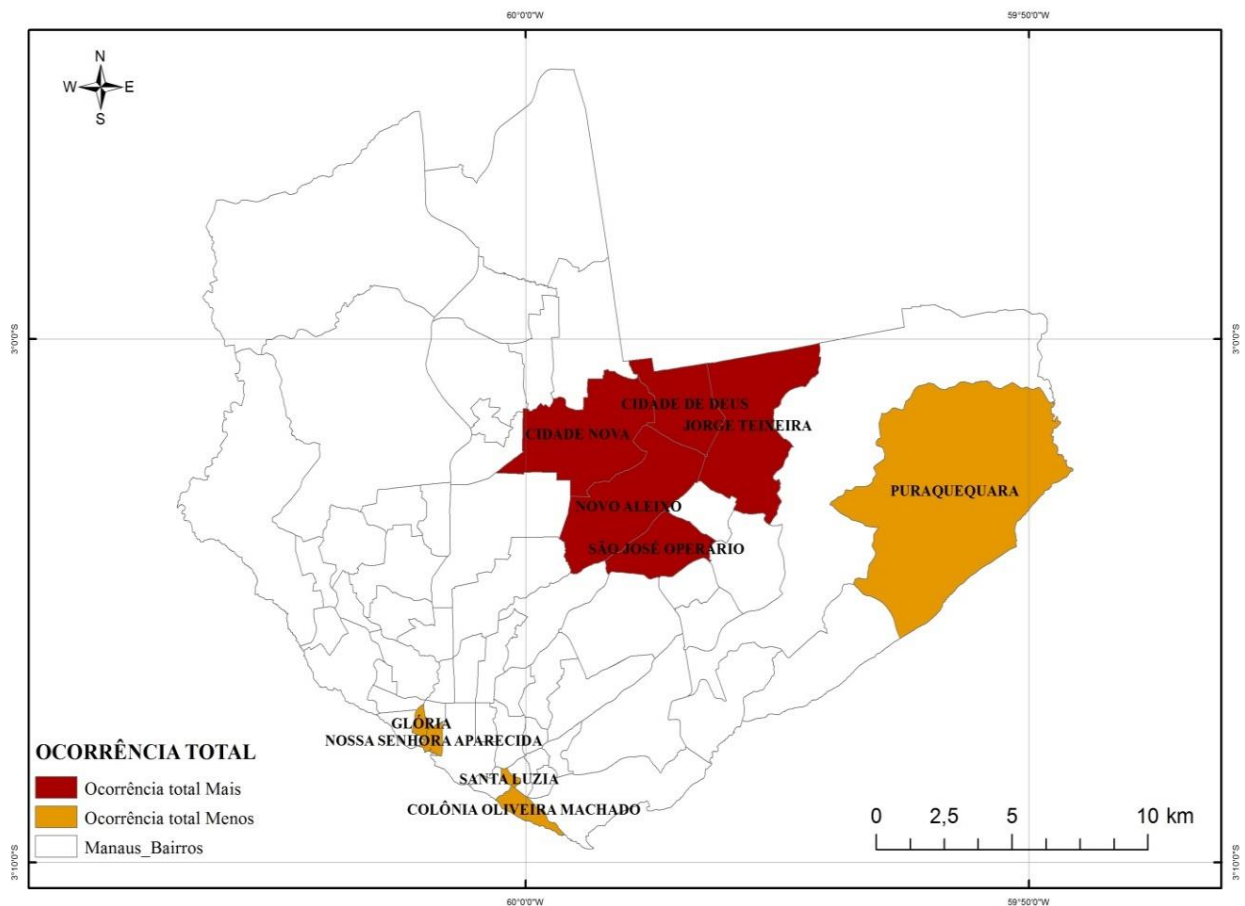
Como destacado anteriormente, do resultado da divisão da população por crime tem-se o valor das ocorrências relativizadas pela população, em outras palavras: quanto menor o valor significa que tem-se menos pessoas para cada ocorrência. Assim, quanto menor o resultado, pior o bairro. Na tabela 06 e figura 03, apresenta-se, respectivamente, dados e mapa

das ocorrências para os cinco bairros com os maiores e os menores valores absolutos (todas as naturezas de crimes).

**Tabela 06 – Total de ocorrências – Melhores e piores [por bairro]**

MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Nossa S. Aparecida	1	138	Cidade Nova	1	5.888
Santa Luzia	2	174	Jorge Teixeira	2	4.598
Puraquequara	3	199	São José	3	3.644
Glória	4	232	Novo Aleixo	4	3.411
Colônia O. Machado	5	292	Flores	5	3.059

Fonte: SSP/AM



**Figura 03 – Total de ocorrências – Melhores e maiores [por bairro]**

Fonte: SSP/AM

O mapa com todas as ocorrências totais destaca os bairros da Cidade Nova, Jorge Teixeira, São José, Novo Aleixo e Flores como sendo as áreas com os maiores índices de crimes

registrados. Destaca-se os bairros de Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, Puraquequara, Glória e Colônia Oliveira Machado como sendo os locais com os menores valores. Como são valores absolutos, é de se esperar que bairros de extensão territorial maior tendam a apresentar valores mais elevados. O mapa bem demonstra isto e confirma a ideia de que a análise dos dados em valores absolutos por bairros se mostra inadequada. O mapa também permite concluir que predominou bairros da periferia das zonas Leste e Norte da cidade de Manaus, enquanto que as áreas com os menores números de registros são bairros da área central, com exceção do bairro Puraquequara que também faz parte da zona Leste. Vale lembrar que para este nível de análise alguns bairros foram retirados por apresentar características peculiares, anteriormente destacadas.

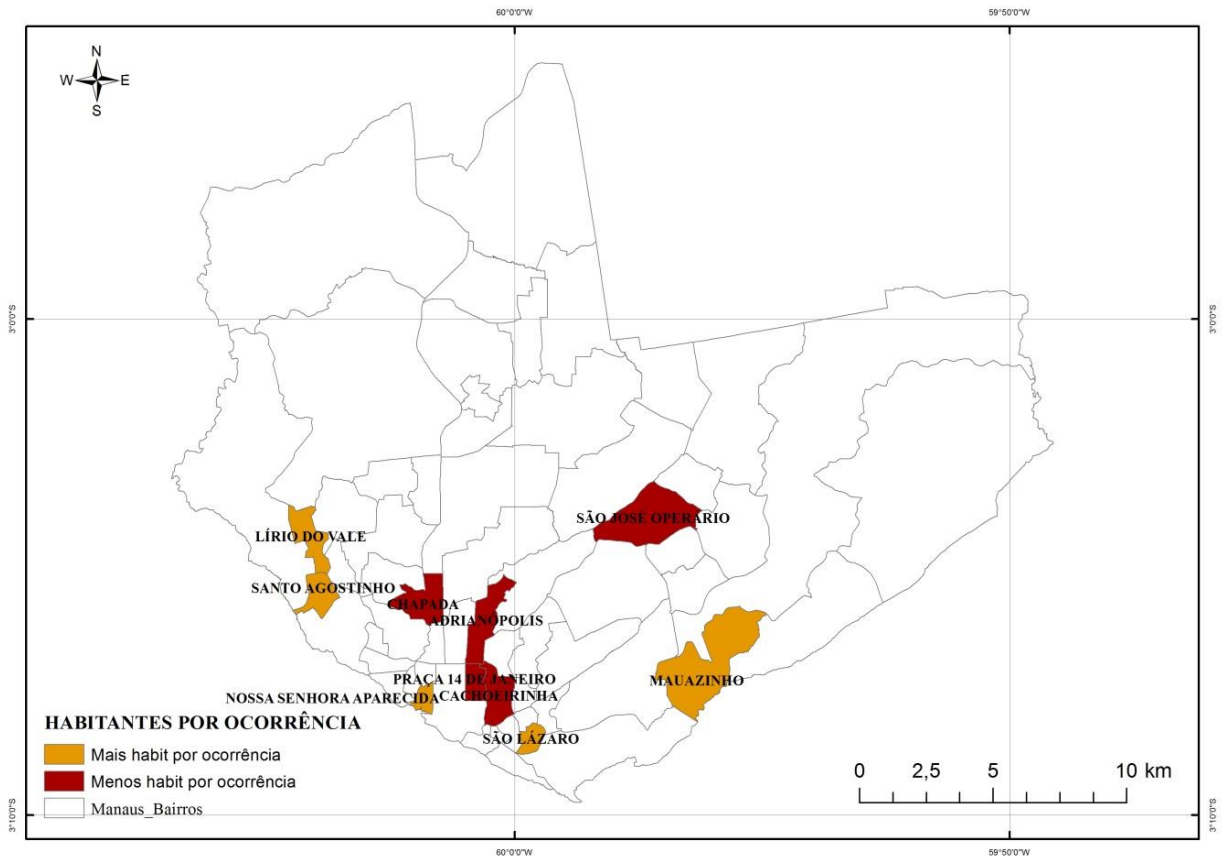
A seguir passa-se a trabalhar as ocorrências por natureza de crime, destacando os cinco piores e os cinco melhores bairros<sup>2</sup>, e ainda sobre o pior dentre os cinco piores, a análise vai no nível de setores censitários. Apresentam-se a seguir os piores e melhores, por todos os tipos de ocorrências. Também como destacado anteriormente, busca-se comparar duas metodologias distintas: a que trata os dados de modo absoluto e utilizada amplamente, e a que relativiza as ocorrências pela população residente em cada bairro. Como será notado, os resultados são bem distintos. Na tabela 07 e figura 04, apresentam-se dados e respectivo mapa de habitantes por ocorrências.

**Tabela 07 - Habitantes por ocorrência - Melhores e piores [por bairro]**

<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Nossa S. Aparecida	1	54.4	Adrianópolis	1	8.4
Mauzinho	2	44.1	Cachoeirinha	2	8.9
Santo Agostinho	3	43.7	Chapada	3	13.7
São Lázaro	4	41.7	Praça 14 de janeiro	4	15.6
Lírio do Vale	5	40.2	São José	5	16.8

**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013**

<sup>2</sup> Seja em valores absolutos ou relativizado pela população no nível de bairro ou de setores censitários, os termos **Melhores** e **Piores** são empregados para referirem-se às ocorrências registradas, assumindo-se que um bairro é pior quando há um elevado número de ocorrências e considera-se melhores aqueles que apresenta valores mais baixos.



**Figura 04 – Habitantes por ocorrência – Melhores e piores [por bairro]**  
**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010**

Ao comparar a figura 03 com a figura 04 é possível notar as mudanças que ocorrem no mapa da criminalidade, lembrando-se que são as mesmas ocorrências, mudando apenas a forma de analisá-las. Na figura 03 os registros são apresentados em valores absolutos, enquanto na figura 04 os registros são relativizados pela população residente. Para os valores de habitantes por ocorrência, vê-se que os bairros de Nossa Senhora Aparecida, Mauazinho, Santo Agostinho, São Lázaro e Lírio do Vale são os que possuem os menores índices, pois é calculada a quantidade de pessoa para cada ocorrência. A tabela mostra que o bairro Nossa Senhora Aparecida apresenta o índice de 54.4 habitantes para cada crime que ocorreu nele no ano de 2013. No outro extremo tem-se o bairro de Adrianópolis, que apresenta o pior índice, ou seja: 8.4 habitantes para cada crime ocorrido no bairro. Ao fazer a análise com os dados absolutos este bairro fica longe de ser tido como um dos mais violentos. Outro aspecto importante a ser notado: na figura 03 todos os piores bairros pertencem às zonas Leste e Norte de Manaus, havendo uma concentração nestas áreas. Contudo, na figura 04 nota-se que a distribuição dos bairros com os piores e menores índices relativizados de criminalidade ficaram distribuídas

entre as zonas Centro Sul, Leste, Oeste e Sul. Esta análise é aprofundada por setores censitários para alguns bairros que se destacaram entre os piores, de acordo com a natureza de crime.

Passa-se a seguir às análises nos níveis de bairros e de setores censitários, por cada uma das naturezas que compõem o conjunto dos dados do ano de 2013. Analisa-se em primeiro lugar os crimes contra o patrimônio e em seguida os crimes contra a vida.

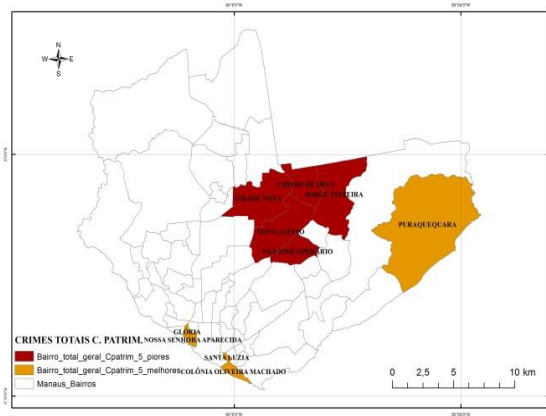
### 3.4 Crimes contra o Patrimônio

Os dados também foram separados por crimes contra a pessoa e crimes contra o patrimônio. Na tabela 08 e figura 05, apresentam-se dados e respectivos mapas das ocorrências contra o patrimônio, por bairro. Uma parte da tabela traz os valores absolutos e outra apresenta-os relativizados pela respectiva população residente.

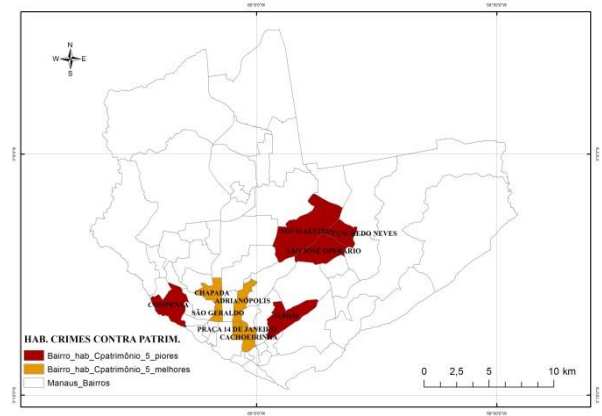
**Tabela 08 – Total de crimes contra o Patrimônio - Melhores e piores [por bairro]**

<b>VALORES ABSOLUTOS</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>
Nossa S. Aparecida	1	96	Cidade Nova	1	4.423
Puraquequara	2	100	São José	2	2.759
Glória	3	101	Jorge Teixeira	3	2.650
Santa Luzia	4	101	Novo Aleixo	4	2.346
Colônia O. Machado	5	127	Cidade de Deus	5	1.861
<b>VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Adrianópolis	1	76.094	Compensa I	1	46
Cachoeirinha	2	61.581	São José	2	48
Chapada	3	57.588	Novo Aleixo	3	71
Praça 14	4	53.856	Japiim	4	88
São Geraldo	5	53.798	Tancredo Neves	5	93

**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013**



**Figura 05 (a) – Total de crimes Contra Patrimônio – Melhores e piores [por bairro]**  
**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE,2013**



**Figura 05 (b) – Habitantes por crime contra o patrimônio – Melhores e piores [por bairro]**

Para os crimes contra o patrimônio tanto por análise absoluta quanto relativa, os bairros do São José e Novo Aleixo destacam-se negativamente. Porém, nota-se para o mapa produzido com dados relativos reproduz parcialmente o mesmo resultado que o mapa das ocorrências com valores absolutos, visto que há uma concentração dos piores bairros na periferia das zonas Leste e Norte da cidade de Manaus, enquanto que as áreas com os menores números de registros são bairros da área central, com exceção do bairro Puraquequara que também faz parte da zona Leste. Para o mapa com os crimes relativizados pela população residente, há uma visível mudança na apresentação com destaque para o bairro da Compensa que costuma receber destaque negativo, quando se trata de dados absolutos. E ainda o bairro do Japiim que não tem histórico de ser área perigosa.

### 3.5 Furto

Na tabela 09 e figura 06, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas referentes aos índices de furtos.



Tabela 09 – Furtos - Melhores e piores [por bairro]

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Santa Luzia	1	52	Cidade Nova	1	2.366
Glória	2	65	São José	2	1.253
Nossa S. Aparecida	3	69	Jorge Teixeira	3	1.247
Puraquequara	4	75	Flores	4	1.119
São Lázaro	5	82	Novo Aleixo	5	1.096

VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
Santo Agostinho	1	198,9	Adrianópolis	1	14,6
Mauazinho	2	154,9	Cachoeirinha	2	15,9
São Lázaro	3	150,3	Chapada	3	24,7
Glória	4	140,8	Praça 14 de janeiro	4	35,7
São Raimundo	5	127,6	São Geraldo	5	37,0

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

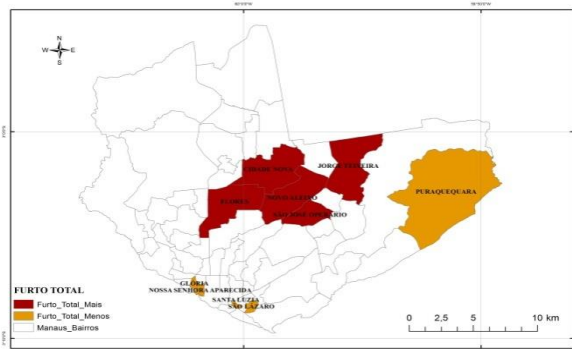


Figura 06(a) – Total de Furtos – Melhores e piores [por bairro]

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE,2013

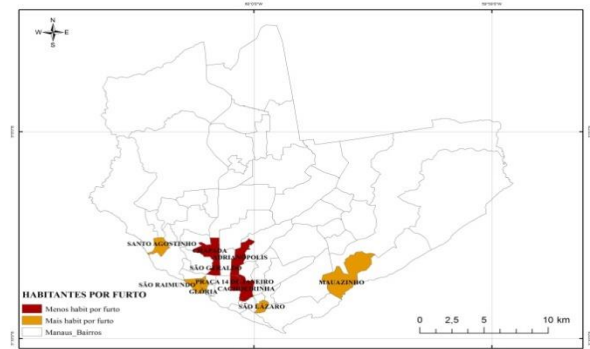


Figura 06(b) – Habitantes por furto – Melhores e piores [por bairro]

Para as ocorrências de furtos, os bairros Vila da Prata, e Dom Pedro seriam os primeiros colocados com nenhum registro. Por conta disso, tomou-se para análise os dados subsequentes, ou seja, Santo Agostinho, Mauazinho, São Lázaro, Glória e São Raimundo, onde os índices de furto são os menores, pois para cada registro dessa natureza criminal existem

198.9, 154.9, 150.4, 140.8 e 127.6 habitantes, respectivamente. Na outra ponta, como os bairros que apresentam como os piores para essa análise listam Adrianópolis com 14.6, Cachoeirinha com 15.9, Chapada com 24.7, Praça 14 com 35.7 e São Geraldo com 37.05 habitantes por cada ocorrência de furto registrada. A área do Terminal de Integração T2 do bairro da Cachoeirinha é a principal que contribui para elevar este indicador. As ruas adjacentes ao terminal de integração são as que apresentam os maiores índices na localidade.

Quando se produz mapas com dados absolutos, vê-se que as áreas violentas costumam se concentrar em áreas periféricas com pouca infraestrutura, assim como as áreas tidas como menos perigosas também se mantem juntas, e ao se comparar os dois mapas, apresentam diferenças muito grande na variação dos bairros, assim como as zonas em destaque. Chama-se a atenção para o fato do mapa de todas as ocorrências serem igual ao de total de furtos (dados absolutos) nos mesmos bairros. Já na análise com os dados relativos, tem-se o bairro de Adrianópolis como o pior de todos.

Como destacado anteriormente, as análises em nível de setores censitários foram feitas somente para o pior dos bairros, por natureza de crime, ou seja: para o bairro que apresentou a menor relação de habitantes para cada ocorrência. Para essa análise foi adotado o seguinte procedimento: a) O bairro com o menor número de habitantes por ocorrência foi selecionado, pois significa que este apresenta o índice de crime mais elevado; b) dois mapas foram elaborados, sendo um sobre o total de ocorrências de furtos e outro da densidade demográfica (habitante por hectare); c) reconheceu-se e destacou-se os 5 setores censitários com os valores mais elevados desta ocorrência. Estes setores foram destacados em ambos os mapas. Este procedimento permite comparar a distribuição das ocorrências com a densidade demográfica e, conseqüentemente, se há ou não relação entre a densidade demográfica e a criminalidade. No caso de furto, tem-se o bairro de Adrianópolis apresentou o pior índice, com 14.69 habitantes para cada ocorrência de furto. Reconheceram-se os cinco piores setores e então os dados serviram para a comparação com a densidade demográfica da mesma área analisada Na tabela 10 e figura 07, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de furto e de densidade demográfica.

Tabela 10 – Furtos - Habitantes por ocorrência por setores censitários

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	OCOR.	SETORES	ORD.	OCOR.
130260305110267	1	214	130260305110184	1	3
130260305110050	2	164.7	130260305110100	2	3
130260305110096	3	112.3	130260305110180	3	5
130260305110094	4	109.3	130260305110051	4	6
130260305110049	5	70.9	130260305110282	5	7

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010

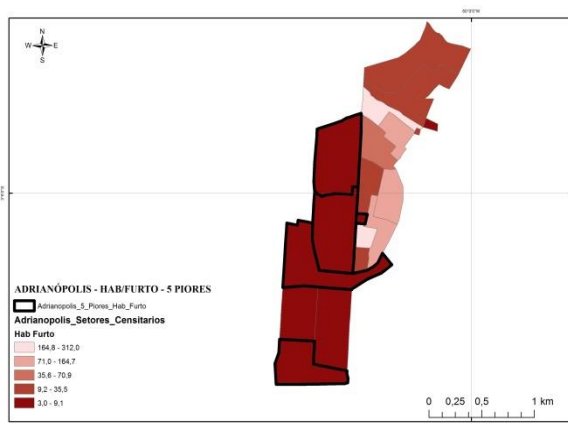


Figura 07 (a) – Adrianópolis –furtos

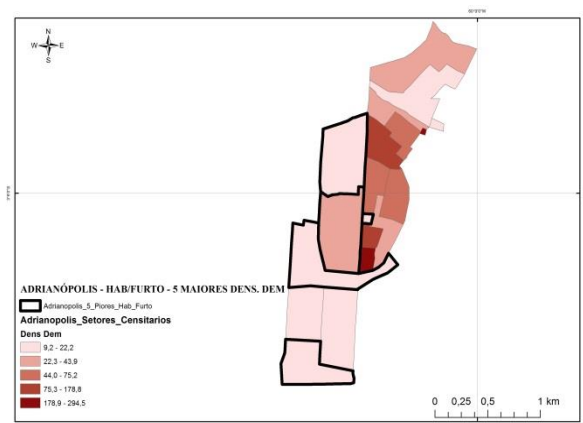


Figura 07 (b) – Adrianópolis – Densidade demográfica

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010

De acordo com os mapas das figuras 07 (a) e (b) nota-se que os 5 setores que se destacaram como os maiores em números de registros não são os mais adensados. Assim, para a natureza de furto nota-se que quanto menor a densidade demográfica, maior o índice de crimes ocorridos. Passa-se a seguir a destacar e analisar os dados referentes às ocorrências de roubos.

### 3.6 Roubo

Como destacado anteriormente, roubos ocuparam o segundo lugar em número de ocorrências. Na tabela 11 e figura 08, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas para os cinco melhores e cinco piores bairros, separados em valores absolutos e relativizados pela população residente.

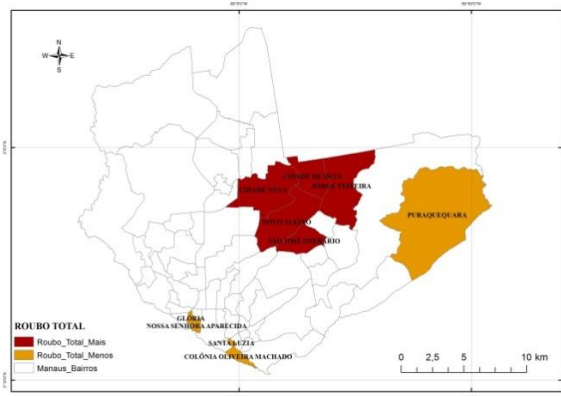
**Tabela 11 – Roubos - Melhores e piores [por bairro]**

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Santa Luzia	5	49	Cidade de Deus	5	958
Glória	4	36	Novo Aleixo	4	1.248
Colônia O. Machado	3	33	Jorge Teixeira	3	1.400
Nossa S. Aparecida	2	27	São José I	2	1.505
Puraquequara	1	25	Cidade Nova	1	2.053

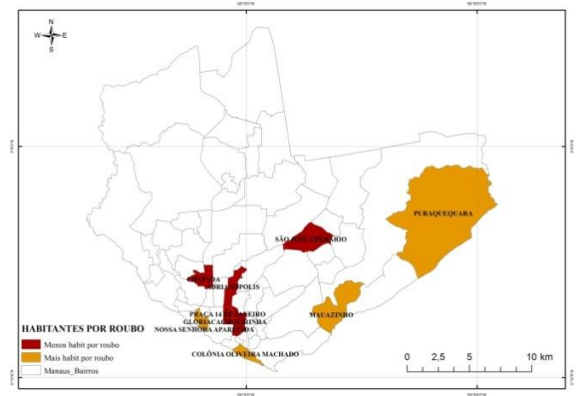
VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
Colônia O.Machado	5	236,5	Praça 14 de Janeiro	5	52,5
Glória	4	254,2	Chapada	4	46,5
Nossa S. Aparecida	3	278,0	São José II	3	40,8
Puraquequara	2	282,4	Cachoerinha	2	32,4
Mauazinho	1	337,0	Adrianopolis	1	31,7

Fontes: SSP/AM 2013 e IBGE, 2013



**Figura 08(a) – Roubo Total – Melhores e piores [por bairro]**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 08(b) – Habtantes por roubo – Melhores e piores [por bairro]**

As ocorrências de roubo por habitantes é outra natureza que toma lugar de destaque e traz algumas modificações quando se faz uma comparação com o atual mapa criminal da cidade de Manaus; ou seja: quando relativiza as ocorrências por habitantes. Assim, os bairros mais tranquilos quanto a essa modalidade de crime são os seguintes: Mauzinho com 337 habitantes

por cada crime, Puraquequara com 282.4, Nossa Senhora Aparecida com 278.1, Glória com 254.3 e Colônia Oliveira Machado com 236.5.

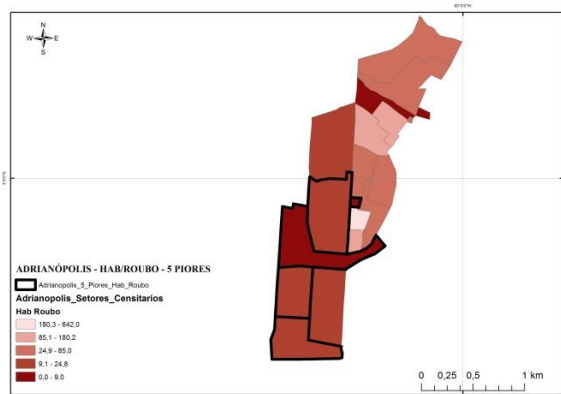
Entre os bairros que apresentam os piores índices de ocorrência refere-se ao bairro de Adrianópolis com 31.7, sequenciado pela Cachoeirinha com 32.5, São José com 40.9 e Chapada com 46.5 e Praça 14 com 52.59 habitantes por cada registro de roubo. Nota-se que os mapas resultantes das análises dos dados absolutos para o crime de furto e ainda o crime de roubo são idênticos, repentinando inclusive os mesmos bairros, tanto para os de maior quanto o de menor valor.

O bairro de Adrianópolis, na análise de dados relativizados, aparece como o pior dos piores, apresentando os piores índices para este tipo de crime. Isto se deve, provavelmente, pelo fato de ser área com muita movimentação de pessoas, motivada pelos centros comerciais e de serviços existentes no bairro, sendo muito comuns as práticas de furto e roubo. Por outro lado, trata-se de um bairro com baixo número de habitantes. Na tabela 12 e figura 09, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de roubo; desta vez no nível de setores censitários para o bairro de Adrianópolis.

**Tabela 12 – Habitantes por ocorrência para roubo [por setor censitário]**

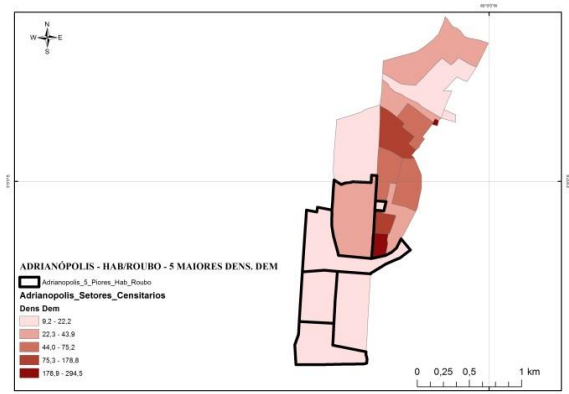
MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305110267	1	642	130260305110100	1	8.7
130260305110097	2	180.2	130260305110184	2	9
130260305110050	3	123.5	130260305110098	3	12.4
130260305110049	4	98.2	130260305110099	4	13.3
130260305110094	5	85	130260305110180	5	14.3

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 09(a) – Adrianópolis – Habitantes por roubos**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 09(b) – Adrianópolis – Densidade demográfica**

Ao se buscar os setores com maior número de ocorrências, encontra-se um setor que teve 642 registros de roubo, sendo este o pior de todos os setores. Fez-se ainda a comparação entre os piores setores com a densidade demográfica da mesma área, onde foi possível comprovar que nenhum dos setores destacados possui alta densidade demográfica, ou seja, menor densidade, maior criminalidade. Vale ressaltar que o referido bairro possui muitas áreas comerciais, entre eles shoppings, áreas essas que acabam produzindo baixa densidade demográfica, já que muitos empreendimentos são construídos para fins comerciais.

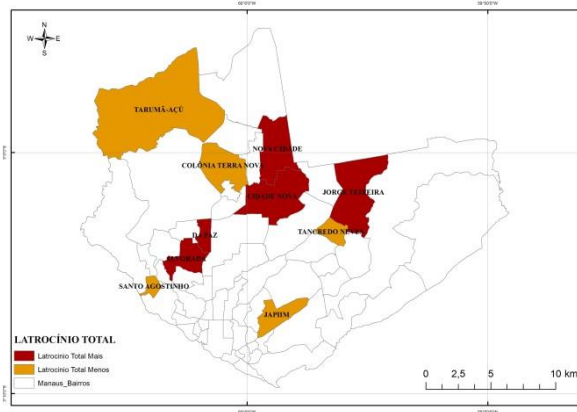
### 3.7 Latrocínio

Na tabela 13 e figura 10, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de latrocínio.

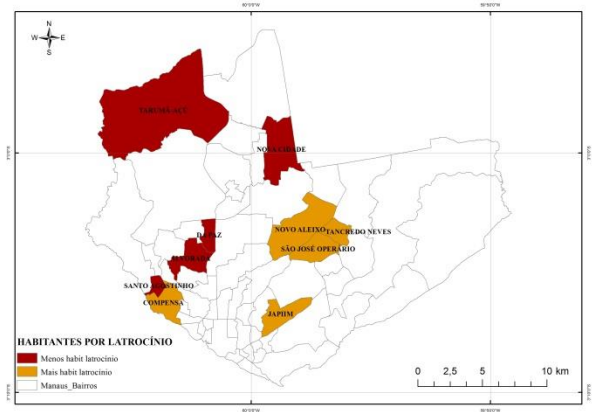
**Tabela 13 – Total de ocorrências de Latrocínios - Melhores e piores [por bairro]**

<b>VALORES ABSOLUTOS</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>
Compensa	1	742	Nova Cidade	1	1.110
São José	2	2.035	Jorge Teixeira	2	2.350
Tancredo Neves	3	1.500	Alvorada	3	2.500
Japiim	4	1.220	Cidade Nova	4	1.500
Colônia Terra Nova	5	1.100	Da Paz	5	1.235
<b>VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Compensa	1	75.924,3	Da Paz	1	3.237,8
São José	2	61.490,6	Tarumã	2	12.681,3
Novo Aleixo	3	57.391,7	Alvorada	3	16.017,3
Japiim	4	53.671,8	Santo Agostinho	4	19.895,8
Tancredo Neves	5	53.612,3	Nova cidade	5	23.594,0

Fontes: SSP/AM, 2013 IBGE, 2010



**Figura 10(a) – Total de Latrocínio – Melhores e piores [por bairro]**  
**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013**



**Figura 10(b) – Habitantes por Latrocínio – Melhores e piores [por bairro]**

A natureza criminal de latrocínio tem um número muito baixo de ocorrências. Apenas 35 registros em Manaus para o ano de 2013. O Da Paz, com menos ocorrências se destacou, visto que as demais estão distribuídas por diferentes bairros; uma apenas por bairro. Em função disto não foi possível tratar esta natureza de crime por setores censitários. Nota-se que tanto em valores absolutos, quanto em relativos os bairros de Da Paz, Alvorada e Nova Cidade se repetem negativamente em ambos os mapas. Já os bairros de Tarumã-Açu e São Agostinho que no mapa de dados absolutos estavam como dos melhores índices, no mapa de dados relativizados os referidos bairros aparecem como áreas entre os piores índices de criminalidade. Passa-se a seguir aos dados de crimes cometidos contra a vida.

### 3.8 Crimes contra a vida

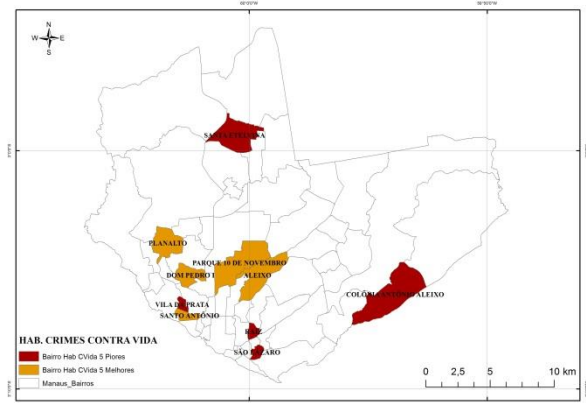
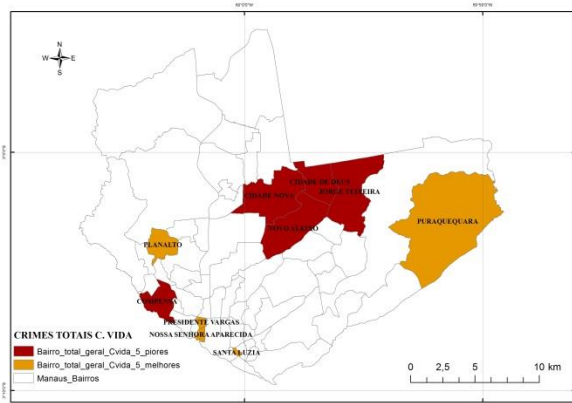
Na tabela 14 e figura 11, apresentam-se dados e respectivos mapas referentes ao total de ocorrências contra a vida.

**Tabela 14 – Total de crimes contra a vida - Melhores e piores [por bairro]**

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Nossa S. Aparecida	1	31	Jorge Teixeira	1	1.094
Santa Luzia	2	43	Cidade Nova	2	1.035
Presidente Vargas	3	59	Cidade de Deus	3	839
Puraquequara	4	60	Novo Aleixo	4	673
Planalto	5	70	Compensa	5	672

VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
Parque 10	1	51.466	Vila da Prata	1	576
Planalto	2	23.264	Raiz	2	2.810
Santo Antônio	3	20.502	Colônia A. Aleixo	3	2.944
Aleixo	4	19.283	Santa Etelvina	4	4.056
Dom Pedro I	5	18.807	São Lázaro	5	4.629

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 11(a) – Total de Crimes Contra Vida – Melhores e piores [por bairro]**

**Figura 11(b) – Habitantes por Crimes Contra Vida – Melhores e piores [por bairro]**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

Para a análise de crimes contra a vida tem-se a junção de várias naturezas de crime. São elas: estupro, violência doméstica, lesão corporal dolosa, entorpecente (uso, e tráfico), apreensão de armas de fogo, tentativa de homicídio e homicídio.

Ao olhar os dois mapas que destacam os cinco piores e os cinco melhores bairros de crimes contra a vida (valores absolutos e relativos) já é possível notar que os bairros destacados negativamente em um não são os mesmos destacados no outro. Entretanto, entre as áreas com os menores índices criminais, o bairro Planalto recebe destaque nas duas formas de análise. Nota-se também que no mapa de dados absolutos tem-se a concentração em bairros periféricos das zonas Norte e Leste, com exceção do bairro da Compensa que pertence à zona Oeste. Em contrapartida, no mapa de dados relativizados, os piores índices se apresentam nas zonas Leste (Colônia Antônio Aleixo), Norte (Santa Etelvina), Oeste (Vila da Prata) e Sul (Raiz e São Lázaro). Percebe-se ainda que não há uma concentração de criminalidade em única ou poucas



áreas, resultado visto na análise dos dados absolutos, o que acarreta uma rotulação tanto por parte da mídia quanto da sociedade, que usa tal análise como base para a rotulação das áreas destacadas negativamente como perigosas.

Na análise onde é relacionada população e crime, os resultados com os bairros que apresentam melhores índices, podem estar próximos, mas em zonas distintas, sendo elas: Centro Oeste (Dom Pedro e Planalto), Centro Sul (Parque 10 de novembro e Aleixo) e Oeste (Santo Antônio). Passa-se a seguir às análises sobre os crimes contra a vida, separados por natureza, a começar com lesão corporal dolosa.

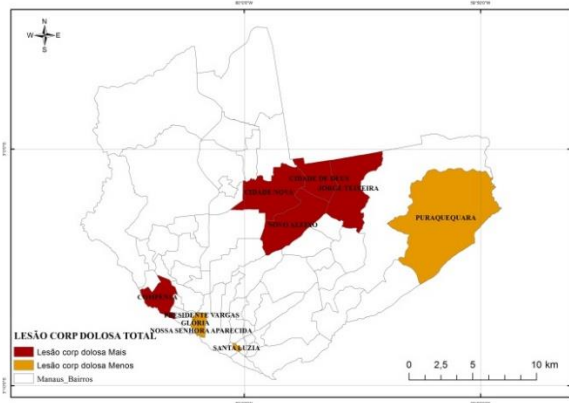
### 3.9 Lesão corporal dolosa

Trata-se de ato agressivo que tem como objetivo causar dano ao corpo ou à saúde da vítima. Na tabela 15 e figura 12, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de lesão corporal dolosa.

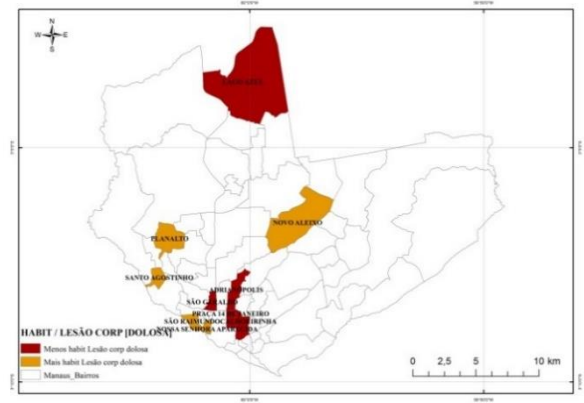
**Tabela 15 – Lesão corporal dolosa - Melhores e piores [por bairro]**

<b>VALORES ABSOLUTOS</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>
Nossa S. Aparecida	1	24	Cidade Nova	1	830
Santa Luzia	2	31	Jorge Teixeira	2	655
Puraquequara	3	41	Cidade Nova	3	541
Presidente Vargas	4	45	Novo Aleixo	4	467
Glória	5	49	Compensa	5	420
<b>VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE.</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Planalto	1	332	Adrianópolis	1	81
Nossa S. Aparecida	2	313	Lago Azul	2	98
Santo Agostinho	3	252	Cachoeirinha	3	100
Novo Aleixo	4	246	Praça 14 de janeiro	4	105
São Raimundo	5	243	São Geraldo	5	126

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 12 (a) – Total de Lesão Corporal Dolosa – Melhores e piores [por bairro]**  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



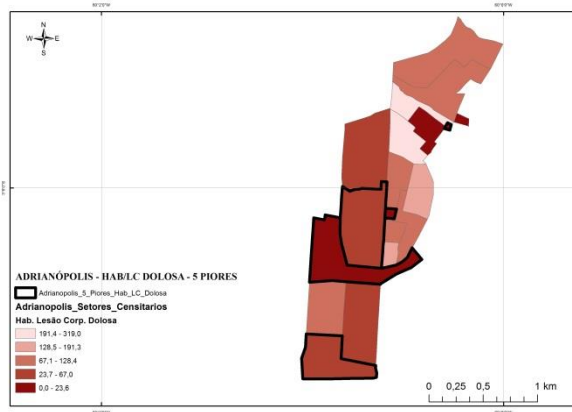
**Figura 12 (b) – Habitantes por Lesão Corporal Dolosa – Melhores e piores [por bairro]**

Para a natureza de crime em questão nota-se novamente no mapa de dados absolutos que a concentração está na periferia e em poucas zonas da cidade. Ao se comparar com o outro o mapa relativizado, tem um outro quadro: há uma dispersão dos bairros que apresentam maiores e menores índices de crime, dentro da cidade, não havendo assim uma concentração em determinada zona. Na tabela 16 e figura 13, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de lesão corporal dolosa no nível de setores censitários para o pior bairro - Adrianópolis.

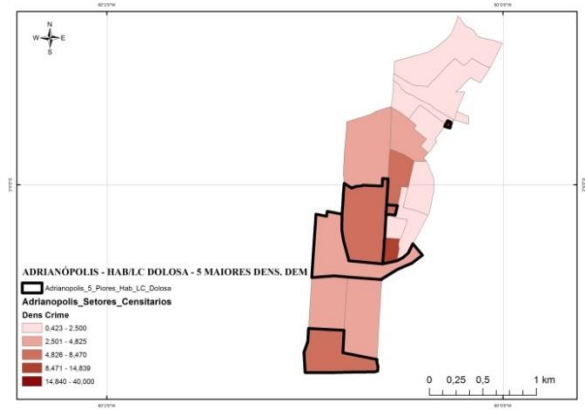
**Tabela 16 – Habitantes por ocorrência para lesão corporal dolosa, [por setor censitário]**

MELHORES SETORES		PIORES SETORES	
SETORES	ORD. HAB/OCOR.	SETORES	ORD. HAB/OCOR.
130260305110094	1	130260305110184	1
130260305110097	2	130260305110281	2
130260305110267	3	130260305110100	3
130260305110096	4	130260305110098	4
130260305110023	5	130260305110180	5

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 13(a) – Adrianópolis – Habitantes por Lesão Corporal Dolosa**  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 13(b) – Adrianópolis – Densidade Demográfica**

Ao se aprofundar a análise, agora por setores censitários, tem-se novamente em foco o bairro de Adrianópolis, ou seja, o referido bairro toma destaque em três naturezas de crime: furto, roubo e lesão corporal. Vale ressaltar que o mesmo é área de classe média e alta, onde os imóveis alto valor, geralmente usadas para construção de shoppings, centros comerciais, colégios, consultórios médicos, restaurantes e barzinhos.

Ao se fazer a comparação entre os setores com maiores números de registros e a densidade demográfica, é possível verificar que dos 5 setores apresentados, todos possuem média ou alta densidade demográfica. Ou seja, o adensamento populacional está diretamente ligado ao alto índice de criminalidade.

### 3.10 Violência doméstica

Violência doméstica é toda e qualquer violência praticada entre membros que habitam um ambiente familiar comum, podendo ocorrer entre pessoas unidas por laços de sangue ou de forma civil. Na tabela 17 e figura 14, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de Violência Doméstica.

Tabela 17 – Violência doméstica - Melhores e piores [por bairro]

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Chapada	1	4	Jorge Teixeira	1	336
Adrianópolis	2	5	Cidade de Deus	2	250
São Geraldo	3	6	Gilberto Mestrinho	3	244
Nossa S. Aparecida	4	6	Compensa	4	191
Presidente Vargas	5	8	Armando Mendes	5	144

VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
Chapada	1	3104.73	Armando Mendes	1	217,95
Adrianópolis	2	1751.61	Gilberto Mestrinho	2	249,75
Parque 10 novembro	3	1523.72	Colônia A. Aleixo	3	291,75
Aleixo	4	1506.12	Betânia	4	304,78
Planalto	5	1329.37	Colônia O. Machado	5	312,23

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

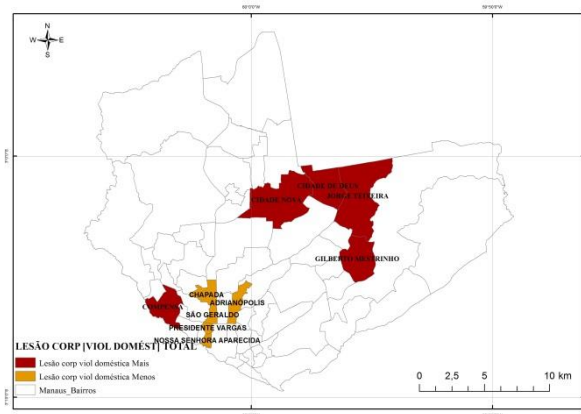


Figura 14 (a) – Total de Violência Doméstica – Melhores e piores [por bairro]  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

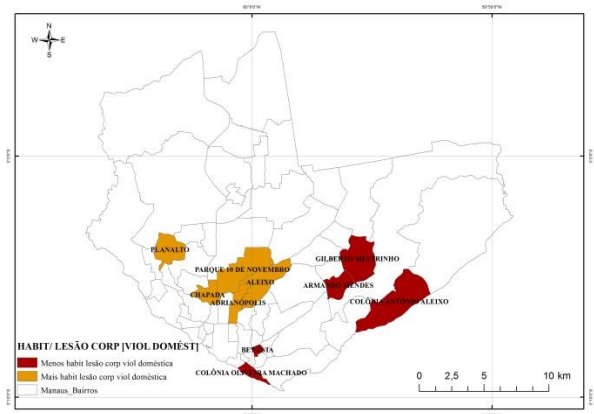


Figura 14 (b) – Habitantes por Violência Doméstica – Melhores e piores [por bairro]

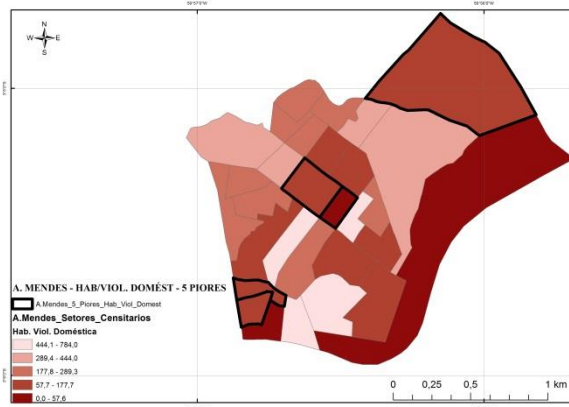
Para a natureza criminal de violência doméstica, nota-se que ambos os mapas concentram maior parte dos problemas em bairros periféricos. O bairro de Gilberto Mestrinho

se repete nos dois mapas como dos piores. E também entre os melhores destacam-se os bairros da Chapada e Adrianópolis. Na tabela 18 e figura 15, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de violência doméstica.

**Tabela 18 – Habitantes por ocorrência de violência doméstica [por setor censitário]**

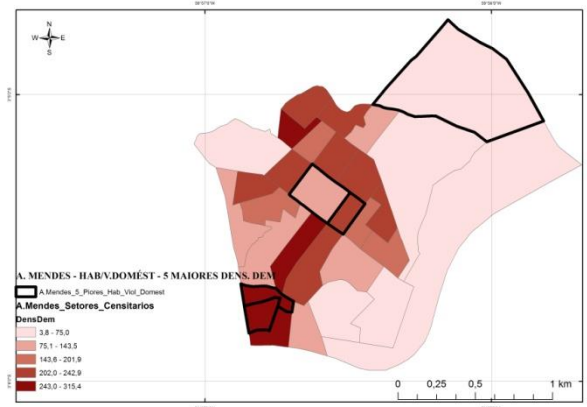
MELHORES SETORES			PIORES SETORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305140244	1	784	130260305140322	1	57,6
130260305140238	2	650	130260305100139	2	97,4
130260305140353	3	645	130260305140215	3	103,3
130260305100138	4	634	130260305100047	4	112,6
130260305140321	5	444	130260305140232	5	114,1

Fontes: SSP/AM, 2010



**Figura 15(a) – Armando Mendes – Habitantes por Violência Domoméstica**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 15(b) – Armando Mendes – Densidade Demográfica**

O bairro que se destaca entre os piores é o Armando Mendes, bairro da periferia da zona Leste de Manaus, e diferentemente das análises feitas acima, essa natureza de crime apresenta entre os piores setores com relação ao número de ocorrências, setores altamente adensados. Dos 5 setores, apenas dois tem baixa densidade. Em outras palavras: é possível afirmar que para o crime de violência doméstica há uma relação direta entre ocorrência e densidade.

### 3.11 Entorpecentes (tráfego)

Na tabela 19 e figura 16, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas ao tráfego de entorpecentes.

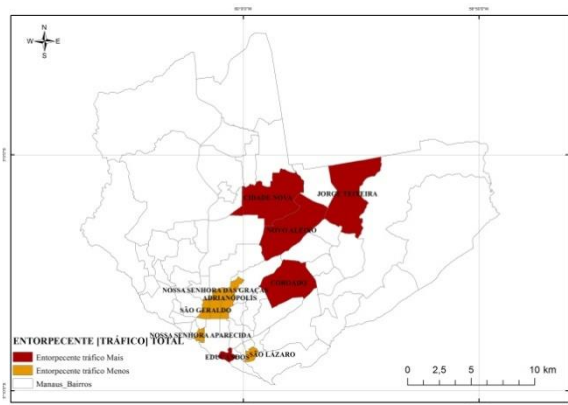
**Tabela 19 – Entorpecentes (tráfego) – Melhores e piores [por bairro]**

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Nossa S. Aparecida	1	2	Jorge Teixeira	1	349
Nossa S. Das Graças	2	5	Coroado	2	136
São Geraldo	3	5	Novo Aleixo	3	136
Adrianópolis	4	6	Eduacandos	4	116
Planalto	5	7	Cidade Nova	5	107

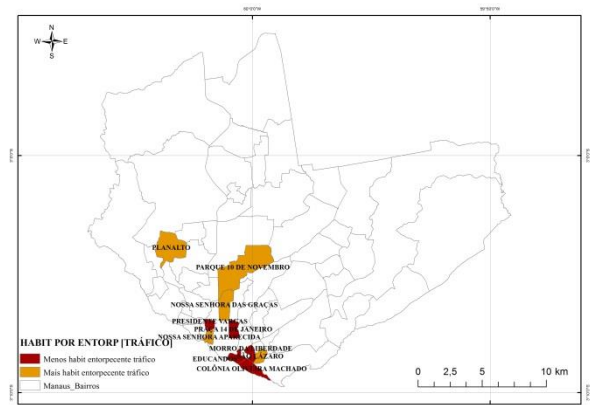
### VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE.

MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD. HAB/OCOR.		BAIRRO	ORD. HAB/OCOR.	
Nossa S. Aparecida	1	3.754	Eduacandos	1	136
Nossa S. Das Graças	2	3.128	Morro da Liberdade	2	161
Planalto	3	2.468	Colônia O. Machado	3	200
Parque 10 novembro	4	1.841	Presidente Vargas	4	282
São Lázaro	5	1.761	Praça 14 de Janeiro	5	337

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 16(a) – Total Entorpecente (Tráfego) – Melhores e piores [por bairro]**  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



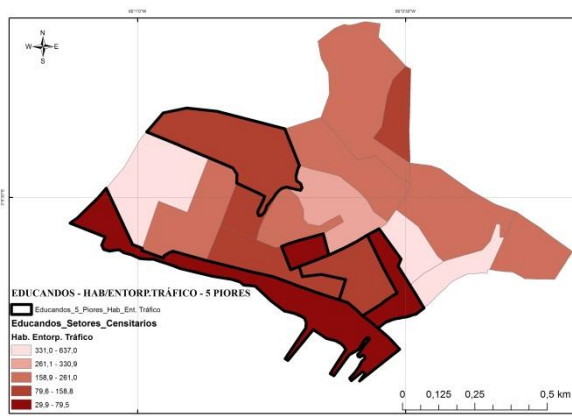
**Figura 16(b) – Habitantes por Entorpecente (Tráfego) – Melhores e piores [por bairro]**

Para os valores absolutos, nota-se que dos 5 piores bairros, 4 estão contidos nas zonas norte e Leste da cidade, com exceção do bairro de Educandos que pertence à zona Sul. O referido bairro é conhecido por ter alto índice de ocorrências com tráfico de entorpecentes, mas é notório que esses índices vêm caindo após a implementação do Programa Prosamim (Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus), onde as áreas próximas dos igarapés são desocupadas para uma revitalização e construção de moradias, além de proporcionar infraestrutura para a área de atuação do referido programa. O referido bairro está presente em ambas as análises. Na tabela 20 e figura 17, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de entorpecente tráfico.

**Tabela 20 – Habitantes por ocorrência para entorpecente (tráfico) [por setor censitário]**

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305100167	1	637,0	130260305100111	1	29,9
130260305100116	2	628,1	130260305100101	2	32,7
130260305100086	3	574,8	130260305100113	3	79,5
130260305100103	4	330,9,1	130260305100117	4	101,4
130260305100087	5	261,5	130260305100102	5	127,6

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 17(a) - Educandos – Habitantes por Entorpecentes (Tráfico)**

**Figura 17(b) – Educandos – Densidade demográfica**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010

Dos cinco setores com maiores números de registros, três possuem baixa ou média densidade demográfica, sugerido haver relação inversa entre densidade demográfica e tráfico de entorpecentes. De acordo com observações empíricas era de se esperar que em se tratando

de tráfico, áreas mais andensadas deveria se destacar índices negativos, visto que, na maioria dos casos a comercialização é feita em pequenas quantidades, em locais com uma população mais elevada. Diante disso, este item exige uma análise mais apurada, sendo necessário pegar outros bairros para se fazer o mesmo levantamento para que então fosse possível chegar a uma conclusão contundente.

### 3.12 Entorpecente (uso)

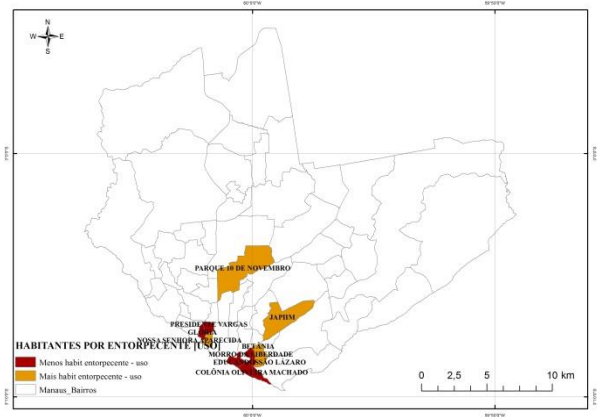
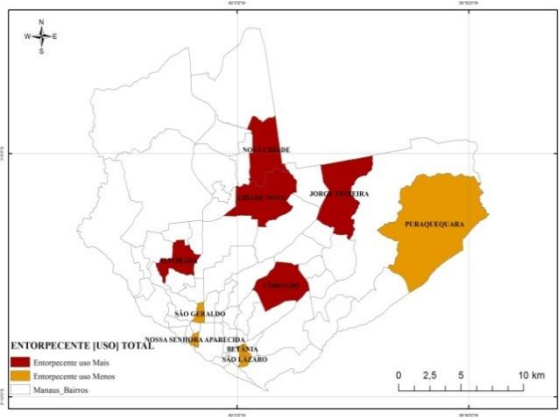
Na tabela 21 e figura 18, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de uso entorpecente.

**Tabela 21 – Ocorrências por uso de entorpecentes – Melhores e piores [ por bairro]**

<b>VALORES ABSOLUTOS</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>
Nossa S. Aparecida	1	1	Jorge Teixeira	1	161
Puraquequara	2	4	Alvorada	2	101
Betânia	3	4	Cidade Nova	3	78
São Lázaro	4	5	Nova Cidade	4	66
São Geraldo	5	6	Coroado	5	58
<b>VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE</b>					
<b>MELHORES</b>			<b>PIORES</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Nossa S. Aparecida	1	7.508,1	Colônia O. Machado	1	312,2
Parque 10 novembro	2	2.945,8	Morro da Liberdade	2	381,4
Japiim	3	2.824,8	Educandos	3	395,4
Betânia	4	2.743,0	Glória	4	398,0
São Lázaro	5	2.466,1	Presidente Vargas	5	476,7

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013





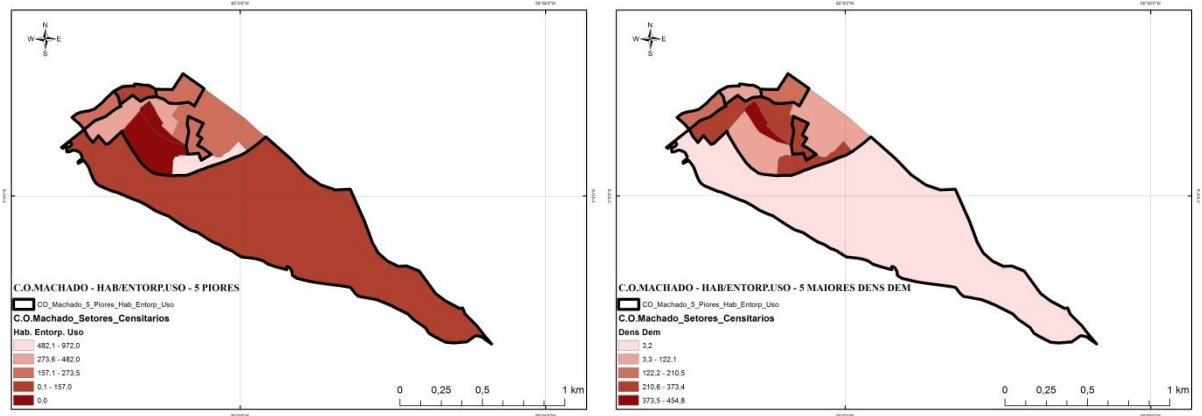
**Figura 18(a) – Total de Entorpecente (Uso) – Melhores e piores [por bairro]**      **Figura 18(b) – Habitantes por Entorpecente (Uso) – Melhores e piores [por bairro]**  
 Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

Betânia, São Lázaro e Nossa Senhora Aparecida estão nas duas análises figurando entre os melhores índices criminais. Na análise dos dados relativizados há concentração em duas zonas da cidade, Oeste (Glória) e Sul (Morro da Liberdade, Colônia Oliveira Machado, Educandos e Presidente Vargas), áreas centrais ou bem próximas ao centro de Manaus. Na tabela 22 e figura 19, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de entorpecente uso.

**Tabela 22 – Habitantes por ocorrência para uso de entorpecentes [por setor censitário]**

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305100080	1	972	130260305100085	1	113
130260305100084	2	482	130260305100030	2	157
130260305100081	3	399,5	130260305100100	3	197,5
130260305100082	4	273,5	130260305100031	4	203,3
130260305100032	5	236,8	130260305100067	5	208,7

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 19(a) – Colônia Oliveira Machado - Habitantes por entorpecentes – Uso**      **Figura 19(b) – Colônia Oliveira Machado – Densidade demográfica**  
**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010**

O bairro que se destaca com os piores resultados é Colônia Oliveira Machado, onde no pior setor, para cada ocorrência há 113 habitantes, e no melhor setor para cada registro há 972 habitantes. Ao se comparar os piores setores com a densidade demográfica, vê-se que dos 5 piores setores, 4 são muito adensados, o que é possível concluir há uma relação direta entre densidade demográfica e uso de entorpecentes. Passa-se a seguir à análise dos casos de estupro.

### 3.13 Estupro

Na tabela 23 e figura 20, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de estupro.

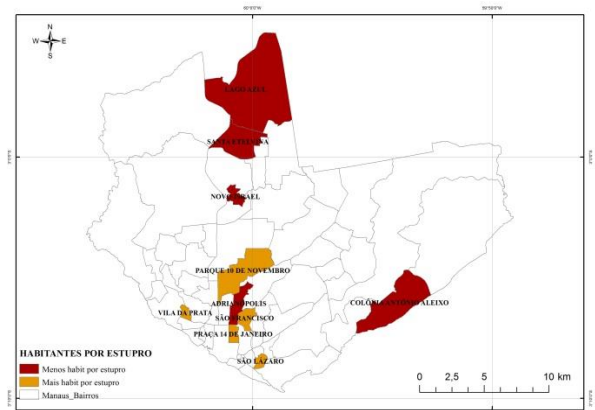
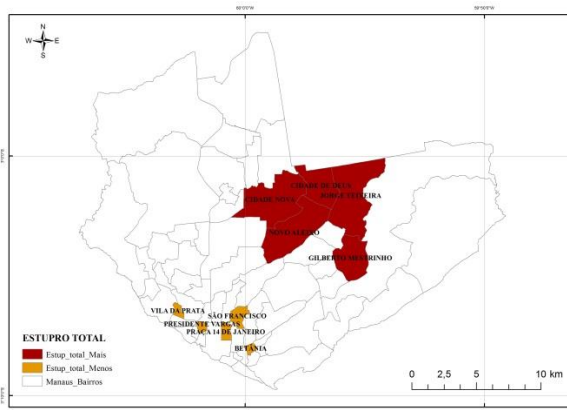
**Tabela 23 – Ocorrências de Estupro - Melhores e piores [por bairro]**

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Praça 14 de janeiro	1	2	Jorge teixeira	1	93
Vila da Prata	2	3	Cidade Nova	2	86
Betânia	3	3	Cidade de Deus	3	79
Presidente Vargas	4	3	Novo Aleixo	4	66
São Francisco	5	3	Gilberto Mestrinho	5	58

**VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE**

MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
São Francisco	1	5.711	Novo Israel	1	734
Praça 14 de janeiro	2	4.890	Santa Etelvina	2	862
São Lázaro	3	4.110	Colônia A. Aleixo	3	904
Parque 10 novembro	4	3.682	Lago Azul	4	906
Vila da Prata	5	3.681	Adrianópolis	5	973

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 20(a) – Total de Estupros – Melhores e piores [por bairro]**

**Figura 20(b) – Habitantes por Estupro – Melhores e piores [por bairro]**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

Na natureza criminal estupro os piores índices estão nos bairros de Novo Israel com 734 habitantes por cada registro, Santa Etelvina com 862, Colônia Antônio Aleixo com 904, Lago Azul com 906 e Adrianópolis com 973 habitantes por cada ocorrência. E entre os bairros que figuram a melhor relativização está São Francisco com 5.711, Praça 14 com 4.890, São Lázaro com 4.110, Parque 10 com 3.682.3 e Vila da Prata com 3.681 habitantes por cada ocorrência.

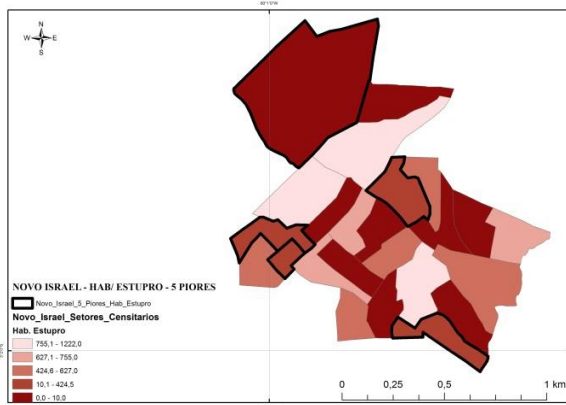
Para que ocorra esse tipo de crime são necessárias áreas abandonadas para que sejam usadas como ponto para cometimento de tal ato. Casas ou terrenos baldios, locais escuros e escondidos, com pouca movimentação, de forma a facilitar a ação criminosa para a consumação do fato, facilitação na fuga e ainda dificuldade na captura do cidadão infrator. Os bairros São Francisco e Praça 14 são elencados nas duas análises entre os melhores. Na tabela 24 e figura

21, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de estupro no nível de setores censitários.

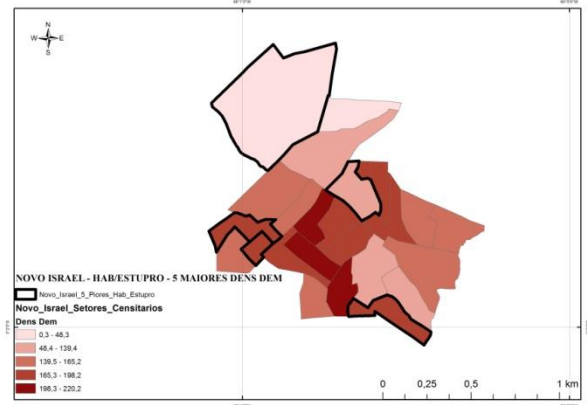
**Tabela 24 – Habitantes por ocorrência para estupro [por setor censitário]**

MELHORES SETORES			PIORES SETORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305120444	1	1.222	130260305120599	1	10,0
130260305120173	2	958	130260305120597	2	321,0
130260305120441	3	902	130260305120437	3	348,5
130260305120169	4	755	130260305120172	4	364,5
130260305120439	5	731	130260305120157	5	424,5

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010.



**Figura 21(a) – Novo Israel – Habitantes por Estupro**



**Figura 21(b) – Novo Israel – Densidade Demográfica**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010

Para cada crime de estupro no bairro de Novo Israel há 734 habitantes, sendo que o pior setor apresenta 10 habitantes para cada registro de estupro. E ao se fazer o comparativo entre os piores setores com os setores com a densidade demográfica, nota-se certa fragilidade dos resultados, não permitindo estabelecer relação entre densidade demográfica e a ocorrência de estupros.

### 3.14 Armas de fogo

Para essa natureza de crime registra-se a apreensão de cada arma, pois tal fato está diretamente relacionado com a provável diminuição de vários outros tipos de crimes. Na tabela

25 e figura 22, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de arma de fogo.

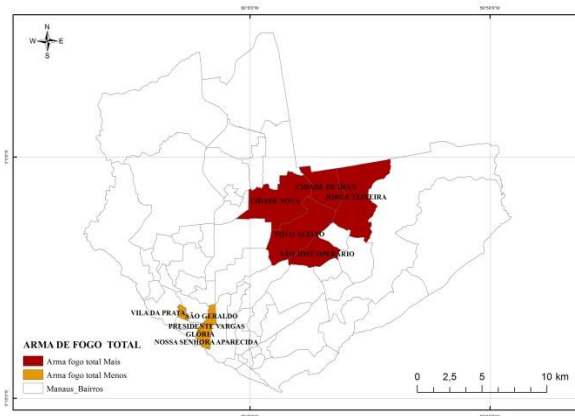
**Tabela 25 – Ocorrências por armas de fogo – Melhores e piores [por bairro]**

VALORES ABSOLUTOS				
MELHORES			PIORES	
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD. OCOR.
São Geraldo	1	1	Jorge Teixeira	1 92
Nossa S. Aparecida	2	3	Novo Aleixo	2 54
Presidente vargas	3	3	Cidade Nova	3 49
Vila da prata	4	3	Cidade de Deus	4 46
Chapada	5	4	São José	5 38

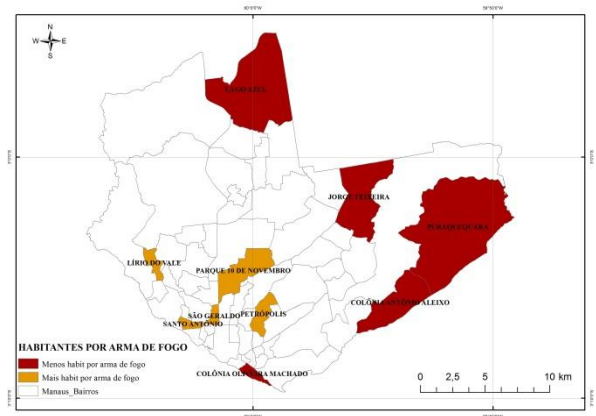
VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE				
MELHORES			PIORES	
BAIRRO	ORD. HAB/OCOR.		BAIRRO	ORD. HAB/OCOR.
Parque 10 novembro	1	11.046,9	Lago Azul	1 755,6
São Geraldo	2	7.781,1	Puraquequara	2 1008,8
Lírio do Vale	3	4.445,6	Colônia A. Aleixo	3 1292,0
Petrópolis	4	4.098,8	Colônia O. Machado	4 1300,9
Santo Antônio	5	3.979,1	Jorge Teixeira	5 1367,5

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 22(a) Total de Armas de Fogo – Melhores e piores [por bairro]**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE,2013



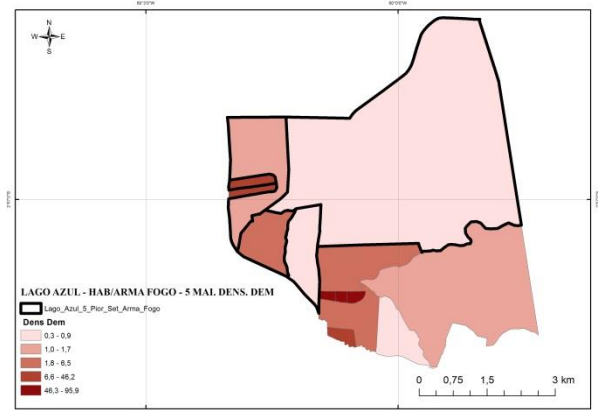
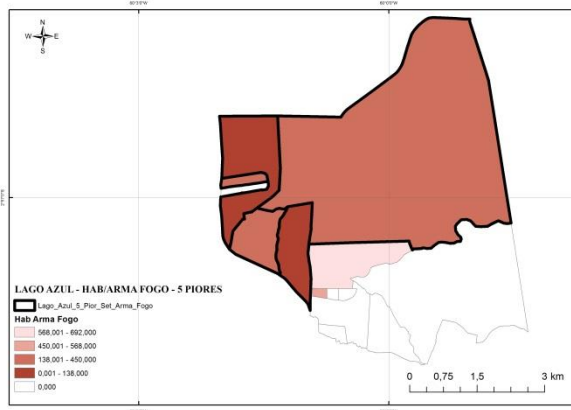
**Figura 22(b) Habitantes por Arma de Fogo – Melhores e piores [por bairro]**

O bairro de São Geraldo está presente entre os melhores em ambos os mapas. Assim como o bairro de Jorge Teixeira também presente nos dois mapas, porém entre os piores em índices criminais, porém, na análise absoluta este bairro é ocupa o primeiro lugar em números de ocorrências, enquanto que na análise relativa é o quinto pior bairro em número de registros. Na tabela 26 e figura 23, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de arma de fogo.

**Tabela 26 – Habitantes por ocorrência de armas de fogo – [por setor censitário]**

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305000048	1	692	130260305000054	1	113
130260305000027	2	568	130260305000002	2	138
130260305000007	3	450	130260305000005	3	339
130260305000038	4	373.5	130260305000038	4	373.5
130260305000005	5	339	130260305000007	5	450

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 23(a) – Lago Azul – Habitantes por Arma de Fogo**

**Figura 23(b) – Lago Azul – Densidade Demográfica**

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010

A área em análise tem apenas 7 setores censitários, provavelmente por ser um bairro recente, e como adotou-se a metodologia de pegar os 5 piores em números de ocorrências tanto para bairros como para setores censitários, foi visto que para alguns não será possível por não terem setores suficientes para preencher as tabelas. Diante disso, decidiu-se pela repetição de

setores tanto na tabela de piores como de melhores para preenchimento dos dados, porém, nada que venha prejudicar a análise ou compreensão dos mapas. Dos 5 piores setores, 3 possuem grande adensamento populacional, ou seja, quanto maior a densidade demográfica mais provável ocorrer a apreensão de armas de fogo.

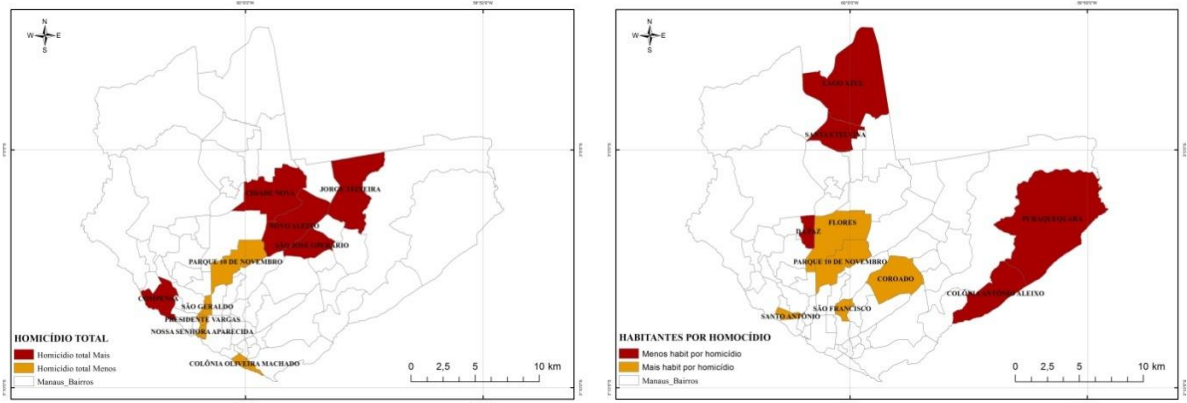
### 3.15 Homicídio

Na tabela 27 e figura 24, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de homicídio.

**Tabela 27 – Homicídios – Melhores e piores [por bairro]**

<b>VALORES ABSOLUTOS</b>					
<b>MELHORES BAIROS</b>			<b>PIORES BAIROS</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>OCOR.</b>
Colônia O. Machado	1	1	Jorge Teixeira	1	62
Parque 10 novembro	2	1	Novo Aleixo	2	39
Presidente Vargas	3	1	Compensa	3	38
Nossa S. Aparecida	4	1	São José	4	29
Santo Antônio	5	2	Cidade Nova	5	29
<b>VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE</b>					
<b>MELHORES BAIROS</b>			<b>PIORES BAIROS</b>		
<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ORD.</b>	<b>HAB/OCOR.</b>
Parque 10 novembro	1	44.187	Lago Azul	1	1.133
Coroado	2	10.678	Santa Etelvina	2	1.372
Flores	3	10.642	Colônia A. Aleixo	3	1.507
Santo Antônio	4	9.947	Da Paz	4	1.618
São Francisco	5	8.566	Puraquequara	5	1.765

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013



**Figura 24(a) – Total de Homicídio – Melhores e piores [por bairro]**  
**Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013**

**Figura 24(b) – Habitantes por Homicídio – Melhores e piores [por bairro]**

Soares (2008) destaca que a viloência, particularmente os crimes de homicídios, é tida como imprevisível, ou seja, não seria um fenômeno social e psicologicamente ‘determinável’ e ‘controlável’. Porém, os países mais violentos em um ano também o foram nos anos anteriores. E a área em que ocorre tais eventos são quase sempre as mesmas.

Ao se falar nos crimes de homicídio, têm-se como os melhores bairros para essa natureza os bairros Parque 10, onde para cada homicídio existe uma população de 44.187 pessoas, Coroadão com 10.678, Flores com 10.642, Santo Antônio com 9.947 e São Francisco com 8.566. Já os bairros de Lago Azul, Santa Etelvina, Colônia Antônio Aleixo, Da Paz e Puraquequara, respectivamente com 1.133, 1.372, 1.507, 1.618 e 1.765 pessoas por cada ocorrência registrada figuram entre os mais violentos. Na análise relativizada pela população residente, o único bairro que está presente nas duas análises é Santo Antônio classificado entre os melhores índices pelos dois mapas.

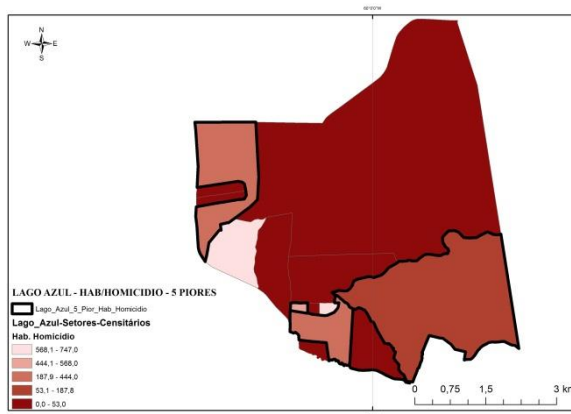
Entre os dados dos piores bairros, tem-se estatísticas alarmantes, pois no bairro Lago Azul para cada 1.133 habitantes tem-se uma morte. Vale ressaltar que esses valores já são os relativizados, ou seja, pessoas por crime. No entanto, não se pode afirmar que todo o bairro apresente essas características, pois assim estaria-se induzindo a estigmatização de toda aquela área como sendo violenta. Na tabela 28 e figura 25, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de homicídio.



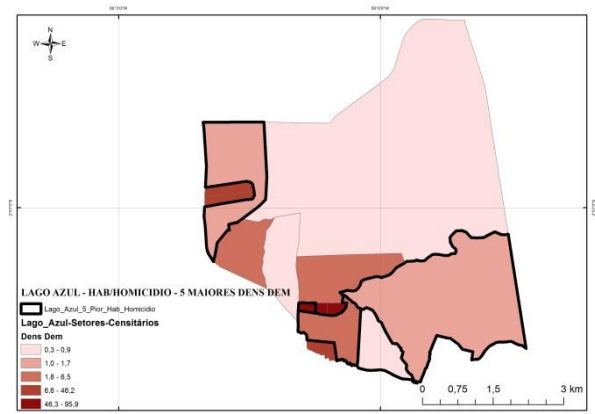
**Tabela 28 – Habitantes por ocorrência de homicídio [por setor censitário]**

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305000038	1	747	130260305000053	1	53
130260305000028	2	671	130260305000049	2	187.8
130260305000027	3	568	130260305000002	3	414
130260305000042	4	444	130260305000042	4	444
130260305000002	5	414	130260305000027	5	568

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 25 (a) – Lago Azul – Habitantes por Homicídio**  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 25 (b) – Lago Azul – Densidade Demográfica**

Vale ressaltar que o bairro a ser analisado possui apenas 7 setores censitários, provavelmente por ser relativamente novo, então a metodologia adotada foi a de pegar os 5 piores e os 5 melhores setores, com isso houve setores que foram repetidos, mas isso não prejudica a análise ou compreensão dos mapas. Ao visualizar os piores setores e associar com o mapa de densidade demográfica, nota-se que os setores analisados são os com adensamento alto ou médio, o que faz concluir que o cometimento de tal natureza ocorre com mais facilidade em setores mais adensados.

### 3.16 Tentativa de homicídio

Na tabela 29 e figura 26, apresentam-se dados e respectivos mapas de ocorrências absolutas e relativas de Homicídio.

Tabela 29 – Tentativa de homicídio - Melhores e piores [por bairro]

VALORES ABSOLUTOS					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	OCOR.	BAIRRO	ORD.	OCOR.
Adrianópolis	1	1	Jorge Teixeira	1	41
Betânia	2	1	Cidade Nova	2	32
Morro da Liberdade	3	1	Cidade de Deus	3	27
Puraquequara	4	1	Novo Aleixo	4	27
Santa Luzia	5	1	Compensa	5	23

VALORES RELATIVIZADOS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE					
MELHORES			PIORES		
BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.	BAIRRO	ORD.	HAB/OCOR.
Dom Pedro I	1	17.449,7	Colônia A. Aleixo	1	1.004,9
Planalto	2	17.281,8	Presidente Vargas	2	1.525,5
Morro da Liberdade	3	11.444,2	São Francisco	3	1.903,6
Betânia	4	10.972,2	Santa Etelvina	4	2.013,3
Aleixo	5	10.542,8	Armando Mendes	5	2.615,4

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

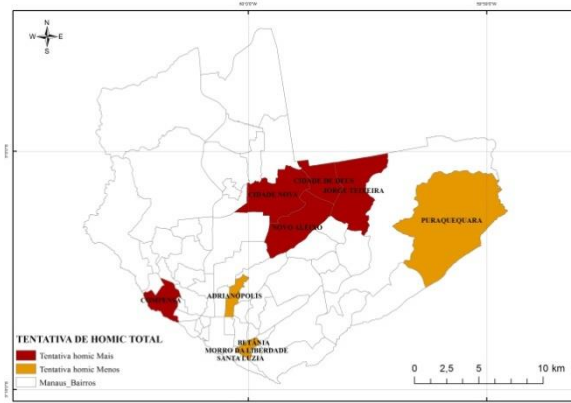


Figura 26(a) – Total de tentativas de homicídio – Melhores e piores [por bairro]  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2013

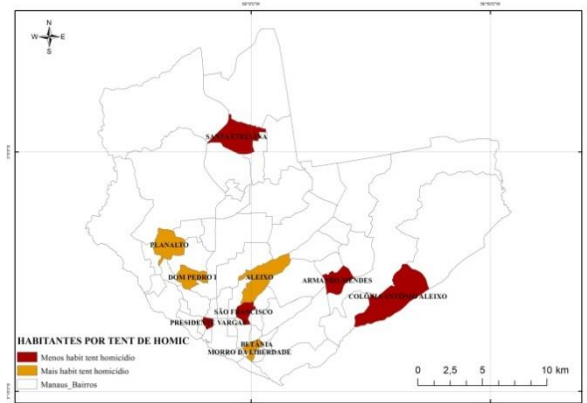


Figura 26(b) – Habitantes por Tentativa de Homicídio – Melhores e piores [por bairro]

Para a natureza de crime tentativa de homicídio o bairro do Parque 10 está presente em ambas as análises entre os de melhores índices criminais. Fora o referido bairro, todos os outros são distintos nas análises, nota-se que no mapa de dados absolutos há uma concentração, porém no mapa dos dados relativizados os bairros estão espacialmente distribuídos em zonas

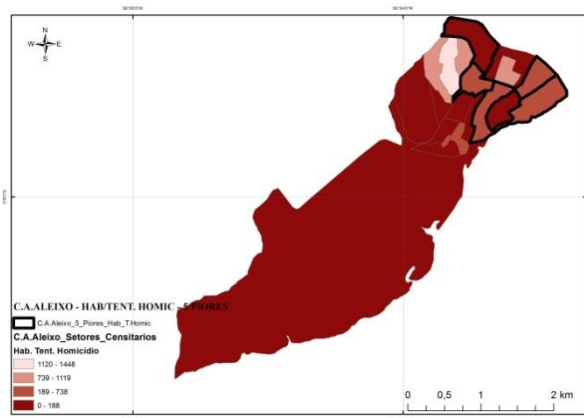
diferentes. No mapa de dados absolutos verifica-se que os piores bairros se concentram em áreas periféricas, além do bairro da Compensa, bairro esse que costuma tomar lugar de destaque entre os bairros mais violentos, isso segundo a mídia e o pensamento influenciado de boa parte da população, contudo, os moradores da referida área sabem que tal realidade não é uma verdade absoluta. É o que Souza (2008) chama de violência percebido, ou seja, violência criada pela imaginário ou por informações desencontradas. O que acaba por criar um estigma para a área em questão.

Na tabela 30 e figura 27, apresentam-se dados e respectivos mapas de habitantes por ocorrência de tentativa de homicídio.

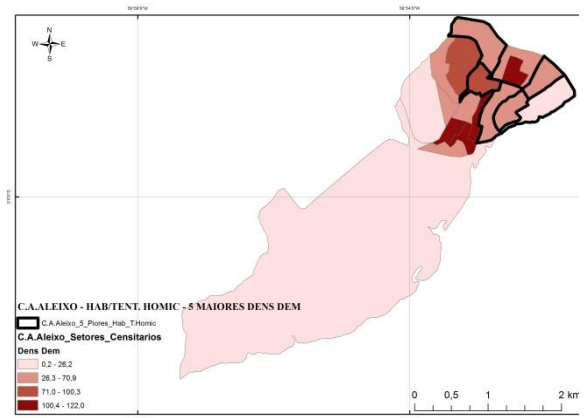
**Tabela 30 – Tentativa de homicídio – Melhores e piores [por setor censitário]**

MELHORES			PIORES		
SETORES	ORD.	HAB/OCOR.	SETORES	ORD.	HAB/OCOR.
130260305100060	1	1448	130260305100053	1	187.5
130260305100057	2	1119	130260305100065	2	479.5
130260305100061	3	1081	130260305100058	3	586
130260305100054	4	942	130260305100055	4	623
130260305100165	5	738	130260305100064	5	669

Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 27(a) – Colônia Antônio Aleixo – Habitantes por Tentativa de Homicídio**  
Fontes: SSP/AM, 2013 e IBGE, 2010



**Figura 27(b) – Colônia A. Aleixo – Densidade Demográfica**

Dentre os piores bairros, foi retirado o pior de todos, nesse caso Colônia Antônio Aleixo onde o pior setor tem 187.5 habitantes para cada registro e o melhor setor tem 1.448

habitantes para cada ocorrência, ou seja, a diferença entre o melhor e o pior setores é de 1.260,5 habitantes. Ao se fazer o comparativo entre os piores setores e a densidade demográfica do bairro verifica-se que entre os 5 setores, apenas um setor é pouco adensado, e chega-se a conclusão que para as áreas mais adensadas são mais propensas ao cometimento dessa natureza de crime.

Retomando os elementos do projeto que nortearam esta pesquisa é possível destacar que os procedimentos metodológicos adotados se mostraram adequados e relevantes para a maioria dos dados, com os resultados finais podendo ser considerados satisfatórios. Entende-se também que os objetivos estabelecidos foram atingidos.

Considera-se que para a maioria dos tipos de crimes as hipóteses levantadas foram confirmadas. Em muitos casos os resultados permitiram concluir que a hipótese de que há relação entre a densidade demográfica e ocorrências policiais foram confirmadas. Em alguns casos a criminalidade está diretamente proporcional à densidade demográfica; noutros ocorreu o inverso. Houve casos em que os dados não permitiram concluir haver relação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisou-se a perspectiva da criminalidade por meio da relativização das ocorrências, por entender que os dados trabalhados de forma absoluta deixam de observar o crime de forma mais minuciosa, pois notadamente um mapa criminal com os dados absolutos é um e o mesmo mapa gerado com os dados relativos é outro, e em muitas naturezas de crime muda completamente. Bairros que são considerados perigosos deixam de estar em evidencia, não apresentando mancha de criminalidade a ponto de se destacar. Ao analisar a luz de algumas teorias criminais concebe-se o entendimento de que o crime possui fatores, além dos fatores pessoais e internos como comumente vê-se ou ouve-se falar, sem levar em consideração os fatores externos e ambientais, que porventura venham a influenciar a conduta criminal do indivíduo.

É notório também que maior parte dos bairros que se destacam nas ocorrências relativizadas é oriunda de invasões, os quais teve seu surgimento devido à segregação sócio-espacial, falta da infraestrutura necessária para a consolidação em padrões adequados.

A Teoria da Desorganização Social resulta demonstrada no presente caso, no sentido de que nos ambientes que possuem uma maior desorganização, a criminalidade se reproduz. A desorganização social gera a perda dos mecanismos de controle social que são estabelecidos em uma sociedade normal, isso faz com que se desenvolvam mais condutas atípicas e aumente o índice de criminalidade nos locais desorganizados e desestruturados. É perceptível que o método de investigação feito pela Escola Ecológica é usado para basear os estudos atuais. Na pesquisa citada anteriormente para se estabelecer as taxas de violência, estudaram os espaços urbanos e as condições humanas a que estavam submetidos os seus moradores, e concluíram que os maiores índices de criminalidade estavam presentes nos locais tomados pela desorganização e pobreza.

Ao relativizar as ocorrências criminais pela população residente tem-se um mapa criminal diferente do apresentado pela mídia local. Esse enfoque feito em cima de determinados bairros traz prejuízos econômicos, pois os imóveis das áreas nos quais a imprensa os classifica como perigosos tornando-os desvalorizados. Traz ainda prejuízos sociais, já que esses bairros ficam estigmatizados diante do restante da população. Ao comparar os mapas não há praticamente similaridade, pois o mapa criminal trabalhado com os valores absolutos costuma criar um estigma, pois vê-se que na maioria deles os piores bairros estão na periferia, sendo comum aparecer as mesma áreas e zonas da cidade. Os mapas dos dados absolutos por

ocorrências totais, de furto e roubo são os mesmos, no entanto, ao relativizar as ocorrências pela população vê-se que o mapa muda completamente, tendo poucos bairros repetidos em comparação aos dois mapas. Porém, não há semelhança de mapas entre os dados relativos.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. *Exclusão socioeconômica e violência urbana. Sociologias*. Em línea. Porto Alegre, 2002, vol. 4, nº 8, p. 84-135. <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>>. 15 de fev de 2014.
- ADORNO, Sérgio; CARDIA, Nancy; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Organizadores). *Manual de Policiamento Comunitário: Polícia e Comunidade na Construção da Segurança*. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP), 2008.
- BARCELLOS, O.; PEREZ, R. *A dinâmica da criminalidade brasileira entre a exclusão social e o crescimento econômico. Perspectiva Econômica*. En línea. São Leopoldo (RS), 2009, vol. 5, nº 2, p. 92-112. <<http://www.perspectivaeconomica.unisinos.br/pdfs/93.pdf>>. 25 de março de 2015.
- BEATO, C.C. *Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. Revista Brasileira de Ciências Sociais* (online0, vol.13,n.37, pp.74-87, 1998. Disponível em; <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269091998000200004&tIng=em>. Acesso em: 18 julho.2014.
- BEATO FILHO, C.; REIS, I. *Desigualdade, desenvolvimento socioeconômico e crime*. In HENRIQUES, R. (Org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. En línea. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, p. 385-403. <<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/desigualdadeepobrezabrasil/capitulo13.pdf>>. 3 de mai de 2015.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: ed. 34 / Edusp, 2000.
- CÂMARA, G.; MEDEIROS, J. S. *Geoprocessamento para Projetos Ambientais*. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, São José dos Campos, 1996.
- CERQUEIRA, D.; LOBÃO, W. *Criminalidade: social versus polícia. Texto para Discussão, IPEA*. En línea. Rio de Janeiro, 2003, nº 958, p. 1-16. <[http://www.ipea.gov.br/pub/td/2003/td\\_0958.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0958.pdf)>. 12 de mar de 2015.
- CHAUÍ, M. *Introdução à Filosofia*. Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Modelagem de Sistemas Ambientais*. 1º ed., São Paulo, Edgard Blücher, 236p. 1999;
- COSTA, A. M.. *Raízes da sociedade criminógena*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010. p. 291.
- DELLASOPPA, Emílio; Bercovich, Alícia e Arriaga, Eduardo. *Violência, Direitos Civis e Demografia no Brasil na Década de 80: o caso da área metropolitana do Rio de Janeiro*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 14 (39) PP. 155 – 176. 1999.

- FARIAS, Paulo J. L. *Respeito as funções urbanísticas e a prevenção da criminalidade urbana: uma visão integrada à luz da Escola de Chicago*. Direito Público, Porto Alegre, v.4, n.15, p. 90. jan./mar. 2007.
- FERNANDES, Newton e FERNANDES, Valter. *Criminologia integrada*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004;
- FRAILE, P. *La percepción de seguridad: entre el delito, el conflicto y la organización del espacio*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. En línea. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (62). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24562.htm>> 22 de dez de 2014.
- FREIRE, José R.B. (Coord). *A Amazônia Colonial*. 4ª Ed. Manaus: Metro Cúbico. 1990.
- FREITAS, Wagner C. P. *Espaço urbano e criminalidade: Lições da Escola de Chicago*. São Paulo: IBCCrim, 2002;
- GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo: Francis, 2003.
- GOMES, Luiz Flávio. *Urbanização Desordenada + Miséria = Criminalidade*. 2002.
- LOMBROSO, Cesare. *O Homem delinqüente*. Tradução de Sebastião José Roque. 1ª Edição, Editora Ícone. São Paulo-SP, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MISSE, Michel. *Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil- 1995*. Disponível em: <http://site.bbairsoftgun.com/aula/cinco-teses-equivocadas.RTF>. Acesso em: 18 jul 2014.
- NASCIMENTO, Maria Evany do. *Patrimônio e memória da cidade: monumentos do centro histórico de Manaus, 2003*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- NEGREIROS, J. Menores e delinqüências – que intervenção?. In J. M. Vidal (coord.), *O Direito de Menores: reforma ou revolução?*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- NEGREIROS, J. *Delinqüências juvenis: Trajectórias, intervenções e prevenção*. 1ª Ed. Lisboa: Notícias Editorial, 2001.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *O Estudo Global sobre Homicídios 2012*. Disponível em: [https://www.unodc.org/documents/dataandanalysis/statistics/GSH2013/2014\\_GLOBAL\\_HOMICIDE\\_BOOK\\_web.pdf](https://www.unodc.org/documents/dataandanalysis/statistics/GSH2013/2014_GLOBAL_HOMICIDE_BOOK_web.pdf). Acesso em: 15 de mar de 2014.



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *O Estudo Global sobre Homicídios 2013*. Disponível em: <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2014/04/10-some-437000-people-murdered-worldwide-in-2012-according-to-new-unodc-study.html>. Acesso em: 07 de fev 2014.

PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2006.

ROCHA, C. H. B. *Geoprocessamento Tecnologia Transdisciplinar*. Juiz de Fora, Edição do Autor, 220p. 2000.

RONDON, V. V.; ANDRADE, M. V. *Custos da criminalidade em Belo Horizonte*. ECONOMIA, Niterói (RJ), v.4, n. 2, p.223-259, jul./dez. 2003.

SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979;

SANTOS, M.J.;KASSOUF, A.L. *Uma investigação econômica da influência do mercado de drogas ilícitas sobre a criminalidade brasileira*. Revista Economia, 8 (2): 187 – 210, 2007.

SILVA, B. F. A. *Desorganização, oportunidade e crime: uma análise 'ecológica' dos homicídios em Belo Horizonte*. 2012. 175f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte;

SILVA, D. F. M., & Hutz, C. S. *Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção*. In: C. S., Hutz, (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 151-185). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SHECAIRA, Sergio S. *Criminologia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013;

SOARES, G. A. D. *Não Matarás: desenvolvimento, desigualdade e homicídios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

SOUZA, Marcelo L. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

PEIXOTO, B. T; MORO, S.; ANDRADE, M. V. *Criminalidade na Região Metropolitana de Belo Horizonte: uma análise espacial*. In *Anais do 11º Seminário sobre a Economia Mineira*, 2004. En línea. Diamantina, MG: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais/UFMG, 2004.  
<<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A016.PDF>>. 15 de mar de 2014.

VIAPIANA, L.T; BRUNETE, J.F.G. *Padrões de criminalidade no Rio Grande do Sul- 1997-2004*. Disponível em:

[http://www.scp.rs.gov.br/uploads/PadrõesdeCriminalidade\\_1997\\_2004\\_rev\\_2pdf](http://www.scp.rs.gov.br/uploads/PadrõesdeCriminalidade_1997_2004_rev_2pdf). Acesso em: 18 jul 2014.

ZALUAR, A; NORONHA, J.; ALBUQUERQUE, C. *Violência: pobreza ou fraqueza institucional?* Cadernos de Saúde Pública. En línea. Rio de Janeiro, 1994, vol.10, supl.1, p. S213-S217. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a16.pdf>. Acesso em: 22 de fev de 2015.